COLECÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA

SÓFOCLES

TRAGÉDIAS
DO CICLO TEBANO

REI ÉDIPO
ÉDIPO EM COLONO
ANTÍGONA

VERSÃO DO GREGO PELO
PADRE DIAS PALMEIRA

LIVRARIA SÁ DA COSTA
EDITORA LISBOA

SÓFOCLES

TRAGÉDIAS

COLECÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA

Autores portugueses Autores estrangeiros

À venda:

SÁ DE MIRANDA — Obras completas, *2 volumes*
F. MANUEL DE MELO — Cartas Familiares, *selecção*
JOÃO DE BARROS — Panegíricos
TOMÁS A. GONZAGA — Marília de Dirceu e mais poesias
DESCARTES — Discurso do Método, Tratado das Paixões da Alma
DIOGO DO COUTO — O Soldado Prático
FREI LUÍS DE SOUSA — Anais de D. João III, *2 volumes*
HOMERO — Odisseia, *2 volumes*
FREI ANTÓNIO DAS CHAGAS — Cartas Espirituais, *selecção*
M.me DE SÉVIGNÉ — Cartas Escolhidas
ANTÓNIO FERREIRA — Poemas Lusitanos, *2 volumes*
HEITOR PINTO — Imagem da Vida Cristã, *4 volumes*
FRANCISCO RODRIGUES LOBO — Poesias, *selecção*
MARQUESA DE ALORNA — Poesias, *selecção*
MARQUESA DE ALORNA — Inéditos, *selecção*
FILINTO ELÍSIO — Poesias, *selecção*
LA BRUYÈRE — Os Caracteres
AFONSO DE ALBUQUERQUE — Cartas, *selecção*
FRANCISCO XAVIER DE OLIVEIRA — Cartas, *selecção*
GIL VICENTE — Obras Completas, *6 volumes*
BOCAGE — Poesias, *selecção*
AMADOR ARRAIS — Diálogos
HOMERO — Ilíada, *3 volumes*
JOSÉ DA CUNHA BROCHADO — Cartas, *selecção*
DIOGO DE PAIVA DE ANDRADA — Casamento Perfeito
FRANCISCO RODRIGUES LOBO — Corte na Aldeia
JOÃO DE BARROS — Décadas, *selecção, 4 volumes*
DIOGO BERNARDES — Obras Completas, *3 volumes*
CANCIONEIRO DA AJUDA — *volume I*
CAMÕES — Obras Completas, *5 volumes*
FREI LUÍS DE SOUSA — Vida de D. Frei Bartolomeu dos Mártires, *3 volumes*
DIOGO DO COUTO — Décadas, *2 volumes*
HOMERO — Poemetos e Fragmentos
FONTES MEDIEVAIS DA HISTÓRIA DE PORTUGAL — *volume I*
LUÍS A. VERNEY — Verdadeiro Método de Estudar — *5 volumes*
BERNARDIM RIBEIRO — Obras Completas, *2 volumes*
P.e ANTÓNIO VIEIRA — Obras Escolhidas — *12 volumes*
JOÃO DE BARROS — Crónica do Imperador Clarimundo, *3 volumes*
DANTE — A Divina Comédia, *3 volumes (II e III no prelo)*
FRANCISCO DE HOLANDA — Diálogos de Roma.
DEMÓSTENES — Oração da Coroa.
SÓFOCLES — Tragédias do Ciclo Tebano.

A seguir:

Outras obras em preparação.

Cada volume 25$00 — Tiragem especial de 100 ou 200 exemplares, numerados e rubricados. 90$00

Sófocles. Museu de Latrão

COLECÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA

•

Sófocles

TRAGÉDIAS
DO CICLO TEBANO

REI ÉDIPO • ÉDIPO EM COLONO • ANTÍGONA

Versão do grego, prólogo e notas pelo

P.e Dias Palmeira

LIVRARIA SÁ DA COSTA—EDITORA

Rua Garrett, 100-102 LISBOA

PRÓLOGO

I

SÓFOCLES

TRAÇOS BIOGRÁFICOS *(1)* — *Sófocles nasceu em Colono* — demos *a uns dez estádios de Atenas, que por sua paisagem pitoresca lhe mereceu um dos mais belos cânticos do seu* Édipo em Colono. *A data é duvidosa: calcula-se que seria entre 497 e 494 antes de Cristo.*

Como Sofilus, *seu pai, era um fabricante abastado, o filho pôde ter uma educação distinta e* cresceu na abundância, *como diz a* Vita anonyma. *Foi sobretudo na música e na*

---

(1) A respeito da vida de Sófocles, as fontes são muito escassas. A principal é uma *Vita anonyma* composta com dados fornecidos por Aristóxeno, Sátiro e Istro, bem como as *Epidemiai*, de Ião de Quios, seu contemporâneo, e pouco mais (Cf. Christ-Schmid, *Geschichte der Griechischen Litteratur*, I, München 1912, p. 309).

ginástica que mais se salientou, chegando a ser coroado, repetidas vezes.

Iniciou-o na primeira daquelas artes Lampros, um mestre de Atenas muito louvado por Aristóxeno, a cujos ensinamentos permaneceu sempre fiel. Demonstrou isto nos festejos em comemoração da batalha de Salamina, em que, apenas da idade de 15 anos, recebeu o honroso encargo de preceder com a lira o coro de efebos, que, cantando e dançando, executavam o péan. Além disso, ele próprio compunha as melodias dos seus Coros, *ao passo que Eurípides era obrigado a servir-se do auxílio alheio.*

Tinha uma voz débil; por isso, nunca entrou como protagonista nos seus dramas. E, se uma vez fez parte da representação da sua peça Thamyris, *foi ùnicamente como tangedor de cítara. A* Vita *refere-se também a este facto:* Fertur et cithara semel aliquando cecinisse in Thamyride...

Era não só dotado de uma perfeita harmonia das faculdades físicas e morais, mas também um hábil desportista. Provou-o na representação do seu drama, as Lavadeiras, *em que entrou uma vez mais no desempenho do papel de Nausícaa, mostrando-se, então, um ágil jogador da bola.*

Na tragédia Ésquilo foi o seu mestre (1). Esta foi sua vocação decidida, na qual adquiriu triunfos retumbantes que cedo lhe tornaram o nome célebre. Um exemplo: Tendo apenas 28 anos, com o drama Triptólemo, *em 486, tanto pela escolha do assunto, como também pelo modo como fora desenvolvido, impressionou vivamente o público e triunfou de Ésquilo, sendo-lhe adjudicado o primeiro prémio (2). Esta decisão representava mais do que o triunfo do jovem poeta sobre o provado mestre: era a vitória de uma nova concepção artística. Só assim se explica o interesse dos espectadores e o entusiasmo da maioria em pró do rival do velho soldado de Maratona. Além disso, devemos tomar em consideração que, ao passo que a arte de Ésquilo se caracteriza ainda por uma certa rudeza arcaica, Sófocles gravita já na esfera de Fídias e de Péricles; nele predo-*

---

(1) Diz a *Vita*: *Ab Aeschylo didicit tragoediam multaque in certaminibus novavit.* Isto, porém, não se deve entender à letra; foi discípulo de Ésquilo, apenas no sentido, em que Píndaro o foi do velho lírico Simónides.

(2) Refere Plutarco (*Cim.*, 8) que Apsefião, o arconte que presidia ao espectáculo, vendo as rivalidades entre os admiradores de Ésquilo e os do nóvel poeta, não sorteou os árbitros, como era costume, mas deixou o caso a Cimão, filho de Milcíades, que regressava, vitorioso, a Atenas, e aos seus generais.

mina sensìvelmente o elemento jónico. Eram, portanto, duas épocas diferentes que se defrontavam.

Nos dez anos seguintes, os dois trágicos dominaram o palco, em Atenas, com alternativa de êxito, não se envergonhando Ésquilo de aprender de Sófocles e evitando este os erros daquele (1). Mas Sófocles também aprendia de Ésquilo, sobretudo quanto aos assuntos, motivos e à linguagem da tragédia. Pode até dizer-se que a maioria das tragédias de Sófocles que possuímos são refundições, segundo novas leis artísticas, de assuntos tratados por Ésquilo.

Depois da morte de seu rival, tornou-se o predilecto dos Atenienses; foi, por essa causa, investido de altos cargos na vida pública, não obstante, em política, *como Ião refere,* não ser mais hábil, nem ter mais iniciativa que outro qualquer dos bons homens de Atenas. *Por ocasião da guerra de Samos (441-439) foi eleito general por seus concidadãos, tendo 55 anos de idade — eleição que Aristófanes de Bizâncio atribui ao efeito produzido pela representação da* Antígona *(2). Durante este*

---

(1) Em 467, Ésquilo vencia com os *Sete contra Tebas*; e, em 458, com a *Oréstia*.

(2) 55 *annos natum, anno 9 ante bellum Pelopone-*

tempo, encontrou-se em Quios com o poeta Ião, que dele conta a maneira como conseguiu beijar uma criança, num festim. E, aplaudindo todos o seu estratagema, Sófocles disse então: Eu aprendo, amigos, a estratégia, visto Péricles dizer que me fazia general e eu não saber comandar *(1)*.

Por uma segunda vez, foi ainda eleito general, ao lado de Nícias. Como diz Plutarco (Nic., 15), *intimado um dia por este a expor a sua opinião como o mais velho do conselho, replicou modestamente, aludindo à provada competência de Nícias:* eu sou o mais idoso, mas tu o mais respeitável.

Em 443, desempenhava a função de hellenotamia, *isto é, fazia parte do corpo administrativo nomeado pela* Ecclesia *para receber os tributos que as cidades aliadas pagavam a Atenas.*

Mais tarde, em 411, depois do desastre da Sicília, fez parte da comissão oligárquica

---

siacum, in bello adversus Anaeam, ducem crearunt Athenienses (Vita).

(1) Cícero refere o caso de outra maneira: *Pericles cum haberet collegam in praetura Sophoclem iique de communi officio convenissent et casu formosus puer praeteriret dixissetque Sophocles «o puerum pulchrum, Pericle», «at enim praetorem, Sophocle, decet non solum manus, sed etiam oculos abstinentes habere» (De Off., I, 144).*

dos dez próbulos, *se, na verdade, se refere ao poeta a notícia arquivada por Aristóteles. Escreve este*: Sophocles interrogatus a Pisandro, «num ipse sententia sua, sicut reliqui senatores quadringentos viros constituisset?» concessit. «Quid? ait ille, nonne res improba tibi videbatur?» Concessit. «Ergo tu sponte rem improbam peregisti?» — «Utique, inquit; non enim erant alia meliora.» *(1)*.

Casara-se com Nicóstrata, de quem tivera vários filhos, entre os quais Iofão, que foi também poeta trágico. Este e não Aristão é, segundo Kaegi (2), o pai de Sófocles o Jovem, que se dedicou igualmente à tragédia e foi o benjamim do velho Sófocles. Mas esta preferência provocou divergências na família que lhe ensombraram a velhice. Segundo uma tradição, que deve ter muito de verdade, por

---

(1) *Rhetorica*, III, 18, 30. — Dindorf contesta que o Sófocles, a que Aristóteles se refere, seja o poeta trágico (*Vita Soph.*, p. XX *sq.*).

(2) *Griech. — Deutsches Schulwörterbuch*, p. 436. — Como dizem Christ-Schmid, *a narrativa dos amores do velho poeta com Theoris e a do seu filho Aristão não merece crédito algum* (*op. cit.*, p. 314). O mesmo opina A. Schröll, baseado no dito de Sófocles na *República* de Platão (I, 329, c), que, nessa altura, era já de avançada idade: *eu estou muito contente,* respondeu ele a Céfalo, *por ter escapado do amor, como de um tirano furioso e selvagem.*

esta causa ou talvez também por questões administrativas, Iofão querelou contra o pai sob pretexto de paranóia: recitando, porém, como prova de que estava escorreito, o magnífico cântico do Édipo em Colono *em louvor da Ática, ele de tal modo entusiasmou os juízes, que rejeitaram com indignação a queixa do filho (1).*

Aristófanes (2) pinta-o de carácter alegre e despretencioso, que o fazia bem visto e desejado na roda dos amigos; era um gentleman, *uma figura imponente, tal como a estátua de Latrão (3) no-lo representa, a que se aliava*

---

(1) Isto é confirmado pela *Vita*: *...et (Iaphontem) ad sodalitia nomem patris deferentem, quasi prae senectute delirantis... qua occasione sic argumentatum esse eum, Satyrus refert: Si quidem Sophocles ego sum, non deliro; si vero insanio, non sum Sophocles; et deindè Oedipodem recitasse*! O testemunho de Cícero é ainda mais explícito: *Sophocles ad summam senectutem tragoedias fecit: quod propter studium cum rem negligere familiarem videretur, a filiis in judicium vocatus est, ut, quemadmodum nostro more male rem gerentibus patribus bonis interdici solet, sic illum quasi desipientem a re familiari removerent judices. Tum senex dicitur eam fabulam, quam in manibus habebat et proxime scripserat, Oedipum Coloneum, recitasse judicibus quaesisseque, num illud carmen desipientis videretur. Quo recitato sententiis judicum est liberatus* (*Cat. Mai.*, 7, 22). Plutarco e Luciano dizem essencialmente o mesmo.

(2) *Rãs*, 82.

(3) Esta escultura, descoberta em 1839, em Terracina, talvez cópia da estátua de bronze que Licurgo, por 340, mandara colocar no Teatro de Dionísio, em Atenas,

uma captivante amabilidade e doçura. Inofensivo como uma criança, não teve inveja a Eurípides; e até, constando-lhe da sua morte, instituiu uma cerimónia fúnebre, na qual se apresentou, vestido de luto, à frente dos coreutas e dos actores, todos de cabeça descoberta.

Morreu no Outono de 406 com 91 anos de idade, sem nunca ter deixado a sua pátria, não obstante o convite de príncipes estrangeiros, porque, *dizia ele,* quem vai para o paço de um monarca torna-se escravo, ainda que seja um homem livre. *Era demasiadamente honrado pelo povo, para consentir em abandonar Atenas, onde encontrava toda a sua felicidade. Sim; a sorte favoreceu-o constantemente; e foi, por isso, considerado pelos contemporâneos o tipo do* homem feliz.

Quanto à causa da sua morte, parecem ser invenções tardias o que diz a Vita *(1), pois*

é sem dúvida a mais bela das que de Sófocles se conhecem. Pertence, quanto ao estilo, à segunda metade do séc. IV a. de Cristo. Executada com toda a correcção, não corresponde todavia tanto à realidade, como ao fim decorativo, a que se destinava.

(1) ... tradunt Istrus et Neanthes: Callippidem actorem... uvam ei misisse, cujus inditum ori acinum adhuc acerbum causam mortis fuisse seni decrepito. Contra Satyrus narrat, recitantem illum Antigonem, cum circa finem

que nem Aristófanes nem Frínico fazem menção disso. Este dedicou-lhe nas Musas *o seguinte necrológio:* Feliz Sófocles! Sorriu-lhe a sorte e foi hábil. Morreu após uma longa vida e depois de ter escrito muitas e belas tragédias. Ele teve uma bela morte e não sofreu jamais um dissabor!

Foi sepultado no jazigo da família, a 11 estádios de Atenas, junto da estrada para Deceleia; e sobre o seu túmulo mandaram gravar uma figura emblemática, símbolo da poesia, talvez uma sereia ou, segundo outros, um enxame de abelhas, em alusão à doçura de seus versos.

Mas com a morte não se extinguiu a glória de Sófocles: os Atenienses, como Istro narra, decretaram honrar todos os anos a sua memória, oferecendo-lhe um sacrifício.

AS OBRAS — *A maior parte das obras de Sófocles desapareceu. Segundo o gramático Aristófanes, ele deve ter escrito, além de elegias e péans, 123 dramas, o que concorda com*

---

in longiusculam sententiam incidisset... nimis intenta voce, cum voce animam efflasse. Alii vero, quod, recitato dramate, victor proclamatus fuerit, gaudio victum obiisse, memoriae prodiderunt.

o cálculo de Suídas. Outros reduzem o número a 115, aproximadamente. Em todo o caso, não há dúvida alguma que foi o mais fecundo dos três grandes trágicos e quem mais vitórias alcançou (1). Das suas tragédias, porém, só restam sete: Ájax, Electra, Rei Édipo, Antígona, Traquinienses, Filoctetes *e* Édipo em Colono; *das outras peças, conhecem-se, de quase todas, apenas os títulos e existem fragmentos valiosos, entre os quais o do drama satírico,* Icneutas, *descoberto, em 1912, num papiro egípcio.*

Quanto à ordem cronológica, não possuímos elementos bastantes para a fixar; só podemos dizer com F. W. Schneidewin que o Ájax *é o mais antigo dos dramas que nos restam de Sófocles, o qual, certamente, foi composto antes da Ol. 84,3 (2).*

Relativamente ao assunto, 31 das peças, pouco mais ou menos, versavam sobre o ciclo de Tróia, seis sobre o ciclo tebano; e as outras tratavam de lendas da Ática (3) e do ciclo de

---

(1) Venceu nos concursos 24 vezes, segundo a indicação de Suídas. Algumas vezes ganhou o segundo prémio; mas nunca foi classificado em terceiro lugar.

(2) Cf. *Sophokles,* Berlin, 1855, I, p. 29.

(3) O *Édipo em Colono* pertence, em parte, a este grupo e, em parte, ao ciclo tebano, juntamente com o *Rei Édipo* e a *Antígona.*

Baco e Heracles. De todas elas, as sete conservadas são provàvelmente das melhores; e, se bem que não nos podem dar uma ideia completa do génio de Sófocles, bastam todavia para lhe assegurarem um dos primeiros lugares, entre os dramaturgos de todos os tempos (1).

De entre os códices que no-las transmitiram, o principal é o da Bibliotheca Laurentiana, *do séc. XI, que foi provido de escólios e corrigido e acrescentado por mãos diferentes. Este é o melhor códice das tragédias de Sófocles; e, na opinião de C. G. Cobet, a fonte de todos os outros. Além do* Laurentianus, *merece ser também mencionado o* Parisinus *(Biblioteca Nacional de Paris), do séc. XIII, que contém a* Vida de Sófocles, *a qual falta no* Laurentianus, *e é acompanhado de pequenos escólios. Os códices mais recentes que derivam da recensão de* Triclínius, *são inutilizáveis. Das edições, a mais importante é a* princeps *de* Aldus *(Veneza, 1502) e*

---

(1) Na qualidade de dramaturgo, Sófocles foi também o fundador da primeira sociedade dramática, que serviu de modelo às sociedades congéneres posteriores, na Grécia e em Roma (Cf. A. Gercke, *Griechische Literaturgeschichte*, Berlin und Leipzig, 1913, I, p. 69).

a de Paris (1568) com escólios de Stephanus, *a qual com seu texto tricliniano foi a* vulgata *até ao séc. XIX (1).*

II

TEATRO DE SÓFOCLES

INOVAÇÕES — *Sófocles excedeu a Ésquilo, elevando a tragédia grega, por uma concepção diferente do trágico e por uma série de inovações derivadas daí, ao seu mais alto grau de perfeição.*

Ao passo que este se preocupava sobretudo com o problema religioso, mostrando de contínuo a acção divina e a lei da fatalidade a oprimir titãs ou semideuses, ele, mais humano e psicólogo profundo, faz derivar toda a acção, quanto possível, do carácter das personagens. É verdade que para Sófocles os deuses continuam a ser os mesmos; conservam-se todavia mais afastados do homem, que, portanto, também é mais livre em suas operações. E precisamente a vontade humana e sua maneira de agir, nas diferentes circuns-

---

(1) Cf. Christ-Schmid, *op. cit.*, p. 344 e seg. e J. Gow-S. Reinach, *Minerva*, Paris, p. 37.

tâncias da vida, eis o que ele pretende justificar e não, como Ésquilo, os decretos dos deuses impostos ao homem. Sinceramente religioso e acatando esses decretos, perscruta com toda a serenidade os escaninhos mais recônditos da alma humana e observa respeitosamente a acção divina manifestando-se aí e a luta das personagens contra os males que as assediam, sem se preocupar com a conciliação destes dois elementos: — o poder sobrenatural e a liberdade do homem.

Pode, por isso, dizer-se que em Sófocles o drama é todo psicológico; e que ao lado de Ésquilo — o poeta da fôrça — ele nos aparece como o poeta do espírito e do coração *(1). Deste modo, todo o interesse do teatro não está tanto no horror das grandes catástrofes que comovem, como na atitude do homem livre em face de suas desventuras (2).*

O homem é, pois, para Sófocles o centro de toda a acção dramática; e por esta concepção podemos considerá-lo o pai do teatro moderno. Mas ele era um contemporâneo de Fídias e dos grandes artistas do século de Péricles; em vez dos heróis nublosos de És-

---

(1) A. Vögele, *Der Pessimismus und das Tragische in Kunst und Leben*, Freiburg im Breisgau, 1910, p. 186.
(2) Vid. Ch. Georgin, *Oedipe-Roi*, p. 13, 14.

quilo, apresenta-nos diante dos olhos seres reais, de uma elegância plástica, como as esculturas do seu tempo. E, avançando mais, elimina até as barreiras entre as virtudes masculinas e femininas, que para os Gregos tinham, em geral, um valor independente. É o primeiro que à mulher atribui feitos de sublime grandeza; e cria o tipo de heroína, de que Eurípides se iria apropriar para efeitos teatrais (1).

Concebido o teatro desta maneira, outras inovações se impunham, lògicamente.

Como para Sófocles todo o interesse do drama radica mais na vontade e psicologia das personagens do que no mito em si e nas ideias éticas, importa-lhe, por isso, desenvolver os caracteres e dar-lhes ocasião de se manifestarem bem nìtidamente, para que a catástrofe resulte com toda a naturalidade e como um desfecho lógico; assim a acção adquire vida mais intensa e multiplicam-se os episódios secundários, que, ao mesmo tempo, têm por fim preparar e impedir que a catástrofe se precipite antecipadamente (2).

---

(1) Cf. Christ-Schmid, *op. cit.*, p. 320.

(2) Na *Antígona*, por exemplo, o diálogo, ao princípio, entre as duas irmãs serve apenas para mostrar a antinomia dos seus caracteres.

Para conseguir isto foi de grande importância a introdução de um terceiro actor, em vez dos dois de Ésquilo; com ele o diálogo ganhou em variedade e amplidão; e a acção dramática desenvolveu-se com mais liberdade (1). Simultâneamente, o Coro perdeu importância. Ainda que o número dos coreutas subiu de 12 até 15 (2), contudo o seu papel foi reduzido às partes líricas e musicais e a ser, em certo modo, um eco ou comentário dos diferentes estádios da acção e do sentimento das personagens; e era só acidentalmente que o corifeu tomava parte no diálogo em frente dos três actores que representavam no palco.

A consequência, porém, mais importante da nova concepção do teatro foi a rutura do nexo trilógico ou tetralógico, a qual estava também em íntima dependência da introdução do terceiro actor. Se bem que o texto de Suídas é muito discutido (começou a decertar,

---

(1) *Ac numerum histrionum ex uno ad duos primus produxit Aeschylus, et partes chori minuit, et actorem primarum partium instruxit; tres autem actores et scenae picturam Sophocles* (Aristóteles, *op. cit.*, IV, 17).

(2) Isto é testemunhado pela *Vita*: *..chori numerum a duodenaria in quidenos mutando*, com o que concorda Suídas.

drama contra drama, mas não a tetralogiar), *sabemos contudo pelas peças que de Sófocles possuímos que ele abandonou o sistema tetralógico de Ésquilo e compôs tragédias independentes, que em si formam um todo perfeito e uno. Como o desenvolvimento de uma vontade humana lhe dava assunto para uma tragédia com princípio, meio e fim, seria descabido romper a unidade e quebrar a tensão dramática por meio de divisões. Todavia o assunto é muito obscuro; e, visto grande parte das peças de Sófocles se terem perdido, nunca poderemos saber até onde se estendeu a inovação (1).*

CARACTERES — *São os caracteres que, enraizados nas profundezas da alma humana, dirigem e determinam a acção dramática, tornando-se assim um princípio de unidade na variedade dos episódios. Para fundamentar bem este princípio, Sófocles procura, antes de tudo, reunir um depoimento rico e variado de elementos psicológicos característicos, de contrastes vivos e de manifestações de todo o*

---

(1) Sófocles aperfeiçoou também a decoração cénica, a que se refere o texto de Aristóteles, acima citado (p. XXI, n. 1).

genero, que revelem claramente a alma aos olhos dos espectadores. Deste modo, impõe a seus personagens uma vida dramática intensa, que os faz admirar pelas fortes impressões que despertam e os torna tanto mais interessantes, quanto de mais perto se observam. Eles distinguem-se à primeira vista, quer os consideremos em conjunto, quer em separado, pelo carácter que os informa: são almas de um corte bem pessoal, sobretudo os protagonistas, de ideias claras e de uma vontade decidida; sabem bem o que querem e têm plena consciência dos seus actos, que dimanam de uma convicção profunda. O Rei Édipo, Ájax, Filoctetes, Electra, Antígona são deste número — caracteres bem vincados, inconfundíveis, não envoltos no halo misterioso da lenda, como os heróis de Ésquilo; ao contrário, são homens como nós, em cuja existência real somos tentados a acreditar; são homens, em que vibra a variada gama dos sentimentos humanos. Édipo é altivo e violento, mas, chegada a ocasião, sabe chorar e comover-se; Ájax é sensível à dor alheia, apesar de vingativo; Filoctetes, abatido pelo sofrimento, permanece obstinado; Electra verte lágrimas de alegria e freme com desejos de vingança; Antígona, em seu intrépido heroísmo, cris-

pa-se perante a morte e sente vivas saudades da luz do Sol que vai deixar. E porque tais personagens são eminentemente humanos; porque pisam a mesma terra e respiram o mesmo ar que nós, por isso, são-nos simpáticos e nós compreendemo-los, ao invés dos heróis esquilianos, que olham para nós de uma região longínqua — figuras hieráticas, que a custo reconhecemos.

Depois há as personagens secundárias: Hemão ingénuo e vivo, Ismena tímida e prudente, Neptólemo generoso e indeciso, Creonte, na Antígona, *cego e pertinaz, Ulisses hábil e astuto, Menelau e Agamemnão, Tirésias e Jocasta..., distintos todos por caracteres vivos e variados e por contrastes flagrantes (1).*

Importa, pois, acentuar: o teatro de Sófocles é verdadeiramente a imagem da vida; povoa-o uma plêiade bem característica e de sentimentos palpitantes. Ora, a arte de pôr em cena personagens vivos, de vincar seus caracteres peculiares e de os opor uns aos outros foi ele quem a criou; em Ésquilo existia em embrião, mas Sófocles desenvolveu-a e aperfeiçoou-a, guiado pelo seu génio e pela

---

(1) Cf. Croiset, *Manuel d'Histoire de la Litterature Grecque,* Paris, p. 292 e segs.

natureza. Sim, a natureza foi a sua mestra; por isso, nada de convencionalismo e de artifício, nada de exagero e de ênfase, nada de afectação e de busca de efeito; só arte autêntica. Mas a natureza foi também a sua medida. Se as personagens estão animadas de todos os sentimentos humanos, estes manifestam-se ùnicamente, segundo o carácter de cada uma, e só no grau que as circunstâncias aconselham.

Mas, de outra parte, Sófocles era um idealista. Ele próprio dizia que pintava os homens como deviam ser e Eurípides como eles são *(1). Era um artista que estava a meio caminho do idealismo de Ésquilo e do verismo de Eurípides. Mantendo-se neste meio termo, ao conceber suas personagens, não descia à vida quotidiana; sabia extrair da lenda tipos ideais, mas verdadeiros — homens superiores, capazes de sustentarem o combate com o destino e triunfarem, moralmente. Era a sua paixão a beleza; e tinha o dom de a fazer brotar de tudo. Se pinta um sentimento, é só pelo que ele tem de belo. Suas personagens podem*

---

(1) Estas palavras foram arquivadas por Aristóteles na *Poética* (XXVI, 11): *Sophocles dixit se quos oporteret facere, Euripides autem qui essent.*

ser altivas e violentas, sofrer todas as dores, mas não conhecem baixezas ou grossarias; são sempre nobres e dignas de respeito e impõem-se à nossa admiração. Exemplos: o velho Édipo errante, oprimido pela desgraça, e o perfil moral de Antígona e de Electra. E, se, por vezes, em Sófocles se encontram excessos, é para fazer realçar os seus contrários; é porque também existe o feio em tudo quanto é humano.

ESTILO — *À atitude artística de Sófocles amolda-se perfeitamente o seu estilo. Senhor de todos os recursos da arte de bem dizer e possuindo um gosto apurado e fino e o sentido da medida justa,. como os artistas da sua época, ele não descamba em enflações retóricas nem se amesquinha na vulgaridade. É um artista sóbrio, que com toda a serenidade e lucidez calcula os efeitos e sabe empregar as expressões mais adaptadas às pessoas e às circunstâncias. Tinha consciência clara da sua arte; por isso, não se deixava arrastar pelo ardor da fantasia, que impelia, muitas vezes, a Ésquilo para imagens e expressões deformes. Delineava os dramas com todos os seus pormenores, não sob o impulso de uma inspiração imprecisa, mas com toda a lucidez*

de espírito; e depois executava-os com uma rigorosa lógica, tudo prevendo e nada omitindo. Tinha, pois, razão para afirmar que Ésquilo executava inconscientemente o que era justo (Athenaeus).

Mas Sófocles só atingiu esta serenidade e domínio sobre a arte na última fase de sua vida. Como ele próprio confessa, usou três estilos diferentes, na sua carreira literária: primeiro imitou o estilo empolado de Ésquilo; *depois adoptou* uma forma incisiva e artificiosa; e em terceiro lugar apropriou-se de uma maneira de dizer que era a que mais se acomodava aos caracteres e, portanto, a melhor *(Plutarco). Todas as tragédias que dele existem estão escritas neste terceiro estilo; nelas não se encontram vestígios da ênfase de Ésquilo e é com dificuldade que no* Ájax *ou nas* Traquinienses *descobrimos ressaibos do segundo. É um estilo simples e discreto, mas vivo e pitoresco, em que a elevação e a graça se fundem, um estilo que despreza o ouropel e todos os requintes alheios à poesia autêntica. Pelo dom de saber aliar a graça à severidade é, segundo um escritor antigo, dos trágicos, o que mais se aproxima de Homero, assim como dos historiadores é Heródoto e dos oradores*

Demóstenes (1). A Vita, *por sua vez, louva nele o sentido da medida justa e a cor própria nas descrições:* Junctas igitur exhibet decentiam, suavitatem, audaciam, varietatem, tempusque ita adaptat et res, ut parvo hemistichio, vel uno verbo, omnem hominis animum et affectum indicet; *e Plutarco salienta a sua eloquência e beleza próprias do discurso, em confronto da linguagem poética de Ésquilo e da habilidade de Eurípides. Noutro passo, a* Vita, *comparando o estilo de Sófocles ao de Homero, exprime-se assim:* Mores autem pingit varie, inventionibusque artifitiose utitur, homericam aemulatus gratiam; unde Ionem quendam dixisse ferunt, solum Sophoclem Homeri esse discipulum *(2). Enfim, o seu estilo é como o dos artistas da época ideal de Péricles; nele domina um gosto seguro e o sentido da forma bela e clássica.*

A Antiguidade fala também da suavidade de Sófocles; e os cómicos dão-lhe o epíteto de

---

(1) Todos os antigos, em geral, reconheceram o sabor homérico da poesia de Sófocles. *Homero era um Sófocles épico e Sófocles um Homero trágico* (Polemon *in Diógenes Laert.*, IV, 20).

(2) Isto manifesta-se nos heróis homéricos, por exemplo, em Ájax e Ulisses, que em Sófocles conservam o carácter original.

abelha *(1), querendo significar com isto não que ele tenha uma linguagem doce, mas o condão de em toda a parte descobrir a beleza e de saber empregar o sombreado, segundo as circunstâncias. E um gramático nota que a característica do seu estilo é a delicadeza e a harmonia. Isto, porém, refere-se especialmente aos seus Coros, que se distinguem por uma sobriedade elegante, limpidez de imagens e simplicidade descritiva, podendo colocar-se, quanto à forma e à ideia, entre as mais perfeitas produções do lirismo grego. A sua doçura tornou-se proverbial entre os antigos. Sente-se neles o amor, com que foram trabalhados; aí o poeta tem sempre a comunicar-nos ideias simples, mas grandiosas e revestidas de formas, que deixam transluzir uma brilhante cultura (2).*

LÍNGUA — *Excepto nas partes líricas, Sófocles, bem como os outros trágicos, emprega o dialecto ático do seu tempo com uma certa*

---

(1) A *Vita* também lho atribui: *...unde et apis dictus.*

(2) Os cânticos não encerram, em geral, sentenças nem exortações à virtude, como os de Eurípides, mas são de uma admirável beleza e de uma magnificência tal, que

percentagem de jonismos. Esta ingerência manifesta-se sobretudo no vocabulário; contudo, pode muito bem suceder, visto estarmos ainda pouco informados a respeito do vocabulário do ático arcaico, que esses jonismos procedam directamente desta fonte, pois, como é sabido, o jónico e o antigo ático estão ìntimamente relacionados (1); de sorte que é admissível a possibilidade que na língua moderna dos poetas áticos, mormente em Sófocles e Eurípides, tenha continuado a subsistir um certo número de vocábulos da língua arcaica. De outra parte, a evolução da língua literária da Ática manifesta uma tendência constante para se libertar de elementos jónicos, havendo, por isso, fundamento para supormos uma diminuição de elementos tais nos poetas trágicos; e de facto a investigação estatística parece confirmar esta hipótese. Em todo o caso, em Sófocles os jonismos são

---

justificam as palavras de Aristófanes a respeito dele (de um imitador de Sófocles): *sorvia o mel que escorria da boca de Sófocles, como de um vaso (Dio Chrys., in* Christ-Schmid, *op. cit.*, p. 324).

(1) Esta íntima relação levou Estrabão e outros a suporem que o jónico e o ático primitivo eram idênticos, os monumentos escritos mais antigos, porém, mostram que se distinguiam nitidamente um do outro.

ainda bem palpáveis, mais talvez do que, por exemplo, em Ésquilo, existindo aí não só no vocabulário, mas até na morfologia (1).

Nos Coros, ao contrário, predomina certo colorido dórico, que atinge particularmente a fonética. Também aqui Sófocles se distingue de Ésquilo: nele os eolismos são menos frequentes e a língua poética está já mais emancipada de elementos estranhos.

Mas sobretudo o que mais o caracteriza é a sua sintaxe: se bem que mais regular, a construção da frase é contudo mais complicada do que a de Ésquilo, pela liberdade na ordem das palavras, pelo uso frequente de elipses, prolepses, braquilogias, pelas expressões e metáforas ousadas, especialmente nas partes líricas, entre as quais ocorrem, por vezes, construções, em que a análise gramatical pouco adianta. Este saltar fora dos trâmites comuns e dar à língua um sentido subtil de mistério é uma das características mais vincadas de Sófocles. Só depois de uma análise rigorosa e penetrante, é que o pensamento, a agudeza e a finura da dicção se revela à alma do leitor e do enigma brota luz. Tais enigmas

---

(1) Cf. A. Thumb, *Handbuch der Griechischen Dialekte*, Heidelberg 1909, p. 369 e seg.

estavam muito em conformidade com o espírito da época; esta sábia eloquência, segundo a expressão justa de Símias de Tebas, que aparece em diálogos travados, particularmente, em stichomythias (versos inteiros), era o pábulo predilecto da agudeza de espírito de seus contemporâneos (1). Por consequência, é fácil de compreender a discordância dos filólogos e intérpretes, nesses passos intricados, a que, muitas vezes, acresce a dificuldade, em vista das diferentes lições, de descortinar o texto genuino.

Da precedente exposição pode concluir-se com toda a antiguidade que Sófocles é um consumado artista e o primeiro dos trágicos. É o Fídias da tragédia e o trágico por antonomásia, assim como o poeta por excelência é Homero, Píndaro o lírico e Aristófanes o cómico. Em particular, citam-se várias referências de Aristóteles, na Poética, e a de Xenofonte, que na pessoa de Aristodemo o

---

(1) Cf. E. W. Schneidewin, *op. cit.*, p. XXIX).

emparelha com Homero, Policleto, Zêuxis e Melanípides de Melos (1).

Desde o séc. IV, porém, cedeu o lugar a Eurípides, que se tornou o poeta predilecto, na época helenística, não obstante os Alexandrinos, estimulados por Aristóteles, principalmente Aristófanes de Bizâncio, continuarem a dar-lhe a preferência. Mas com a formação do classicismo romano, nos meados do séc. I a. de Cristo, Sófocles é de novo considerado o tragici cothurni Princeps, *segundo a expressão de Plínio (2); e Cícero* (Orat.) *coloca-o, como mestre em sua arte, ao lado de Homero, Arquíloco e Píndaro. Este é o lugar que ele tem ocupado até hoje, porque,* tout en gardant l'âme d'un Grec, il a su être assez humain pour nous emouvoir, mais assez moral aussi pour nous instruire. Et on peut dire de lui ce que La Brutère avait écrit de Corneille: «Quand une lecture vous élève l'esprit, qu'elle vous inspire des sentiments nobles et courageux, ne cherchez pas une autre règle pour juger de l'ouvrage, il est bon et fait de main d'ouvrier» *(3).*

---

(1) Eu admiro sobretudo Homero, na poesia, Melanípides, no ditirambo, Sófocles, na tragédia, Policleto, na escultura, e Zêuxis, na pintura (*Memorabil.*, I, IV, 3).

(2) Cf. Christ-Schmid, *op. cit.*, p. 344).

(3) Ch. Georgin, *Oedipe-Roi*, Paris, 1917, p. 19.

III

O CICLO TEBANO

SUAS FONTES — *O grupo de lendas que integram o Ciclo Tebano remonta aos tempos pré-históricos da Grécia. Enriquecido, através dos séculos, com novos elementos, obteve, em tempos históricos, desde Homero, expressão literária e foi o lugar comum, em que muitos poetas se foram inspirar. Infelizmente, as obras mais importantes perderam-se, tais como as epopeias cíclicas (1); e é só das alusões de Homero (2) e de Píndaro (3), bem como das obras dos trágicos, que elevaram o Ciclo ao primeiro plano, que nós podemos colher informações a seu respeito. Dentre estas obras, salienta-se a tragédia de Ésquilo, os* Sete contra Tebas, *que fazia parte de uma*

---

(1) Pertenciam a este número: a *Tebaida*, poema de 7.000 versos, que tratava da marcha dos Sete contra Tebas e foi colocado por Pausânias ao lado da *Ilíada* e da *Odisseia*; os *Epigonos*, igualmente de 7.000 versos, cujo assunto era a tomada de Tebas pelos descendentes dos heróis mortos antes, em frente de seus muros; e a *Edipodia*, um pouco mais pequena que as precedentes, que versava sobre a lenda de Édipo.

(2) *Ilíada*, IV, 370-397, 406-410; V, 801-808, etc.; *Odisseia*, XI, 271-280; XV, 246-248, etc.

(3) *Olimp.*, II, 35-45; VI, 12 e segs. *Pit.*, VIII, 38 e segs. *Nem.*, IX; X, 8 e segs. *Ist.*, VII, 10 e segs.

tetralogia com o Édipo, *o* Laio *e o drama satírico, a* Esfinge, *que se perderam. Do mesmo poeta era ainda a peça os* Eleusínios, *que pertencia igualmente a uma tetralogia perdida. Quase mais importância do que as tragédias de Sófocles para o estudo da evolução das lendas têm as* Fenícias *de Eurípides, cujos escólios são ricas fontes de informação. A estas obras podem ajuntar-se também os restos da* Tebaida *de Antímaco, confundida, às vezes, com o mencionado poema cíclico, bem como o perdido* Édipo *de Eurípides, além de outras obras já influenciadas talvez pelos trágicos, tais como o* Oedipus *de Júlio César, a* Diomedeia *de* Iulus Antonius, *a* Tebaida *de Antágoras de Rodes, etc., (1).*

Sem querermos investigar as origens e a interpretação do Ciclo Tebano, não podemos deixar contudo de observar que, assim como nas outras lendas heróicas da Grécia, também nele foram utilizadas tradições religiosas: foram as tradições dos santuários da Beócia, sobretudo dos beócios orientais, refundidas e livremente combinadas, que o constituiram, sendo, por-

---

(1) Cf. Dr. O. Gruppe, *Griechische Mytologie und Religionsgeschichte*, München, p. 501 e segs.

tanto, Édipo e Jocasta ou Epicasta nomes alusivos ao culto de Hefesto e de Hera. Assim do mito de Hefesto sairia a lenda do Pé inchado *que, segundo a acertada etimologia dos antigos, deu o nome a Édipo, bem como a do seu enjeitamento, que o relaciona intimamente com o santuário de Hera no Citerão. Mas o mito do assassinato do pai e do casamento com a mãe, esse não se descobre nas lendas gregas de Hefesto; deixa-se, porém, inferir com toda a probabilidade, segundo o Dr. O. Gruppe, do mito do Tifão egípcio (1). Para outros eruditos deveria enquadrar-se entre os mitos referentes ao Sol. Segundo estes, a palavra* Laio *está em relação com a sânscrita* dasyu, o inimigo, *o demónio da noite; e Jocasta não deve ser mais do que uma personificação da aurora, que precede o Sol e parece dá-lo à luz. Édipo seria, pois, o dia que mata a noite, seu inimigo, e se une à aurora, donde nasceu (2).*

Todas as lendas que constituem o Ciclo Tebano agrupam-se em volta de dois núcleos

---

(1) *Dem Set-Typhon*, diz o citado autor, *war das Nilpferd heilig, das nach der Lehre der ägyptischen Priester den Vater tötete, um der eigenen Mutter beizuwohnen* (*op. cit.*, p. 504).

(2) Cf. Decharme, *Mythologie de la Grèce antique*, p. 542.

principais: a lenda de Édipo e a da desavença dos irmãos.

LENDA DE ÉDIPO — *Para fundamentar o destino trágico dos Labdácides, menciona a lenda a desobediência de Laio ao preceito de Apolo, que lhe proibia a criação de filhos, sob pena de morrer às mãos do primeiro que lhe nascesse (1). Por isso, a fim de evitar o cumprimento do oráculo, mandou lançar, consciente do seu crime, o filho que Jocasta lhe dera à luz, no Citerão, junto do templo de Hera, onde foi encontrado pelos pastores de Pólibo, rei de Corinto ou Sicião, cuja esposa, Periboia, o adoptou por filho (2).*

A criança cresce; torna-se um jovem. Um dia, porém, lançam-lhe em rosto que ele é um enteado, que não é filho de Pólibo. Então, querendo averiguar a sua ascendência, dirige-se para Delfos; mas no caminho, numa encruzilhada, mata, durante uma rixa, o próprio pai que ele desconhecia.

---

(1) Assim diz a lenda transmitida por Eurípides (*Fenícias*, 17-19), que provàvelmente Ésquilo, no *Laio*, também mencionava.

(2) Sófocles chama-lhe Mérope. — Segundo outra lenda, a criança foi encerrada numa caixa e lançada ao mar, a qual, vogando para Sicião, foi recolhida por Periboia.

Morto Laio, Creonte, o irmão de Jocasta, tomou conta do governo de Tebas.

Nesta altura, entra a esfinge (1) em cena, enviada por Dionísio ou Hera, que causa grande morticínio na cidade (2). Segundo crenças do séc. VI a. de Cristo, propunha aos transeuntes um enigma que aprendera das musas (3); mas, quando Édipo o resolveu (4), ela precipitou-se do rochedo, onde estava, ficando Tebas livre do monstro.

---

(1) A esfinge ou estranguladora era representada com cauda de serpente, face de mulher, garras de leão e asas. Primitivamente assemelhava-se à esfinge do Egipto, a guarda da cidade dos mortos, que entrara na Grécia já na época miceneana. Aqui continuou não só a ser a guarda dos túmulos e um símbolo da morte, mas teve também um carácter demoníaco, tal como na lenda do Édipo (Cf. O. Gruppe, *op. cit.*, p. 522, 523).

(2) Hemão, filho de Creonte, é mencionado pela velha epopeia tebana entre as vítimas da esfinge

(3) Este era o enigma: *Existe sobre a terra um ser de dois, três e quatro pés, que tem um só nome; é o único que muda de forma de quantos andam sobre a terra e vivem no mar ou nas águas. Mas, quando se esforça por caminhar com mais pés, então menos ágeis são os membros dele.* (Tradução de um texto grego publicado por Brunk-Bothe *in* Sophoclis *Dramata*, I, Lipsiae 1806, p. 10).

(4) Eis a solução do enigma: *Ouve, ainda que te custe, ó musa da morte, de asas de morcego, da minha boca a solução do teu enigma! Tu falas do homem, que, quando vem ao mundo, primeiro anda sobre quatro pés, com passo débil; mas depois, na velhice, curva a cerviz sob o peso dos anos e, arrimado a um bordão, caminha com* três pés (Brunk-Bothe, *op. cit.*, p. 11).

Esta vitória assegurou o governo a Édipo e, ao mesmo tempo, a mão da rainha, sua mãe, prometida ao vencedor da esfinge, da qual nasceram, segundo uma tradição já tardia, Etéocles, Polinices, Antígona e Ismena.

Quanto à morte de Édipo e de Jocasta, entre as várias versões, a da Odisseia, certamente a mesma que a da Edipodia, *é uma das mais antigas: Jocasta enforca-se e Édipo continua a reinar, depois de ter desposado Euriganeia, de quem teve os filhos atrás mencionados (1). Finalmente morreu, perseguido pela maldição da mãe e, em Tebas, celebraram-se em sua honra solenidades fúnebres (2).*

O mito da cegueira procede talvez da Tebaida*; mas o que é certo é que ela entrou depois na literatura; assim Ésquilo deixa Édipo arrancar-se a si próprio os olhos sob pretexto de não querer ver os filhos. Havia, porém, ainda outra versão: ele é privado da vista por Pólibo, depois de ter conhecimento do parricídio; e Eurípides, segundo se conjectura dos poucos versos que restam do seu* Édipo, *cega-*

---

(1) *Ele* (Édipo) *continuou a reinar sobre os descendentes de Cadmo, na muito amada Tebas. A mãe, porém, desceu a casa do Hades, de sólidas portas...* (XI, 275 e segs.).

(2) Segundo Eurípides (*Fenícias*, 1707), Édipo prediz a sua morte em Colono.

va-o por meio dos servos de Laio, em vingança da morte de seu senhor.

A DESAVENÇA DOS IRMÃOS — *Esta desavença é motivada pela maldição de Édipo. Em Ésquilo, por exemplo, ele, após a verificação do seu crime, amaldiçoa os filhos nascidos do incesto (1). Mas qual o motivo desta maldição?*

Num fragmento da epopeia cíclica, a Tebaida, *Polinices põe diante de Édipo as suas alfaias, a fim de lhe recordar o parricídio; então ele amaldiçoa-os ambos, que não participariam da sua herança e viveriam em perpétua inimizade. Numa lenda posterior, a maldição é provocada pelo facto de Édipo ser enclausurado pelos filhos, para que fosse esquecida a sua desgraça (2).*

Querendo evitar o cumprimento da maldição, Etéocles e Polinices tentam separar-se pacìficamente um do outro, ficando um com o reino e o outro com os tesouros. Segundo outra lenda, combinaram governar um ano cada um. Este tratado, porém, não foi observado: Etéocles, percorrido o prazo, recusou-se a ceder o lugar a Polinices, o qual, por esse

---

(1) *Sete contra Tebas*, 766 e segs.
(2) Eurípides, *Fenícias*, 64.

motivo, vai buscar asilo em Sicião, na corte de Adrasto, onde se casa com a filha deste. Celebradas as núpcias, Adrasto toma o compromisso de reconquistar o reino a seu genro; e, para este fim, recruta aliados entre os príncipes argivos. A este recrutamento já alude a Ilíada, *onde se lê:* Outrora, o herói (*Tideu*), afastando-se da guerra, viera a Micenas com Polinices, o divino, para alistar gente, porque pelejavam, então, contra os muros de Tebas *(1)*.

Os conjurados reuniram-se no palácio de Adrasto e juraram que destruiriam Tebas ou morreriam (2); depois puseram-se em marcha. Quando tinham chegado ao Asopo, enviaram Tideu com uma mensagem a Tebas. Este parte; e foi encontrar os Tebanos reunidos num festim, no palácio de Etéocles. Não se assusta; desafia-os e vence a todos sem dificuldade (3). A mensagem, que era talvez uma tentativa de reconciliação, não sortira efeito (4).

---

(1) IV, 376 e segs

(2) Ésquilo, *Sete contra Tebas*, 42 e segs

(3) *Ilíada*, IV, 383 e segs.

(4) Uma segunda tentativa de reconciliação encontra-se na literatura posterior. Para este fim, Jocasta manda ir Polinices a Tebas. Ele obedece, mas a tentativa frustrou-se (Eurípides, *Fenícias*, 81 e segs.).

O cerco foi posto a Tebas, cuja situação se torna cada vez mais aflitiva. E, por último, após terem sorteado as portas, os Sete Chefes lançam-se ao assalto (1); todavia a cidade, em apuros extremos, salva-se ainda pelo sacrifício de um homem: por conselho de Tirésias, o filho de Creonte, Meniceu ou Megareu é condenado a morrer (2).

Agora começa a catástrofe. Partenopeu é atingido por uma pedra lançada da muralha. Canapeu, quando se dispunha a ultrapassar o muro com fanfarronice blasfema, sucumbe, ferido por um raio (3). Apodera-se, então, o medo dos Argivos, que se põem em fuga, acossados pelos Tebanos. Entretanto, Etéocles corre ao encontro do irmão e lança-se sobre ele. Polinices cai de joelhos e é abatido; mas, antes de morrer, traspassa a Etéocles os intestinos com a espada (4). E assim morrem ambos.

A lenda refere-se, depois, ao enterro dos mortos e à proibição de dar sepultura ao ca-

---

(1) Ésquilo, *Sete contra Tebas*, 55 e segs.

(2) Eurípides, *Fenícias*, 916 e segs., 998 e segs. O nome de Megareu ocorre em Sófocles (*Antígona*, p. 209, 11).

(3) Ésquilo, *Sete contra Tebas*, 421 e segs., Eurípides, *Fenícias*, 1.172 e segs. Cf. Sófocles (*Antígona*, p. 157, 4-5 e nota).

(4) Eurípides, *Fenícias*, 1.412 e segs.

dáver de Polinices. Convém todavia observar aqui que a proibição de Creonte a este respeito só aparece desde Ésquilo (1), bem como a sua transgressão por Antígona (2).

IV

TRAGÉDIAS DO CICLO TEBANO

«Porque foi que Sófocles», pergunta Th. von Scheffer, «sendo um homem perfeitamente harmónico, compôs tragédias tão sombrias e, por vezes, tão horripilantes? Que é que despertava nele tons de profunda resignação e de um semelhante pessimismo? Esta helénica antinomia», responde o mesmo autor, «resolve-se ùnicamente, se considerarmos que Sófocles, dotado de um profundo conhecimento dos homens, não só descobria o nada da vida e a teia de culpa e sofrimento na natureza humana, mas era também animado de uma piedade submissa» (3). E O. Gruppe acrescenta: «Outrora, foi o homem veementemente

---

(1) *Sete contra Tebas*, 1.005 e segs.

(2) Tanto a *Edipodia* como a *Tebaida* desconhecem o caso de *Antígona* (Cf. Christ-Schmid, *op. cit.*, p. 323).

(3) *Die Kultur der Griechen*, Phaidon-Ausgabe, p. 367.

abalado pela consciência da sua fraqueza e inutilidade do seu esforço. Ora, em Sófocles arreigou-se esta atitude de espírito mais do que em nenhum poeta do séc. V: suas maneiras de ver aproximam-no, portanto, do seu público, entre o qual aquelas vozes derrotistas ressoavam com mais insistência do que os poetas contemporâneos deixavam suspeitar» (1).

Nestas circunstâncias é que Sófocles se ocupou do Ciclo Tebano, a que deu forma definitiva com suas três peças, sobre as quais, principalmente, assenta hoje toda a sua glória.

REI ÉDIPO—*O mito tebano acerca de Édipo e suas desventuras era de sua natureza trágico e próprio da tragédia, segundo Aristóteles* (2); *e, de facto, foi trabalhado por vários poetas* (3), *mas por nenhum tão magistralmente como por Sófocles, que, sem se escra-*

---

(1) Vid. *op. cit.*, p. 520.

(2) *Oportet enim etiam sine spectatione ita constitutam esse fabulam, ut qui audiat quae agantur fiantque et inhorrescat et misereatur propter ea quae contingunt; id quod accident audiente Oedipi fabulum (Poetica,* XIV, 2).

(3) Além dos trágicos já mencionados, ocuparam-se dele Méleto, Filocles, Aqueu, Diógenes e outros vários.

escrito pouco antes de 4/25

vizar a ele, soube imprimir-lhe o cunho de seu génio e produzir uma obra-prima.

Em primeiro lugar, não se preocupando com a fundamentação do destino trágico dos Labdácides, não menciona a desobediência de Laio, mas refere-se apenas a um oráculo misterioso de Apolo. A sua tragédia tem quase só por assunto o descobrimento do assassino de Laio. E nisto é que ele mostra uma arte inexcedível: todo o processo de reconhecimento é invenção sua. Pouco e pouco, vai afastando o véu que encobria o passado de Édipo, empregando este próprio (oh, trágica ironia!) como agente de tal empresa.

Ao princípio da peça, Édipo, rei de Tebas, está de pé, às portas do palácio, diante de uma turba de suplicantes tebanos. A peste (1) flagela a cidade: os homens morrem em massa e a esterilidade extingue as fontes da vida. Édipo, que salvou Tebas da esfinge, que a salve mais uma vez. E ele, paternal, vai empregar todos os meios para isso. Com este intuito, já enviara seu cunhado Creonte a Delfos, para saber do oráculo de Apolo o modo de debelar o flagelo. Creonte chega

---

(1) É possível que esta peste seja a mesma que assolou Atenas, em 430.

com a resposta: é necessário procurar e punir o assassino de Laio; só ele atrai sobre Tebas a cólera do céu. Em vista disto, Édipo chama o adivinho Tirésias, para lhe indicar algum rasto do criminoso. O adivinho fala; e suas palavras, cada vez mais peremptórias, apontam o próprio rei como autor do crime. Este, porém, não lhe dá crédito; acredita antes numa conspiração urdida por Creonte, o qual, sob pretexto de ter assassinado Laio, lhe quer usurpar o reino; por isso, pronuncia contra ele a sentença de morte. Nesta ocasião, sai Jocasta do palácio; e, para acalmar o esposo, declara-lhe que Laio foi assassinado numa encruzilhada, em Fócida. Surge então no espírito de Édipo a suspeita de ser ele o assassino do rei; resta-lhe todavia a esperança de, ao menos, não ter matado o próprio pai, segundo o antigo oráculo; e esta esperança torna-se certeza com a notícia da morte de Pólibo. Mas o mensageiro que lha anunciou disse também que Pólibo e Mérope não eram os pais de Édipo, mas apenas padrastos. Enquanto aos olhos de Jocasta a verdade está já esclarecida, Édipo agarra-se ainda a uma ténue esperança; e deseja ver com insistência o servo que entregou a criança ao pastor de Pólibo. Ele chega; e, interrogado pelo pró-

prio rei, desvenda-lhe toda a verdade. Sobrevém depois a catástrofe: Édipo arranca os olhos, segundo a versão esquiliana, após a morte de Jocasta, como na Odisseia (1).

Uma tal exposição, levada a cabo com todo o sangue-frio, como um processo criminal, em que o réu se descobre a si próprio, é de natureza a provocar tensão de espírito e comoção no mais alto grau; e foi certamente isto que seduziu o génio de Sófocles. Ele quis como que verificar pela experiência qual a profundidade da sensação trágica, produzida só pela maneira intensa como a acção se desenvolve (2).

Mas, seja como for, sem querermos reduzir o efeito da tragédia a um processo técnico, sua ideia fundamental fica sempre a mesma: a inconstância da felicidade humana e a impotência do homem contra o destino. Em nenhuma parte se mostra tão evidentemente, como aqui, a nulidade do seu esforço contra a vontade suprema; e Sófocles, reconhecendo essa vontade, não ousou, ao compor esta peça, entretecer-lhe nenhum sentimento de revolta. Para ele acima do homem estão os

---

(1) Cf. p. XXXIX.
(2) Cf. Christ-Schmid, *op. cit.*, p. 334.

deuses, que dispõem de tudo, conforme lhes apraz. Desta maneira, criou a tragédia fatalista *por excelência, em que seria descabido falar de uma culpa* (1); *mas também uma tragédia de interesse essencialmente psicológico, na qual a obstinação do protagonista, empenhando-se loucamente em conhecer a verdade e desafiando, por assim dizer, o destino, cavou o abismo debaixo de seus pés. O desenvolvimento da acção é Édipo quem o dirige; é ele quem prepara o desfecho* (2). *E, sob este aspecto, uma tal atitude tem, pelo menos, como efeito desfazer a impressão insuportável, qual seria vermos sucumbir no drama a tantas desgraças um homem completamente inocente. Por isso, R. Wagner observa*: sein hochgesteigertes Selbstbewusstsein, der jähzornige Eifer, mit dem er die Fäden verwirrt, statt sie zu lösen, die haltlose

---

(1) Que Sófocles considerava Édipo inocente, apesar da morte de Laio em defesa própria e das expressões blasfemas contra Apolo e seu oráculo, num momento de exaltação, deixa-o ele perceber no *Édipo em Colono* (p. 113, 27-29). E um escólio diz: *realmente Édipo, examinando-se bem, não é um criminoso, mas um infeliz e um exaltado*. Sobre a inocência de Édipo, cf. Wilamowitz-Moellendorff, *Die griechische Literatur und Sprache* (*Kultur der Gegenwart I 8, B.G*), Leipzig — Berlin, 1912, p. 76.

(2) Cf. Ch. Georgin, *op. cit.*, p. 27.

Verdächtigung anderer, an der er hartnäckig festhält, erwecken in dem Zuschauer die Vorstellung, dass ihn wenigstens die Entdeckung nicht unverdient trifft (1).

ÉDIPO EM COLONO — *Para contrabalançar um destino tão desarmonioso, sentiu Sófocles mais tarde a necessidade de escrever o* Édipo em Colono. *Se antes o vencedor da esfinge tinha caído do fastígio do poder na miséria mais profunda, a ponto de ser expulso da pátria, como um precito, era mister que ele, agora, depois de purificado pela dor, aparecesse aos olhos dos Atenienses reconciliado com os deuses e glorificado por uma morte misteriosa. Este era um dos temas predilectos de Sófocles: — o sofrimento dá aos homens a sua verdadeira grandeza. Eles serão objecto de comiseração, se, aguilhoados pela dor, caem em si e se submetem à vontade soberana; e, neste caso, expiada a culpa, o paciente é moralmente reabilitado e as Erí-*

---

(1) Trad.: *sua presunção exaltada, a diligência febril, com que emaranha os fios em vez de os separar, a incontida suspeita contra os outros, a que tenazmente se afinca, tudo isto desperta no espectador a ideia de que a descoberta, pelo menos, não lhe sobreveio, sem a merecer. Die Hellenische Kultur,* Leipzig — Berlin, 1905, p. 409.

composto em LI07

nias, as executoras da vingança divina, transformam-se em Euménides, isto é, em divindades benévolas. E assim, enquanto no Rei Édipo *o protagonista é quase divinizado pelos homens, mas odiado pelos deuses, aqui dá-se o contrário: está reconciliado com os deuses e só os homens lhe disputam sua grandeza, até que, desembaraçado de todos os obstáculos, parte da vida. Esta é, pois, a ideia fundamental do drama: uma vida de longos trabalhos expiatórios recompensada por uma morte gloriosa.*

Para a execução da tragédia, Sófocles tomou como base uma lenda relativa ao sepulcro de Édipo em Colono, com o qual se relacionava um oráculo de Apolo, que dizia: ele encontrará, um dia, após longo tempo, morada hospitaleira, em terra estranha, junto de divindades venerandas, para protecção daqueles que o acolheram e para desgraça dos que o baniram. Por meio de sinais, anunciarão os deuses a sua morte. *Com estes dados, ele pretendeu entoar um cântico de louvor em honra de Atenas e do seu* demos *natal (1), tomando como pretexto a vitória dos Atenien-*

---

(1) O argumento do *Édipo em Colono* diz: *Sófocles fez* (o drama), *reconhecido não só à pátria, mas também ao seu «demos».*

ses contra a cavalaria beócia, em 407, na região de Colono, atribuída por aqueles às vizinhanças do sepulcro de Édipo (1).

A acção da peça é muito simples: é constituída pela realização do oráculo mencionado. Édipo tinha chegado, na companhia de sua fiel Antígona, a Colono, nas vizinhanças de Atenas, onde, sob a protecção de Teseu, encontrou um abrigo no bosque das Euménides. Entretanto, como nuvem negra, no horizonte paira a desavença dos irmãos. É Ismena quem vem anunciar que a expedição contra Tebas está em curso e que cada um dos adversários reclama a presença de Édipo como garantia da vitória, segundo a voz de um recente oráculo (2). Ao mesmo tempo, dá a notícia da chegada iminente de Creonte, a fim de o levar para as vizinhanças de Tebas. Este chega e tenta persuadir Édipo a segui-lo. Nada consegue. Emprega, então, a violência, arrebatando-lhe as filhas. Mas Édipo está sob a protecção de Teseu; e o episódio termina com a derrota de Creonte e seu

---

(1) Cf. Paul Mazon, *Sophocle*, II, Paris, 1950, p. 425.

(2) Este oráculo soava assim: *A felicidade de Tebas depende de Édipo, não só enquanto ele viver, mas também após a sua morte*. Não passava, pois, de uma explicação do anterior.

séquito. Em seguida, Polinices é anunciado. Édipo nem sequer consente em recebê-lo; e, se o faz, é em atenção a Antígona. O infeliz implora, implora o favor do pai, que permanece em silêncio e de olhos baixos; e é só a instâncias do Coro que abre a boca, mas apenas, para amaldiçoar o filho ingrato e rebelde. Polinices afasta-se; e em breve ribomba o trovão: é o sinal da morte de Édipo. E, no meio de trovões, este desaparece, chamado por uma voz divina, tendo Teseu ùnicamente por testemunha.

Tal é a acção do Édipo em Colono — acção sem enredo; mas, precisamente por isso, tanto mais se admira a arte, com que Sófocles a soube animar, por meio de uma variedade de cenas de vida intensa e de contrastes flagrantes.

Mas a arte suprema de Sófocles foi saber dar à peça um tom de grandeza inigualável, que, desde o princípio até ao fim, ela sugere. A entrada de Édipo em Colono, velho, alquebrado e coberto de andrajos, é já de sua natureza impressionante; todavia não passa de um mendigo, como muitos outros. Quando o informam, porém, que o chão que pisa está consagrado às Euménides, então assume a dignidade de um suplicante e declara que não

o abandonará jamais: vem por vontade dos deuses e em benefício dos cidadãos. Suas palavras são já de um profeta e de um enviado dos deuses, que paira entre este mundo e o outro.

Desta tragédia diz P. Mazon: on dirait que Sophocle a voulu en faire une «somme», la somme de tous les modes d'expression que l'art tragique etait parvenu à s'assimiler à la fin du V[e] siècle... Nous trouvons rassemblés dans «Oedipe à Colone» tous les procédés d'art de Sophocle. Nous y trouvons même, et peut-être sous la forme la plus éclatante qu'il leur ait jamais donnée, les thèmes essentiels de sa poésie, si contradictoirs qu'ils puissent paraître à se trouver rapprochés de la sorte *(1)*.

ANTÍGONA—*Como vimos acima (p. XLII e seg.), após a guerra contra Tebas, foi publicada uma ordem que proibia dar sepultura ao cadáver de Polinices — ordem, a que Antígona decididamente se opõe. Esta ideia, que é o remate da tragédia esquiliana, os* Sete contra Tebas, *constitui o ponto de partida da tragé-*

(1) Op. cit., p. 428 e seg.

dia de Sófocles, que não obstante se viu obrigado a refundir e a transformar. Em Ésquilo, a proibição é dada pelo arauto em nome dos prôbulos *da cidade, na presença das duas irmãs e do Coro, contra a qual Antígona protesta, acto contínuo. Mas Sófocles, que supõe já enterrado o cadáver de Etéocles, fá-la partir de Creonte, que, simultâneamente, comina a pena de morte. Como, porém, foi dada logo depois da fuga dos Argivos, na ausência de Antígona, esta não teve ocasião de declarar seu propósito ao arauto; só quando aparece em cena é que exprime sua intenção irrevogável de enterrar Polinices. Deste modo, o heroísmo de Antígona obtém maior relevo: ela opõe-se ao decreto de Creonte, apesar da pena de morte, que conhece de antemão, não animada pelas donzelas do Coro, mas sòzinha; e, antes que Creonte sonhasse que alguém se oporia à sua ordem, já ela tinha realizado o seu piedoso intento, sem atender ao conselho de Ismena.*

Quanto ao resto, o assunto da Antígona *parece ser invenção de Sófocles. A única referência certa, a respeito das duas irmãs, encontra-se num dos ditirambos de Ião, contemporâneo de Sófocles, o qual diz que Antígona e Ismena foram mortas por Laodamonte, filho*

de Etéocles, no templo de Hera (1) — referência que nos é transmitida pelo gramático Aristófanes, no argumento da tragédia. De sorte que a acção desenvolvida na Antígona *pode considerar-se desconhecida dos antigos; pelo menos, não existem documentos que provem o contrário (2). A desavença dos irmãos, essa, não tem importância para o decorrer da acção; constitui apenas o fundo do quadro. Deve notar-se todavia que Sófocles aduz a morte de Megareu, a fim de agravar a culpa de Creonte e motivar o total isolamento deste, no fim da tragédia; e, de outra parte, para o obrigar a dar crédito às palavras de Tirésias, visto o conselho do adivinho ter tido bom efeito (3). Para o mesmo fim, imagina as relações amorosas de Hemão com Antígona: são elas que ocasionam a morte daquele, a qual é seguida pela de Eurídice, ficando, assim, a casa de Creonte vazia e a tragédia consumada.*

Mas tudo isto obedece, principalmente, a intuitos de carácter técnico. A ideia fundamental e o que Sófocles tinha em vista era a

---

(1) Vid. P. Mazon, *op. cit.*, I, p. 68; cf. Christ-Schmid, *op cit.*, p. 327 e seg.
(2) Cf. F. W. Schneidewin, *op cit.*, IV, p. 3.
(3) Cf. F. W. Schneidewin, *op. cit.*, IV, p. 3.

total extinção da família dos Labdácides. Porque Antígona descende de uma casa, sobre a qual pesa a maldição, até a sua piedade deve parecer um crime. Ora isto foi o que o poeta quis mostrar: que a sua heroína está inocente; não obstante morre com justiça (1). É o mesmo caso que o do Édipo: assim como este sucumbe, sendo apenas um criminoso aparente, também Antígona é ceifada, apesar de ter cometido um crime santo *(2).*

O desrespeito, com que ela empreende o seu acto e a maneira brusca como o defende excluem, desde o princípio, qualquer entendimento com Creonte. Daí o conflito. Todavia sua atitude não é revoltosa: Antígona proclama com toda a razão e de ânimo varonil as leis eternas, não escritas, *superiores às leis humanas, os direitos de piedade religiosa e de amor fraternal acima das ordens de Creonte e do Estado. De sua parte, este não cede. Em sua opinião o Estado tem a primazia e a ele tudo se deve subordinar, tudo, até os direitos do sangue. E, perante as objecções de Hemão e de Ismena, permanece intransigente; nem sequer receia violar os*

---

(1) Vid. O. Gruppe, *op. cit.*, p. 1.013.
(2) Vid. R. Wagner, *op. cit.*, p. 410.

direitos dos deuses infernais, que Tirésias lhe lança em rosto. Tal atitude é já uma blasfémia e um abuso de autoridade, ao tratar-se de um morto, pois que além da vida não tem jurisdição alguma.

Este conflito parece ter expressão no segundo cântico, em que o Coro exalta o valor do homem e a capacidade da inteligência humana: todo o progresso deve respeitar as leis da cidade e os direitos dos deuses, aliás, no dia, em que o homem prevaricar, não terá direito ao convívio com os cidadãos. Mas a objurgatória não atinge Antígona. Ela é uma justa, que defende ùnicamente as leis que vigoram ainda além da morte. O conflito exterior, porém, em que a filha de Édipo perece, permanece de pé; ele é uma consequência necessária, como escreve O. Gruppe, aus ihrer gegen die göttliche Weltordnung verstossenden Erzeugung. *E, por isso, morre.* Die Harmonie des Kosmos, *continua o citado autor,* ist hier alles: der einzelne Mensch ist vor dem Richtstuhl der göttlichen Vorsehung nicht ein Subjekt, ja kaum ein Objekt des Rechtes, und das Mitleiden, auf das er rechnen darf, ist... das ästhetische des Zuschauers im Theater, der zugleich mit dem Helden durch dessen zer-

malmendes Schicksal gehoben wird *(1)*. *Deste modo, Sófocles obteve um* oxímoron, *cuja potência, como no caso do Édipo, não foi jamais igualada (2).*

Formam Rei Édipo, Édipo em Colono *e* Antígona *uma trilogia? Como foi já notado acima (p. XXII), Sófocles abandonara o sistema trilógico ou tetralógico; e ainda que estas três peças representam três fases de uma acção, nem por isso podemos dizer que constituam uma trilogia verdadeira: foram compostas em épocas diferentes e nunca subiram à cena na mesma ocasião.*

O Rei Édipo *foi escrito, provàvelmente, não muito antes de 425 e representado em época desconhecida. O* Édipo em Colono, *última peça de Sófocles, foi composto por 407 e representado, após a morte do poeta, em*

---

(1) Trad.: *... da sua geração lesadora da ordem do universo ... A harmonia cósmica é aqui tudo o homem particular perante o tribunal da divina Providência não é sujeito, mal é objecto de direitos; e apenas pode esperar .. a compaixão estética do espectador no teatro, o qual, ao mesmo tempo, se eleva com o herói, por meio do destino que o esmaga.* Vid. *op. cit.*, p. 1.013.

(2) Cf. Ch. Moeller, *Sagesse grecque et paradoxe chrétien*, Paris, 1950, p. 177.

401, por iniciativa de seu neto, Sófocles o Jovem. A data da composição da Antígona *é, provàvelmente, o ano 443, pouco mais ou menos; e a sua representação realizou-se em 442 ou 440. Era a XXXII peça de Sófocles.*

Quanto ao valor literário destas tragédias, todos concordam, geralmente, desde a antiguidade até hoje, que são obras-primas da arte dramática. O Rei Édipo, *apesar de não ter obtido o primeiro prémio, foi considerado por Aristóteles, em vários passos da* Poética, *uma tragédia modelar. E a* Hypothesis II *diz:* salienta-se sobre toda a obra poética de Sófocles. *Dos modernos, entre as várias referências elogiosas, é notável a de Th. Scheffer:* an der «König Ödipus» und seine dichterische Gewalt ragt kein anderes der Stücke heran (1).

O Édipo em Colono *foi julgado pelos Atenienses digno do primeiro prémio; e a* Hypothesis I *denomina-o uma* fábula maravilhosa.

A respeito da Antígona, além das referências de Aristóteles, existe uma apreciação de Dioscórides (Anthologia Palatina) *que lhe atribui, assim como à* Electra, *o epíteto de* sublime.

---

(1) Trad.: *nenhuma das peças rivaliza com o* Rei Édipo *e sua potência poética. Op cit.*, p. 370.

É, segundo Christ-Schmid, o mais celebrado drama da literatura grega (1). E P. Mazon dedica-lhe, enfim, estas palavras: Antigone est assurément la plus belle des tragédie de Sophocle. Elle est admirablement construite: l'intérêt n'y faiblit pas un instant depuis le mordant dialogue qui l'ouvre jusqu'au thrène douloureux qui la termine... De l'ensemble se dégage encore aujourd'hui une impression de perfection artistique et d'émotion humaine que peu d'œuvres litteraires ont jamais éveillée au même degré *(2)*.

7 de Março de 1956.

D. P.

---

(1) *Op. cit.*, p. 327.
(2) *Op. cit.*, p. 72.

NOTA

O texto seguido na tradução das presentes Tragédias *foi o editado por F. W. Schneidewin (Leipzig, 1851-55), que o tradutor cotejou com a recensão de F. H. Bothe (Lipsiae, 1806) feita sobre a de Ph. Brunck (Argentorati, 1786).*

Além destas obras, foram utilizadas também, entre outras, para o Rei Édipo *a edição de Ch. Georgin (Paris, 1917), cujo texto se baseia, especialmente, sobre a edição de Tournier, e para a* Antígona *o texto adoptado por G. Kern (Gotha, 1883), que reproduz, em geral, o da edição de Dindorf, de 1860.*

REI ÉDIPO

EPIGRAMA DE ARISTÓFANES DE BIZÂNCIO AO REI ÉDIPO

Édipo, considerado por todos filho bastardo, fugiu de Corinto e foi interrogar o oráculo de Apolo acerca da sua origem e ascendência. Mas o infeliz, encontrando num caminho estreito a Laio, seu genitor, mata-o contra a sua intenção. Em seguida, depois de decifrar o canto funesto da cruel esfinge, infamou, sem o saber, o leito de sua mãe. Agora a peste — flagelo maligno — assola Tebas. E, enviado Creonte a Delfos, para se informar acerca do modo de pôr termo ao mal, a voz profética do deus declarou-lhe que era necessário punir o assassino de Laio. Então, o desgraçado Édipo, como descobrisse que ele próprio era o criminoso, arrancou ambos os olhos e a mãe pereceu estrangulada.

PERSONAGENS DA TRAGÉDIA

Édipo
Um sacerdote
Creonte
Coro de velhos Tebanos
Tirésias
Jocasta
Um mensageiro
Um servo de Laio
Segundo mensageiro

A cena passa-se em Tebas, diante do palácio real.

ÉDIPO E UM SACERDOTE

(Em volta dum altar, em frente do palácio, estão assentados velhos, jovens e crianças com ramos de oliveira na mão).

Édipo. Ó filhos, recente progénie do velho Cadmo! Porque viestes assentar-vos aqui, coroados de ramos, como os suplicantes? A cidade está repleta de fumo de incenso e ressoam cantos lúgubres e
5 lamentações por toda a parte. A causa disto, filhos, não a quis saber da boca de mensageiros; mas eu próprio vim aqui, eu, a quem todos denominam Édipo, *o Ilustre.*

Fala, pois, ó ancião! A ti pertence-te tomar a
10 palavra em lugar destes. Porque é que estais aí assentados? É por medo, ou pretendeis algum favor? Eu estou disposto a conceder-vos tudo; porquanto seria insensível de coração, se não me condoesse de vossa suplicante atitude.

15 *Sacerdote.* Ó Édipo, dominador de minha pátria terra! Tu vês todas as idades assentadas em volta de teus altares: crianças ainda impotentes para

---

3. Esta expressão é assim interpretada: *com ramos enfeitados nas mãos.* De facto, era costume dos suplicantes levarem ramos de oliveira ou loureiro, envoltos em fitas de lã, quando pediam uma graça a um deus ou a uma potente personagem. Foi assim, por ex., que Crises se apresentou no acampamento dos Aqueus a impetrar o resgate da filha (Vid. *Ilíada,* I, 12-15).

longa caminhada, sacerdotes oprimidos pela idade (além de mim, que o sou de Zeus) e este escol da juventude; outra turba, coroada de ramos, acampa na praça pública, junto dos dois templos
5 de Palas e ao pé das cinzas proféticas de Ismeno.

A cidade, como tu próprio vês, é açoitada com violência e dos abismos duma inundação de morte já não pode levantar a cabeça: na terra perecem os germes frutíferos, os gados morrem nos pastos
10 e os filhos no ventre das mães.

A tedífera deusa, a peste execranda, lançando-se sobre a cidade, espalha a assolação; e a morada de Cadmo esvazia-se e enche-se de gemidos e lamentos o escuro Hades. Por isso, estamos assen-
15 tados às tuas portas, eu e estes teus filhos, não por te julgarmos igual aos deuses, mas porque, nos vaivéns da vida e nos sucessos enviados pelos imortais, te consideramos o primeiro dos homens; porquanto, tendo vindo para a cidade de Cadmo,
20 libertaste-nos do tributo que pagávamos à cruel cantora, sem que tivesses sido informado ou instruído por nós; mas, segundo se diz e se crê, foi só com o auxílio dos deuses que tu nos salvaste a vida.

25 Hoje também, ó Édipo, nosso soberano, todos nós te suplicamos que nos descubras salvamento, quer tu o conheças por revelação dalgum deus, quer tenhas algum homem ensinado. Pois, como

---

5. Era o nome dum adivinho sepultado no templo de Apolo, junto de Tebas, nas margens do rio Ismeno.

11. Designa-se assim a peste, por causa das piras que ateia, em que as suas vítimas eram queimadas.

20-21. A *cruel* cantora era a esfinge. (Vid. *Prólogo*, Lenda de Édipo).

eu vejo, o êxito coroa sobretudo os conselhos dos
experientes.

Eia, ó mais excelente dos homens, restitui a
cidade ao seu estado primitivo! Vigia sobre ela!
5 Hoje dá-te o nome de *salvador*, por causa de tua
solicitude antiga; mas não nos lembraríamos mais
do teu governo, se, depois de nos teres levantado,
nos deixasses, por fim, sucumbir. Restabelece, pois,
esta cidade sobre uma base segura!

10 Antes, sob favoráveis augúrios, concedeste-nos
a felicidade; mostra-te hoje o mesmo! Porquanto,
se quiseres dominar sobre este reino, como hoje
fazes, mais vale ter homens por súbditos, do que
uma terra despovoada; pois nada são as fortifica-
15 ções e os navios, se estão desertos, por não haver
homens lá dentro.

Édipo. Ó infelizes, eu não ignoro o desejo que
vos trouxe aqui. Sei bem que vós todos sofreis;
mas ninguém sofre tanto como eu. O vosso sofri-
20 mento atinge apenas a cada um em particular e não
a outrem; a minha alma, porém, sofre toda a dor
da cidade, sofre o meu mal e o vosso. Por isso, não
me surpreenderam no sono as vossas queixas; pelo
contrário, ficai sabendo que já copiosas lágrimas
25 chorei e que as minhas cogitações erraram por
muitos caminhos.

O único recurso que o meu pensamento encontrou,
esse pu-lo em prática: enviei Creonte, meu cunhado,
o filho de Meneceu, ao templo de Apolo, a Delfos, a
30 informar-se acerca do que devo fazer ou ordenar
para salvação da cidade. E, se conto o tempo desde
a sua partida, preocupo-me e pergunto a mim
próprio que é que ele fará; pois, contra a minha
espectativa, demora-se mais do que era necessário.

Um criminoso seria eu, por certo, se, apenas ele regresse, não executasse tudo, quanto o deus tiver ordenado.

Sacerdote. Tuas palavras consolam-me; e estes
5 anunciaram-me agora mesmo a chegada de Creonte.

Édipo. Ó rei Apolo, oxalá ele traga resposta salvadora, como anuncia seu alegre olhar!

Sacerdote. Eu suspeito que são boas as notícias; aliás não viria coroado com o fecundo louro.

10 *Édipo.* Em breve o saberemos, pois está assás perto para nos ouvir.

OS MESMOS E CREONTE

Édipo. Que resposta nos trazes tu, príncipe, meu cunhado, filho de Meneceu; que resposta trazes da parte do deus?

15 *Creonte.* Favorável; porquanto até as desgraças, penso eu, são uma felicidade, se levam todas a um bom êxito.

Édipo. Que disse ele? As tuas palavras não me inspiram ânimo nem temor.

20 *Creonte.* Estou pronto a falar. Desejas ouvir-me na presença destes, ou que vamos lá para dentro?

Édipo. Fala diante de todos, porque eu tenho mais pena deles, do que da minha própria vida.

Creonte. Vou, então, declarar-te quanto me re-
25 velou o deus. O rei Apolo ordenou com toda a evidência que extirpemos o crime que medra neste país e que não o façamos irremediável.

Édipo. Por meio de que purificação? Que espécie de desgraça sucedeu?

---

9. Aqueles que recebiam do oráculo uma resposta favorável era costume regressarem a sua terra coroados de loureiro.

Creonte. Por meio do exílio, ou pagando assassínio com assassínio, visto que o sangue derramado é a ruína da cidade.

Édipo. E contra que homem pronunciou o deus 5 uma tal sentença?

Creonte. Antes de tu, ó rei, governares nesta cidade, foi, outrora, Laio senhor da nossa terra.

Édipo. Conheço-o de nome, mas não o vi jamais.

Creonte. Apolo ordena agora com toda a evidên-10 cia que vinguemos a sua morte, punindo os assassinos, quem quer que eles sejam.

Édipo. Em que lugar da terra estarão eles? Onde descobriremos os vestígios dum crime antigo? Dificilmente os poderemos reconhecer.

15 *Creonte*. *Neste país* — afirmou o deus — *o que se procura alcança-se; aquilo, de que se não faz caso, foge.*

Édipo. Foi Laio assassinado, em sua casa, no campo, ou em terra estrangeira?

20 *Creonte*. Segundo a declaração do deus, ele fora consultar o oráculo; e, uma vez partido, não regressou mais.

Édipo. E ninguém observou o crime, ninguém que o anunciasse, nem sequer um companheiro de 25 viagem, do qual pudéssemos colher alguma informação?

Creonte. Morreram todos, excepto um desconhecido, que, fugindo com medo do que viu, só uma coisa pode afirmar ao certo.

30 *Édipo*. Qual? Uma só coisa pode dar-nos o rasto de muitas, se não desanimarmos de nossas pesquisas.

30-31. Este parece ser o sentido do texto que diz: ...*se tomarmos um início pequeno de esperança.*

Creonte. Diz ele que sobrevieram bandidos e que não matou a Laio só um homem, mas muitos.

Édipo. Como teria o bandido uma tal ousadia, se não fosse levado a isso pelo oiro de cá da terra?

5 *Creonte.* Assim parecia; não surgiu, porém, em nossa desdita, quem vingasse a sua morte.

Édipo. Tendo desse modo perecido o rei, que obstáculo impediu que se fizesse o inquérito?

Creonte. A enigmática esfinge levou-nos a aten-
10 der só ao que era patente e a descurar o que jazia na sombra.

Édipo. Pois bem! Eu vou esclarecer essas coisas, desde o princípio.

Na verdade, Apolo e tu mostrastes-vos solícitos,
15 com razão, por causa da morte de Laio; por isso, justamente me olhareis como vosso aliado, na vingança do ultraje feito a esta terra e, ao mesmo tempo, ao deus. E não faço isto em pró de amigos remotos; é de sobre a minha própria cabeça que
20 vou afastar uma tal monstruosidade. Porquanto, quem quer que matou aquele, pode também com o mesmo braço querer vingar-se de mim. Procedendo, pois, em favor de Laio, procedo em proveito de mim próprio.

25 Eia, ó filhos, levantai-vos depressa desses degraus e levai convosco os ramos suplicantes!

Que alguém convoque para aqui o povo de Cadmo! Eu nada quero omitir. Ou conseguimos com o auxílio do deus obter a felicidade ou pere-
30 ceremos todos. *(Creonte sai).*

Sacerdote. Ponhamo-nos de pé! Ele promete-nos a mercê, pela qual viemos aqui. Oxalá Febo, que enviou o oráculo, venha em nosso auxílio e nos livre do flagelo! *(Saem todos).*

CORO

Ó voz suave de Zeus, que vens tu, desde a opulenta Delfos, anunciar à ilustre cidade de Tebas?

Estou estupefacto e tremo de pavor, ó adjuvante 15 nume, ó salvador de Delos! E, medroso, pergunto a mim próprio: que sucesso me revelarás hoje ou nos vindouros tempos?

Diz-mo, ó filho da doirada esperança, ó imortal voz!

10 A ti primeiro eu invoco, ó Atena, filha imortal de Zeus! A Ártemis, tua irmã, tutelar desta terra, que tem assento, no círculo da praça, sobre um trono glorioso, eu invoco também, assim como ao sagitário Febo! Oh, mostrai-vos a mim, vós três 15 que conjurais a morte! Tal, como em outros tempos, em que afastastes o raio da destruição, que impendia sobre a cidade, vinde hoje também em meu auxílio!

Ai, deuses! Eu sofro males sem conta! Todo o 20 povo é vítima do flagelo; e nenhuma esperança há de nos livrarmos dele!

Não medram os frutos da egrégia terra e às dores de difíceis partos sucumbem as mães.

E uns após outros, mais céleres do que impe- 25 tuoso fogo, eis os mortos a precipitarem-se, como

---

1. Zeus era o autor de todos os oráculos e Apolo sòmente o seu intérprete.

4. Quem fala é sempre o Corifeu em nome do *Coro*.

5. Apolo era oriundo da ilha de Delos, que, por isso, lhe era consagrada.

11. Artemis tinha um templo sobre a ágora de Tebas, mencionado por Pausânias (9, 17, 1), a qual era de forma circular, como as praças da antiguidade.

aves de voo rápido, para a praia do deus da tarde.

É inumerável o povo que pela cidade morre; e os cadáveres estão estendidos por terra, sem dó nem
5 compaixão, espalhando o contágio. Entretanto, aqui e acolá, pelos degraus dos altares, esposas e mães encanecidas erguem vozes dolentes, implorando remédio contra seus males.

Gritos de dor ressoam misturados com lúgubres
10 cânticos.

Envia, pois, socorro, ó áurea filha de Zeus; envia benévolo auxílio!

Ao Ares violento, que, privado agora de escudo, me queima e investe contra mim, excitando lamentos
15 em volta, lança-o para longe da pátria, em retrógrada carreira, para o extenso leito de Anfitrite, ou para as costas da Trácia, sem portos hospitaleiros! Ele aniquila-me. O que a noite deixa, consome-o o dia.

Fulmina-o, ó pai, tu que dominas a potência do
20 ignífero raio!

Ó rei lício, deixa voar em minha defesa as indomáveis flechas da corda de teu arco tecida de oiro; com elas dardeja também os ígneos fachos, com que Artemis percorre as montanhas da Lícia!

---

1. Alude a Plutão, que, segundo a concepção homérica, tem sua morada no Ocidente, nos confins da Terra, onde o Sol desaparece (Vid. *Odisseia*, XII, 81).

13-14. O flagelo é atribuído a Ares, porque, pelo grande número de vítimas, assemelha-se à guerra. Diz-se que *queima*, atendendo ao ardor da febre, ou às piras, em que se queimavam os cadáveres.

21. Este epíteto, derivado da mesma raiz que *lúceo*, aplicava-se a Apolo como deus da luz. Os trágicos consideravam-no um deus terrível para os inimigos e benévolo para os amigos.

Ao deus da áurea tiara, homonímico desta terra, a Baco de faces vinosas, companheiro das ménades, eu suplico igualmente que venha com uma teda faiscante reduzir a cinzas o mais infame dos deuses!

O MESMO E ÉDIPO

5 *Édipo.* Tu imploras; se, no desejo de conjurar o flagelo, atenderes às minhas palavras, conseguirás o objecto de tua súplica — ajuda e alívio de teus males.

Eu falarei, como estranho ao oráculo e ao facto
10 sucedido. Sim; não tendo nenhum indício, não podia chegar longe em minhas investigações. Portanto, aos descendentes de Cadmo — entre vós admitido ùltimamente como cidadão — faço saber: qualquer que saiba quem foi o assassino de Laio, filho de
15 Lábdaco, a esse ordeno que me revele toda a verdade; e, se receia incriminar-se a si próprio...; ele não sofrerá nenhum dissabor e partirá desta terra, sem que alguém o incomode.

Ao contrário, se alguém souber que o criminoso
20 foi um estrangeiro, denuncie-o abertamente, pois

---

2. Baco, por ser oriundo de Tebas (a mitologia considera-o filho de Sémela, filha de Cadmo), era designado pelo nome da terra natal.

17. Qualquer que seja o texto autêntico, não se trata aqui do assassino de Laio, mas do denunciante, aliás a atitude de Édipo não seria compreensível, nem se coadunaria com seu carácter. E convém observar que o segundo, apesar de não ter praticado o crime, é contudo digno de castigo (do exílio), porquanto com seu silêncio não evitou que Tebas fosse preservada do flagelo (Vid. H. Schütz, *Sophokleischen Studien*, Postdam, 1890, págs. 78-79).

terá de mim a recompensa e, além disso, ficar-lhe-ei reconhecido.

Se, porém, vos calardes, ou alguém, por temer algum mal para si ou seu amigo, desprezar esta
5 minha ordem, ouvi o que sucederá a um tal. Eu proíbo à gente desta terra, que eu governo e na qual assenta meu trono, que acolham esse homem, quem quer que ele seja, que o saúdem ou comuniquem com ele nas orações e sacrifícios aos deuses,
10 ou o aspirjam com água lustral; antes expulsem-no todos de sua casa como coisa para nós imunda, segundo mo revelou recentemente o oráculo do deus pítico. Procedendo assim, sirvo a este deus e ao morto.
15 Quanto ao criminoso, quer executasse o crime só e clandestinamente, quer na companhia de outros, eu o esconjuro e que na desgraça consuma sua miserável vida! Sobre mim próprio, se com meu conhecimento ele coabitasse comigo, desejo que
20 caiam as pragas, que imprequei contra os culpados.

E a vós imponho a obrigação de executar tudo isto, não só por amor de mim e do deus, mas para bem desta terra votada à esterilidade e abandonada pelos deuses. Porquanto, até mesmo que esta em-
25 presa não fosse ordenada por um deus, não era justo que deixásseis impune o crime, de que foi vítima um homem virtuosíssimo, qual era o rei;

---

10. Esta é a água, em que se lançou um carvão ardente tirado do altar do sacrifício e com a qual eram aspergidos aqueles que assistiam a uma cerimónia religiosa. Segundo os trágicos, este costume remontava já aos tempos heróicos (Vid. F. W Schneidewin, *Sophokles*, Berlin, 1855, I, pág. 54).

mas devíeis, quanto a isto, fazer as necessárias inquirições.

Sou agora, porém, depois de a desgraça ruir sobre sua cabeça, senhor do poder que ele possuía antes;
5 ocupo o mesmo leito e tenho por mulher a sua própria esposa, cujos filhos seriam todos irmãos, se o destino não lhe fosse contrário; por isso, empreenderei este combate como por meu próprio pai e empregarei todos os meios, para capturar o facínora,
10 que assassinou o filho de Lábdaco, descendente de Polidoro e do velho Cadmo e do vetusto Agenor.

E àqueles que não me obedecerem, eu suplico aos deuses que não lhes concedam os frutos da terra,
15 nem filhos às esposas; e que sucumbam ao actual flagelo ou a um ainda pior. Mas a vós, os outros filhos de Cadmo, que aprovais este meu decreto, que a *Dike* vos proteja e perpètuamente vos sejam benévolos todos os deuses!

20 *Coro*. Vou falar, ó rei, visto me forçarem a isso as tuas imprecações.

Eu não assassinei Laio e ignoro quem praticou o crime. Febo, que intimara esta pesquisa, é que devia declarar quem foi o autor dele.

25 *Édipo*. Tens razão. Contudo nenhum homem poderia contrariar a vontade dos deuses.

Coro. De bom grado, diria ainda outra coisa, que me parece a propósito.

Édipo. Diz não só essa, mas até outras. Não te
30 coíbas!

Coro. Aquilo que vê o rei Febo, eu tenho a certeza que o vê melhor que ninguém o adivinho Tirésias. Interrogando-o, ó rei, poder-se-ão conseguir as mais exactas informações.

Édipo. Não descurei isso; por conselho de Creonte, enviei dois mensageiros à sua procura; e admiro-me que ele se demore tanto.

Coro. Certamente são vãos e antigos os outros
5 boatos.

Édipo. Quais boatos? Eu examino tudo quanto se diz.

Coro. Consta que Laio foi vítima de certos viandantes.

10 *Édipo.* Também eu ouvi isso; mas ninguém viu ainda nenhuma testemunha ocular.

Coro. Se no peito abriga medo, ele não resistirá, ao ouvir as tuas maldições.

Édipo. Palavras não aterrorizam a quem não re-
15 ceia as obras.

Coro. Existe alguém que o há-de convencer do crime.

Eis aí os que conduzem o vidente exímio, o único dentre os homens, a quem é inata a verdade.

OS MESMOS E TIRÉSIAS

20 *Édipo.* Ó Tirésias, conhecedor de todas as coisas, das que se podem saber e das que são ocultas ao homem, tanto no céu como na terra! Se bem que és cego, sabes contudo de que flagelo é vítima a cidade.

25 A ti só encontramos, ó príncipe, para seres seu protector e amparo; porquanto Febo (se não to disseram já os mensageiros) respondeu à nossa consulta — que não seríamos livres deste flagelo, sem primeiro termos descoberto os assassinos de Laio,
30 lhes tirarmos a vida ou os banirmos desta terra.

Não recuses, pois, declarar-nos o que te revelam
os augúrios ou outro qualquer meio de predição ao
teu alcance, a fim de que te salves a ti próprio e
à cidade, me salves também a mim e nos livres
5 da conspurcação causada pela morte de Laio. Em
ti pomos a nossa esperança. O melhor que um
homem pode fazer é empregar sua inteligência e
suas forças em auxílio dos outros.

Tirésias. Ai!... Ai! . Que terrível coisa não é a
10 sabedoria, quando para o sábio não tem préstimo
algum! E eu bem o sabia, mas esqueci-me; aliás,
não teria vindo aqui.

Édipo. Que te sucedeu, para vires tão desanimado?

15 *Tirésias*. Deixa-me regressar a casa! Se mo consentires, não terás dificuldade em suportar a tua
sorte, nem eu a minha.

Édipo. As tuas palavras são injustas; e para com
a cidade, que te criou, procedes como um ingrato,
20 recusando-lhe o teu veredicto.

Tirésias. Eu reconheço que o teu falar a ti próprio é funesto. Para que não me suceda o mesmo...

Édipo. Pelos deuses, se sabes alguma coisa, não
nos abandones! Todos nós to suplicamos, prostra-
25 dos diante de ti.

---

16. Quer dizer: tu, por desconheceres o mistério da tua vida, e eu, por evitar o odioso, descobrindo-te os teus crimes.

18. Isto é: contraditam o preceito de nomear o assassino de Laio.

23. Em certos textos, esta fala é atribuída ao *Coro;* todavia é inegável que a resposta de Tirésias só tem sentido, relativamente a Édipo (Vid. H. Schütz, *op. cit.*, pág. 81 e seg).

Tirésias. Todos vós sois insensatos. Eu não pronunciarei minhas funestas revelações; não quero dizer coisas que te são prejudiciais.

Édipo. Que dizes tu? Recusas-te a dizer o que
5 sabes? Pensas em abandonar-nos, votando a cidade à ruína?

Tirésias. Não te quero molestar a ti nem a mim. Porque me fazes perguntas inúteis? Eu não te revelarei nada.

10 *Édipo*. Ó homem pior que a própria maldade (pois até serias capaz de excitar à cólera um rochedo)! Tu não acabarás por me manifestar isso? Continuarás assim insensível e inexorável?

Tirésias. Tu censuras o meu carácter; lanças-mo
15 em rosto e não percebes o que tens dentro de ti.

Édipo. Quem não se indignaria, ouvindo as palavras, com que ousas afrontar esta cidade?

Tirésias. Tudo se revelará, apesar de eu o envolver no silêncio.

20 *Édipo*. Deves, pois, dizer-me o que é que se há-de revelar.

Tirésias. Não adiantarei nada; por isso, dá largas à cólera, se assim te apraz, à cólera mais impetuosa.

25 *Édipo*. Possuído da cólera, como estou, não ocultarei nada do que conheço.

Fica, portanto, sabendo que eu te considero um dos maquinadores do crime; e que foste seu autor, não obstante nisso não teres posto o teu braço. Se

---

15. É sedutora a tradução — *e não sabes quem habita contigo*, vendo-se nestas palavras uma alusão a Jocasta; todavia o contexto não permite uma tal interpretação.

não fosses cego, eu diria que tu és o único responsável.

Tirésias. É verdade isso?

Eu digo-te que te mantenhas fiel à proclamação
5 que anunciaste antes e que, desde o dia de hoje, não dirijas a palavra a nenhum destes, nem a mim, visto seres tu o ímpio conspurcador desta terra.

Édipo. Atreves-te a deixar sair tão desavergonhadamente essa palavra da tua boca? Onde pensas
10 escapar à minha vingança?

Tirésias. Estou salvo, porque a força da verdade está por mim.

Édipo. Quem to garantiu? Pelo menos, não foi a tua arte.

15 *Tirésias*. Foste tu, pois que me obrigaste a falar contra a vontade.

Édipo. A dizer o quê? Di-lo outra vez, para que o perceba melhor.

Tirésias. Não o compreendeste ainda? Ou queres
20 obrigar-me a falar?

Édipo. Não o compreendi, de maneira a poder afirmar que o sei. Repete-mo!

Tirésias. O assassino do homem, que procuras, eu afirmo que és tu.

25 *Édipo*. Não caluniarás impunemente duas vezes.

Tirésias. Devo falar ainda mais, para que aumente a tua cólera?

Édipo. Diz o que quiseres. Falarás em vão.

Tirésias. Afirmo que, sem o saberes, tens rela-
30 ções vergonhosíssimas com as pessoas que te são

---

20. Talvez melhor: *Ou queres travar comigo um combate de palavras?* (Vid. H. Schütz, *op. cit.*, pág. 84).

mais caras, não vendo o atoleiro de infâmia, a que chegaste.

Édipo. Pensas, porventura, que poderás continuar a falar assim, sem receber castigo?

5 *Tirésias*. Sim, se a força da verdade não é coisa vã.

Édipo. Não é, certamente; todavia não a possuis. A ti é ela estranha, porquanto és cego dos ouvidos e do espírito, não apenas dos olhos.

10 *Tirésias*. Desgraçado! Tu lanças-me em rosto o que, em breve, nenhum dos presentes deixará de to lançar ao teu!

Édipo. Vives em noite escura; por isso, jamais me poderás prejudicar a mim ou a outro qualquer

15 que vê a luz.

Tirésias. Perecer vítima do meu braço não é teu destino; Apolo basta, a quem importa levar isto a cabo.

Édipo. Foste tu ou Creonte quem escogitou isso?

20 *Tirésias*. Creonte não te fez nenhum mal; tu próprio és a causa disso.

Édipo. Ó riquezas, ó tirania, ó arte, na invejada vida, superior a toda a arte! Quanta inveja escondeis em vosso seio!

25 Por causa dum trono, com que a cidade, sem eu o pedir, me galardoou, o fiel Creonte, o amigo de outrora, trama na sombra contra mim, procurando privar-me dele, por meio deste feiticeiro, urdidor de tramóias e astuto charlatão, atento só aos seus

30 interesses, mas cego na sua arte.

Eia, diz-me, em que mostraste tu ser inspirado

1-2. Tirésias refere-se às relações incestuosas de Édipo com sua mãe, que, intencionalmente, revela duma maneira vaga.

adivinho? Porque não indicaste a estes habitantes da cidade um meio de salvação, quando o monstro, cantor de enigmas, estava às suas portas? Certamente, não era qualquer homem que podia resol-
5 ver o enigma; para isso precisava-se de arte divinatória, a qual não parece terem-te ensinado os augúrios, nem os deuses.

Então, apareci eu, o ignorante Édipo, que, sem ser instruído pelo voo das aves, lhe pus termo, por
10 meio da inteligência.

É a mim, pois, que tentas depor, na esperança de adquirir um lugar junto do trono de Creonte. Mas creio que vos há-de custar muitas lágrimas, a ti e ao urdidor desta trama, banir-me como um
15 precito; e, se não atendesse à tua idade, o castigo havia de fazer-te reconhecer as tuas intrigas.

Coro. Segundo conjecturamos, Édipo, as tuas palavras e as deste são talvez filhas da cólera.

Deixai isso! O que nos importa é examinar o
20 modo de melhor executar o oráculo do deus.

Tirésias. Apesar de seres rei, a mim assiste-me o direito de te dar igual resposta; para isso também eu tenho o poder. Porquanto não sou teu servo, mas de Lóxias; nem preciso de me inscrever
25 como protegido de Creonte.

---

3. Esse *monstro cantor de enigmas* era a esfinge, por ela propor aos viandantes o enigma que das musas aprendera (Vid. *Prólogo*, Lenda de Édipo).

24. Este epíteto, que pròpriamente significa *oblíquo*, é atribuído a Apolo, sem dúvida, por causa de seus oráculos confusos e misteriosos.

25. Referência ao costume que em Atenas havia de cada *meteco* escolher um patrono que o devia representar nos negócios públicos e privados, devendo como tal ser inscrito nos registos públicos.

Digo-te isto, por escarneçeres da minha cegueira:
— tu tens olhos; não vês, porém, quão profundamente caíste; não vês com quem moras, nem com quem vives em casa.
5 Sabes, porventura, de quem és filho? Sabes que és inimigo dos teus, sem o saberes, dos que estão lá em baixo e dos que vivem sobre a terra?
A dupla maldição de andar medonho, a maldição de teu pai e de tua mãe, expulsar-te-á, um dia,
10 desta terra a ti, que vês agora claramente, mas, depois, verás apenas noite escura.
Que porto e que Citerão não serão, em breve, eco de teus lamentos, quando reconheceres que o teu himeneu foi um mau ancoradoiro, em que en-
15 traste, após uma feliz viagem?
Mas muitas outras monstruosidades são-te ainda desconhecidas, as quais te igualarão a teus próprios filhos. Por isso insulta Creonte e repudia as minhas palavras! Jamais nenhum mortal perecerá mais ver-
20 gonhosamente do que tu.
Édipo. Poder-se-á suportar uma tal linguagem? Não te levará a morte? Que esperas ainda? Não voltarás costas, para te retirares deste palácio?
Tirésias. Eu não teria vindo aqui, se não me
25 chamasses.
Édipo. Não suspeitava que dirias semelhantes estultícias; aliás, nunca te chamaria a minha casa.

---

12. Citerão é uma montanha fronteiriça, entre a Ática e a Beócia, aqui, porém, tem um sentido geral: significa apenas *montanha*.

17-18. Tirésias quer dizer que Édipo, depois de reconhecer seu parentesco com sua actual esposa, há-de aparecer como irmão de seus próprios filhos.

Tirésias. A ti pareço eu louco, mas sensato aos pais que te geraram. *(Volta-se para sair).*

Édipo. Quem são eles? (Espera!) Por qual dos mortais fui eu gerado?

5 *Tirésias.* O dia de hoje será para ti de vida e de morte.

Édipo. Como tudo quanto dizes é enigmático e obscuro!

Tirésias. Não és, então, o mais hábil para decifrar tais enigmas?

10

Édipo. Exprobra-me aquilo, em que hás-de ver que sou grande.

Tirésias. Precisamente, esta sorte foi a tua ruína.

Édipo. Mas salvei a cidade; o resto não me importa.

15

Tirésias. Vou-me, portanto, daqui. Guia-me, rapaz!

Édipo. Que ele te conduza, pois a tua presença perturba-me e serve-me de estorvo; e, partindo, não me afligirás mais.

20

Tirésias. Vou-me, mas só depois de ter dito aquilo que me trouxe aqui, sem receio da tua pessoa, pois jamais me poderás fazer mal algum.

Declaro-te, portanto: esse homem, que há muito procuras, fazendo ameaças e proclamações a respeito da morte de Laio, esse homem está aqui; é considerado estrangeiro residente nesta terra, mas, em breve, revelar-se-á que ele é natural de Tebas. Esta revelação, porém, não lhe causará alegria,

25

---

3. Como Tirésias nunca esteve em contacto com os supostos pais de Édipo, as suas palavras ferem a este a curiosidade e, por isso, manda-o esperar.

12. Deve subentender-se. *se bem o ponderares.*

19. Isto é. para executar a ordem do deus.

porque, tendo primeiro tido vista, irá depois cego para uma terra estranha; em vez de rico, partirá pobre e a tactear o caminho com um bastão.
Manifestar-se-á que ele é, ao mesmo tempo, pai
5 e irmão de seus próprios filhos, filho e esposo da mulher que o deu à luz e que ocupa o leito do pai, de quem é o assassino.
E agora vai para dentro e reflecte nestas coisas! E, se descobrires que minto, então podes dizer que
10 não percebo nada da arte divinatória. *(Édipo e Tirésias saem).*
Coro. Quem é aquele, do qual o profético rochedo de Delfos anunciou que tinha executado com sanguinolentas mãos o crime mais atroz?
15 É tempo que para a fuga mova os pés, mais ligeiro que os corcéis rápidos, como a procela. Porquanto o filho de Zeus, armado de fogo e raios, lança-se contra ele e perseguem-no as *Keres* terríveis e inevitáveis.
20 Agora mesmo soou do nevoso Parnaso uma voz, ordenando que todos vão no encalço do criminoso oculto.
Qual toiro, vagueia na selva agreste, solitário, por antros e rochedos, e os oráculos do centro
25 da terra — infeliz! — procura evitar, que sempre em volta dele voam e nunca morrem.
Assustadoras, na verdade assustadoras são as predições do hábil áugure, as quais eu não acredito nem nego, nem sei o que delas direi.

12-13. O rochedo de Delfos é o monte Parnaso; nele, sobre uma rocha, está construído o templo de Apolo.
24-25. Refere-se ao templo de Apolo, em Delfos, que era considerado o centro do mundo.

O medo tem-me suspenso; e, no presente e no passado, nada enxergo.
Nem antes nem agora, nunca ouvi dizer que o filho de Pólibo tivesse querela com os Labdácides;
5 não possuo, portanto, evidente prova para denegrir a fama popular de Édipo e tomar o partido daqueles, como vingador dum crime misterioso.
Zeus e Apolo são inteligentes e conhecem os destinos dos mortais; não é, porém, certo que um
10 adivinho sobrepuje nisto mais do que eu aos outros homens.
Um homem em sabedoria pode ser superior a outro; contudo, sem primeiro ver realizada a palavra do adivinho, não concordarei jamais com os
15 acusadores.
A alada donzela acometeu, um dia, Édipo, à vista de todos; mas ele mostrou-se sábio, então, e salvou a cidade do flagelo; por isso, em meu espírito, nunca o terei por culpado.

CORO E CREONTE

20 *Creonte*. Cidadãos! Informado das horríveis acusações, que o rei Édipo contra mim lançou, apresento-me aqui, a ferver de indignação.
Se é verdade que ele, nas calamidades actuais, julga que lhe causei algum dano, por obras ou
25 palavras: nesse caso, eu, oprimido por tal fama, não tenho desejos de larga vida. Pois não é insignificante, mas de grande monta, o prejuízo que esta opinião acarreta sobre mim, dada a hipótese de,

---

16. Referência à esfinge.
22. Ou: *não podendo tal suportar*

na cidade, ser tido por traidor, de ser por ti considerado tal e pelos meus amigos.

Coro. Esta calúnia deve atribuir-se talvez mais à cólera do que à reflexão.

5 *Creonte*. Mas qual a prova de que foi, seduzido por meus conselhos, que o adivinho proferiu semelhantes falsidades?

Coro. Isso é o que se disse; as causas não as sei.

Creonte. Pronunciou ele esta acusação de olhar 10 firme e de ânimo convicto?

Coro. Ignoro-o; eu não espio os actos dos governantes. Mas ei-lo; precisamente agora sai do palácio.

ÉDIPO E OS MESMOS

Édipo. Tu aqui? Que vieste cá fazer? Tão grande audácia é a tua, que entras até em minha casa, 15 tu, assassino declarado de mim próprio e evidente usurpador de minha realeza?

Dize, pelos deuses! Que sinais de poltronice ou de loucura descobriste em mim, para te decidires a uma empresa tal? Julgavas que a conspiração, 20 que ardilmente contra mim avançava, não seria descoberta e que não me defenderia, uma vez patenteada? Não é, porventura, empresa louca, prescindindo dos amigos e do povo, pretender um trono, que se conquista só com a ajuda do povo e do 25 dinheiro?

Creonte. Sabes o que tens a fazer? Escuta a res-

---

15. Creonte é chamado *assassino de Édipo*, porque, na opinião deste, ele induziu Tirésias a atribuir-lhe o assassinato de Laio — crime, que, segundo o oráculo, deve ser punido com a morte (ou exílio).

posta a tuas afirmações e, depois de me teres ouvido, julga, então, por ti próprio.

Édipo. Para falar és tu hábil; eu, porém, sou fraco ouvinte, desde que descobri que eras um ini-
5 migo perigoso.

Creonte. Escuta primeiro o que te vou dizer!

Édipo. Não digas nada! Não me digas que não és um malvado!

Creonte. Se julgas que a contumácia, desprovida
10 de siso, serve para alguma coisa, teu pensar é errado.

Édipo. Se julgas que podes fazer mal, impunemente, a um teu consanguíneo, não pensas bem.

Creonte. Tens razão, concordo. Mas, diz-me, que
15 mal foi esse que afirmas ter experimentado?

Édipo. Foste tu quem me persuadiu ou não de que era preciso enviar um mensageiro ao adivinho famoso?

Creonte. E ainda agora sou do mesmo parecer.

20 *Édipo.* Há quanto tempo foi que Laio ..

Creonte. Que é que ele fez? Não percebo.

Édipo. Sucumbiu, vítima dum atentado?

Creonte. Longos e velhos tempos poderiam ser contados.

25 *Édipo.* E já exercia, então, o adivinho a sua arte?

Creonte. Tinha a mesma ciência e igual renome.

Édipo. E, nesse tempo, fez ele menção de mim?

Creonte. Não, em nenhuma parte; pelo menos,
30 estando eu presente.

Édipo. E não fizestes indagações a respeito do morto?

Creonte. Fizemos. Porque não? Mas não conseguimos ouvir nada.

Édipo. Esse adivinho porque não esclareceu, então, o caso?

Creonte. Não sei; a respeito daquilo que ignoro, prefiro calar-me.

5 *Édipo*. Tu sabe-lo suficientemente; e, visto estares informado, poderias declará-lo.

Creonte. Declarar o quê? Se eu souber, não o ocultarei.

Édipo. Que, se o adivinho não estivesse de acordo
10 contigo, jamais atribuiria a mim a morte de Laio.

Creonte. Se ele diz isso, sabe-lo tu próprio; mas eu desejava interrogar-te do mesmo modo que tu agora o fazes a mim.

Édipo. Interroga, que nunca serei tido por homi-
15 cida.

Creonte. Pois bem! Não é minha irmã tua esposa?

Édipo. À tua pergunta não posso responder negativamente.

20 *Creonte*. Não governas o país com poder igual ao dela e com honras iguais?

Édipo. Concedo-lhe tudo, quanto deseja.

Creonte. Não sou eu um terceiro igual a vós dois?

25 *Édipo*. Nisso, exactamente, revelas-te um pérfido amigo.

Creonte. Se te deres, como eu, contas a ti próprio, verás que não.

Reflecte nisto, em primeiro lugar: que um rei
30 governe entre receios parece-te preferível a que

25-26. A saber: em aspirar ao trono e a receber honras iguais às do rei e da rainha.

durma em sossego, conservando a mesma autoridade?

Quanto a mim, desejo menos ser rei do que fazer obras próprias de rei, como pensa todo o homem
5 sensato. A razão é: porque tudo consigo agora de ti, sem receios; mas, se fosse eu próprio a governar, deveria proceder contra minha vontade em muitas coisas.

Como, pois, me devia ser mais agradável a rea-
10 leza, do que um governo e um poder livre de cuidados? Não me deixo iludir de tal maneira, a desejar outra coisa, além do que é bom e traz proveito.

Agora estou contente com todos e todos me saú-
15 dam; e sou lisonjeado pelos que de ti pretendem algum favor. Porquanto de mim depende a consecução de seus desejos.

Como poderia eu, em troca da minha condição, aspirar à tua? Um espírito bem formado não se
20 prejudicaria a si próprio. Não; eu não sou partidário dum tal parecer; nem ousaria jamais associar-me a outrem que o quisesse pôr em prática.

Em prova disto, vai a Delfos e informa-te se te anunciei fielmente a resposta do oráculo; e, se des-
25 cobrires que tramei com o adivinho alguma conjura contra ti, então condena-me à morte, não com um sufrágio só, mas com dois, com o meu e o teu. Não me culpes, porém, por ti só, por uma suposição secreta, pois não é justo pensar, levia-

---

13-14. Outro texto: *invocam o meu nome quantos de ti pretendem algum favor.*

19. Creonte quer dizer que nunca tomaria parte em qualquer empresa para destronar Édipo.

namente, que os maus são gente de bem, nem
tão pouco que os homens honestos são maus.

Além disso, afirmo-te que repelir um amigo fiel
é o mesmo que repelir de si a própria vida, que
5 é o nosso maior bem. Mas com o tempo hás-de,
com certeza, reconhecer isto, pois ùnicamente ele
prova a virtude do homem, ao passo que o criminoso
podê-lo-ás conhecer num só dia.

Coro. A admoestação é sábia, ó rei, para quem
10 receia cair; porque fàcilmente tropeçam os que
tomam uma resolução precipitada.

Édipo. Ao que se apressa a tramar, na sombra,
contra mim devo opor, de minha parte, uma rápida
decisão; porquanto, permanecendo inactivo,
15 a acção daquele surtirá efeito e a minha defesa
falhará.

Creonte. Que pretendes, pois? Banir-me do país?

Édipo. De modo algum. Quero a tua morte, não
o teu exílio.

20 *Creonte*. Quando tiveres provado qual a razão
do teu ódio.

Édipo. Dizes que não hás-de ceder e que não
obedecerás?

Creonte. Porque vejo que pensas como um
25 louco.

Édipo. Sensatamente, pelo menos, quanto ao
que a mim respeita.

Creonte. Mas deves atender também aos meus
interesses.

30 *Édipo*. Tu és um criminoso.

Creonte. E se te enganares?

Édipo. Apesar disso, deves obedecer.

Creonte. Jamais, sendo iníquas tuas ordens.

Édipo. Ó cidade, ó cidade!...
Creonte. Também eu pertenço a esta cidade, não és só tu.
Coro. Deixai isso, ó príncipes! Em ocasião oportuna, como observo, sai Jocasta do palácio. É ela
5 quem deve pôr termo à actual questão.

OS MESMOS E JOCASTA

Jocasta. Ó infelizes, porque essa inconsiderada contenda de palavras? Não vos envergonhais de exacerbar vossos males particulares, quando a
10 terra é tão açoitada pelo flagelo?
Retira-te para o palácio; e tu, Creonte, vai para tua casa, e não façais um mal grande duma ninharia!
Creonte. Ó minha irmã! Édipo, teu esposo, quer
15 condenar-me a uma cruel pena, de duas, ao seu arbítrio: — ao *exílio* ou à *morte*!
Édipo. É verdade; porque descobri, mulher, que ele com uma perversa astúcia tramava contra minha pessoa.
20 *Creonte.* Que eu seja um desgraçado e morra como um maldito, se cometi algum dos crimes, de que me acusas!
Jocasta. Oh, pelos deuses, Édipo, dá crédito a suas palavras! Respeita, sobretudo, o juramento
25 feito em nome dos deuses; tem consideração para comigo e para com os que estão presentes!

---

1. Édipo invoca o testemunho de Tebas, que o fez rei, em defesa de suas ordens.

2-3. Creonte quer dizer que, como habitante de Tebas, também seu testemunho deve ser ouvido.

20-22. Estas palavras equivalem a um juramento, como Jocasta explica, em seguida.

Coro. Cede, ó rei! Mostra que és benévolo e sensato, eu te peço!

Édipo. Que desejas tu que faça?

Coro. Respeita a quem antes não era estulto e
5 agora pelo juramento se tornou grande!

Édipo. Sabes o que pedes?

Coro. Sei.

Édipo. Então fala claro!

Coro. Não desonres o amigo, que está sob a
10 ameaça duma maldição, com uma culpa baseada em mera suspeita!

Édipo. Fica, pois, sabendo: pretender isso é pretender a minha morte ou que seja exilado desta terra.

15 *Coro.* Não, por Hélios, o primeiro, entre os demais deuses! Sucumba eu à mais horrível das mortes, abandonado dos deuses e dos amigos, se penso dum semelhante modo! Todavia os males que afligem a terra atormentam a minha alma (infeliz de
20 mim!) com uma dor ainda mais cruel, ajuntando-se às calamidades antigas as causadas por vós.

Édipo. Que ele desapareça daqui, ainda que eu, irremediàvelmente, tenha de morrer ou seja forçado a abandonar a pátria, coberto de opróbrio!
25 As tuas palavras compassivas comovem-me, não as deste, que odiarei, onde quer que ele se encontrar.

Creonte. Tu deixas-te, sem dúvida, dominar pelo ódio; quando ele, porém, se desvanecer, causar-te-á
30 pena. Temperamentos tais são, justamente, a si próprios mais molestos que ninguém.

---

10. Ou: *sob a protecção dum juramento.*

Édipo. Não quererás tu deixar-me em paz e ausentar-te?

Creonte. Eu parto, na verdade, desconhecido de ti, mas, na opinião dos presentes, o mesmo que
5 antes. *(Sai Creonte).*

ÉDIPO, JOCASTA E CORO

Coro. Rainha, porque não levas já esse para dentro do palácio?

Jocasta. Só depois de me ter informado do caso sucedido.

10 *Coro.* Surgiu uma suspeita vã, baseada, apenas, em palavras; contudo a palavra injusta também magoa.

Jocasta. Ditas de lado a lado?

Coro. Sim.

15 *Jocasta.* E de que se tratava?

Coro. Basta que a contenda, penso eu, basta que, em vista dos males que afligem a terra, fique, onde acabou.

Édipo. Repara nas tuas palavras! Não vês que,
20 não obstante seres bem intencionado, calcas aos pés os meus interesses e me feres o coração?

Coro. Já te disse, ó rei, mais que uma vez: eu seria um insensato e avesso a toda a razão, se não te fosse fiel a ti, que guiaste minha pátria a porto
25 de salvamento, quando se debatia em trabalhos. Se podes, sê também agora seu guia!

3-5. Quer dizer: culpado diante de ti, mas inocente, perante estes.

Jocasta. Pelos deuses, ó rei, deixa-me também a mim saber qual o motivo que tanto exacerbou a tua cólera!

Édipo. Porque tenho para contigo maior consi-
5 deração do que para com estes, eu vou, rainha, dizer-te qual a trama que Creonte contra mim urdiu.

Jocasta. Fala, na hipótese de lhe poderes atribuir abertamente a causa da querela.

10 *Édipo*. Ele afirma que fui eu quem assassinou Laio.

Jocasta. Por conhecimento próprio ou por tê-lo ouvido a outrem?

Édipo. Enviou-me um adivinho pérfido; de sua
15 parte, não formula contra mim nenhuma acusação.

Jocasta. Não faças caso disso! Escuta-me e sabe que nenhum mortal possui a arte divinatória. Vou provar-te este asserto com breves palavras.

20 Um oráculo anunciou, outrora, a Laio (não digo que viesse do próprio Febo, mas dos servos dele) que era seu destino morrer às mãos dum filho, que de mim e dele havia de nascer. Ora Laio, como é fama corrente, foi morto por salteadores estrangei-
25 ros, numa encruzilhada de caminhos; e, quanto ao filho, ainda não passados sequer três dias, desde o seu nascimento, mandara-o Laio, depois de o ter atado pelos tornozelos, lançar numa deserta montanha. E assim falhou o oráculo de Apolo: nem
30 a criança foi o assassino do pai, nem Laio foi morto pelo filho — sombra negra que o amedrontava.

Tais são as predições anunciadas pelas vozes dos adivinhos; por isso, não te inquietes! Porquanto

um deus fàcilmente revelará por si mesmo aquilo que ele julgar digno de ser investigado.

Édipo. Que desvairo e perturbação de espírito me sobreveio de súbito, ao ouvir, rainha, as tuas
5 palavras!

Jocasta. Que cuidado te perturba? Fala!

Édipo. Parece-me que te ouvi dizer que Laio foi morto numa encruzilhada.

Jocasta. Assim constou; e assim consta ainda
10 hoje.

Édipo. E em que lugar se deu o assassinato?

Jocasta. Fócida é o nome da terra; aí se cruzam os caminhos que partem de Delfos e de Dáulia.

Édipo. O facto há quanto tempo sucedeu?

15 *Jocasta.* Ele tornou-se público na cidade, pouco antes de tu apareceres e de tomares conta do seu governo.

Édipo. Ó Zeus, quais são os teus desígnios a meu respeito?

20 *Jocasta.* Que é que te preocupa o espírito, ó Édipo?

Édipo. Não mo perguntes ainda! Mas dize: qual era a estatura de Laio e que idade tinha?

Jocasta. Era corpulento; e, na cabeça, começa-
25 vam-lhe já os cabelos a encanecer. Seu aspecto não se diferenciava muito do teu.

1-2. Segui a interpretação dum escoliasta. Outros interpretam *quae necessaria esse (deus) deprehenderit* (Erfurdt), ou *quicquid (deus) quaestione egere iudicaverit* (Ellendt); ou ainda *les choses dont (un dieu) recherche l'utilité* (Ch. Georgin). Sobre o assunto vid. H. Schütz, *op. cit.*, pág. 101 e seg.).

Édipo. Ai, infeliz de mim! Hoje, sem o saber, parece-me que atirei contra mim próprio maldições horríveis.

Jocasta. Que dizes tu? Ao olhar para ti, ó rei,
5 eu tremo de susto.

Édipo. O que em extremo me aflige é pensar que o adivinho não seja cego. Mas prová-lo-ás melhor, respondendo ainda a uma pergunta.

Jocasta. Apesar dos meus temores, responderei
10 ao que me perguntares, conforme souber.

Édipo. Seguia Laio com uma pequena escolta ou era acompanhado por muitos homens, como convinha a um rei?

Jocasta. Eram cinco, ao todo, entre os quais um
15 arauto; e Laio seguia num carro.

Édipo. Ai de mim! Agora está tudo esclarecido! Rainha, quem te relatou o sucesso?

Jocasta. Um serviçal, o único que se salvara.

Édipo. Encontra-se, porventura, ele ainda no
20 palácio?

Jocasta. Não. Após o seu regresso, vendo-te ocupar o trono e que Laio tinha morrido, rogou-me, tocando-me na mão, que o enviasse para os campos, para o meio dos rebanhos, a fim de viver
25 afastado, o mais possível, da cidade. E eu enviei-o; pois, na sua condição de servo, merecia até uma recompensa maior.

Édipo. Não poderia vir aqui, a toda a pressa?

Jocasta. Pode. Mas porque reclamas sua pre-
30 sença?

---

7. Isto é, que as suas palavras tenham sido verdadeiras.

Édipo. Eu temo, ó rainha, ter falado em demasia; por isso, desejo vê-lo.

Jocasta. Pois bem, ele virá. Mas também eu mereço, ó rei, conhecer a tua aflição.

5 *Édipo*. Não to recusarei, visto os meus cuidados terem-se avolumado tanto. Pois, na situação, em que me encontro, a quem o diria, senão a ti?

Meu pai foi Pólibo, de Corinto, e Merope, a Dória, minha mãe. Aí consideraram-me o primeiro
10 dos cidadãos, até que me sobreveio um caso, digno, na verdade, de admiração, mas não da solicitude que lhe dediquei.

Durante um banquete, um homem, embriagado de todo, disse em alta voz que eu era um enjeitado.
15 Sentindo a ofensa, contive-me a custo, nesse dia; no seguinte, porém, fui pedir informações à mãe e ao pai, que, por causa dum tal insulto, se indignaram muito contra quem o pronunciara. Ainda que a atitude deles me comprazia, não obstante o dito mo-
20 lestava-me sempre, pois tinha penetrado fundo.

Por essa razão, sem a mãe nem o pai saberem, parti para Delfos. Mas Febo despediu-me, sem atender à consulta que me levara lá; revelou-me contudo outros infortúnios, horrores e abominações,
25 a saber: que havia de desposar a própria mãe, ser origem duma raça odiosa aos homens e que daria a morte ao pai que me gerou.

Ora, ao ouvir tais vaticínios, fugi de Corinto,

1-2. Édipo, pensando nas maldições, deseja ouvir o serviçal, na esperança de não confirmar os informes de Jocasta, que talvez sejam exagerados.

5-6. Esta expressão significa: os meus cuidados são de tal magnitude, que só tenho a esperar o pior.

guiado apenas pelos astros, para onde nunca visse realizados os crimes, que oráculos funestos me prediziam. Caminhando deste modo, cheguei aos lugares, em que dizes que foi assassinado o rei.
5 Eu vou declarar-te, rainha, a verdade toda.

Quando, em minha fuga, tinha atingido essa tal encruzilhada, aí encontrei-me com um arauto e um homem, que ia, como tu dizes, num carro puxado a poltros, os quais, à força, me expulsaram do
10 caminho. Então, encolerizado, espanco o cocheiro, que me empurrara, o que vendo o ancião, me feriu no meio da cabeça com um aguilhão duplo, quando eu passava junto do carro.

Não lhe paguei o golpe com outro igual; mas,
15 ferindo-o violentamente com um pau, fi-lo logo rolar de costas de cima do veículo; e, em seguida, matei os seus companheiros todos.

Dado, pois, o caso que aquele estrangeiro tenha algum parentesco com Laio, quem será mais infeliz
20 do que eu? Que homem seria mais odiado pelos deuses? A nenhum estrangeiro ou cidadão é permitido receber-me em sua casa ou dirigir-me a palavra, mas deve lançar-me fora de sua morada.

---

12. Provàvelmente trata-se aqui duma espécie de chicote, próprio para incitar os cavalos, que o ancião tomaria ao cocheiro, quando o viu, talvez, sucumbir sob os golpes de Édipo.

15. O texto diz *imediatamente*, traduzi, porém, segundo a correcção proposta por Dobree, pois que, para se indicar que a vingança de Édipo foi exagerada, parece dever tomar-se em consideração mais a violência, do que a rapidez do golpe.

19. Édipo devia dizer: *se o estrangeiro fosse Laio* mas o horror de tal crime obriga-o a mitigar a expressão.

E estas pragas fui eu quem as imprecou contra mim próprio, eu, que conspurco o leito daquele, a quem as minhas mãos tiraram a vida!

Não serei um malvado, um monstro de devassidão? Por isso, devo ir para o exílio e nunca mais tornar a ver os meus, nem pisar o chão da pátria; aliás exponho-me a casar com minha mãe e a ser o assassino de Pólibo, o pai que me gerou e me nutriu.

Não pensaria acertadamente quem julgasse que eu sou vítima dum cruel demónio? Jamais, ó sacrossantas potências do céu, jamais eu veja um tal dia! Que eu desapareça primeiro de entre os mortais do que cair sobre mim tão infamante sorte!

Coro. Isso é-nos doloroso, ó rei! Mas alimenta esperanças, enquanto não ouvires o homem que esteve presente.

Édipo. Sim. Esta é a minha única esperança: esperar o homem, esse pastor.

Jocasta. E, uma vez presente, qual é a tua resolução?

Édipo. Vou dizer-to: se ele disser a mesma coisa que tu, livrar-me-ei, então, do infortúnio.

Jocasta. E que palavra de importância me ouviste?

Édipo. O pastor dissera, segundo afirmaste, que foram bandidos os assassinos de Laio. Portanto, se falar ainda em número plural, nesse caso, não fui eu quem o matou; porque nunca um poderá ser o mesmo que muitos. Mas, se mencionar apenas

---

5. Também se pode interpretar: *Sendo aquilo verdade* (sendo atingido por aquelas pragas)...

20-21. Outros traduzem: *consolação, confiança.*

um transeunte, é evidente que recai sobre mim o crime.

Jocasta. Acredita que ele relatou o facto assim e não pode agora desdizer-se, pois toda a cidade o
5 ouviu, não fui eu só.

Afasta-se ele, todavia, em alguma coisa da sua primeira narração, nunca contará, não obstante, o assassinato de Laio exactamente, como sucedeu, o qual, segundo o oráculo de Lóxias, devia morrer
10 às mãos de meu filho.

Mas o infeliz não o matou; ele morreu primeiro. Por esta razão, não voltarei, no futuro, por causa de vaticínios, os olhos para aqui ou para acolá.

Édipo. Pensas bem. Contudo manda chamar o
15 pastor! Não descures isso!

Jocasta. Vou mandá-lo chamar imediatamente. Entremos para casa! Eu não ousaria fazer nada que te fosse desagradável. *(Édipo e Jocasta saem).*

Coro. Oxalá tivesse a sorte de guardar um res-
20 peito santo, em minhas palavras e em todos os meus actos, às leis sublimes originadas e estabelecidas nos céus!

Só o Olimpo é seu pai; não são filhas dos homens mortais de natureza, nem o esquecimento as abro-
25 gará nunca. Vivifica-as uma poderosa força divina, que jamais envelhece.

A petulância engendra o tirano. Se ela loucamente se excede em actos inoportunos e sem proveito, de ordinário, depois de se ter elevado aos
30 mais altos e alcantilados cimos, vem a cair em dificuldades, de que não sairá por próprio pé.

7-8. Seguindo uma lição diferente, traduzem outros: *não poderá provar que tu foste o assassino de Laio.*

Eu suplico à divindade que não frustre jamais o esforço para bem desta terra. Quero que a sua protecção nunca me falte.

Mas, se alguém, por obras ou palavras, anda
5 pelas veredas do crime, não teme a *Dike*, nem respeita os assentos dos deuses, que o tome um destino fatal, em paga de sua funesta arrogância!

Se ele não adquire com honestidade o seu ganho, nem se coíbe de ímpias acções, ou as coisas santas
10 profana loucamente, quem poderá, em tais casos, afastar de sua alma os dardos da cólera?

Se tais impiedades dão honra, porque devo com danças prestar culto aos deuses?

Não irei jamais ao inviolável centro da terra,
15 nem ao templo de Abas, ou a Olímpia prestar minhas homenagens, se estes oráculos não são para todos os mortais como um sinal do dedo.

A ti, ó poderoso Zeus, se com razão te chamamos senhor de todas as coisas, não te passe isto
20 despercebido, nem à tua potência que sempre dura!

Já se desvanecem os oráculos do deus pítico acerca de Laio; em nenhuma parte resplende a honra de Apolo e extingue-se o culto dos deuses.

2-3. Ou: *Eu não deixarei jamais de ter o deus por guia.*

6. Outros interpretam: *os templos, as imagens.*

11. Ou *do remorso*, segundo outros.

14. Vid. pág. 24, n.º 24-25.

15. É uma cidade da Fócida, célebre pelo oráculo e por um templo de Apolo. — Em Olímpia existia um velho oráculo de Zeus.

17. Isto é: se não se realizam aos olhos de todos.

21-22. Referência às palavras de Jocasta ditas acima contra os oráculos.

JOCASTA E CORO

Jocasta. Senhores da terra, eu tomei a resolução de ir aos templos dos deuses levar este incenso e estas coroas nas mãos. Porquanto o coração de Édipo está agitado em excesso por cuidados sem
5 número e não julga, como homem sensato, os oráculos novos pelos antigos; mas dá crédito a quem quer que lhe fale em coisas sinistras.

Visto serem inúteis as minhas exortações, por esta causa, ó Apolo Lício, dirijo-me a ti, suplicante, com
10 estas oferendas, a ti, cujo templo está próximo, para que a nossos males dês um salutar remédio, pois estamos todos receosos, vendo-o perturbado, qual piloto dum navio.

MENSAGEIRO E OS MESMOS

Mensageiro. Ó amigos, podeis informar-me onde
15 é o palácio do rei Édipo? Ou antes, se o sabeis, dizei-me onde ele próprio se encontra.

Coro. Ele mora aqui, amigo; e está lá dentro. Esta é sua esposa e mãe dos filhos dele.

Mensageiro. Oxalá seja feliz e viva sempre no
20 meio de gente feliz ela, a irrepreensível esposa do rei!

Jocasta. Sê tu da mesma sorte, amigo! És digno

---

9. A Lícia era o centro principal do culto de Apolo.

11. Isto é: para que nos proves a inocência de Édipo.

12-13. Deslocando a vírgula do texto, pode traduzir-se, como alguns: *vendo assim perturbado o piloto do navio* (da nau do Estado).

disso por tua amável saudação. Mas dize: que vens aqui fazer? Que desejas anunciar?

Mensageiro. A felicidade a tua casa e a teu esposo, rainha!

5 *Jocasta*. Que notícias são essas? Quem te enviou aqui?

Mensageiro. Venho de Corinto. A notícia que te vou agora dar há-de encher-te de alegria (porque não?) e talvez também de tristeza.

10 *Jocasta*. Qual é ela? Como pode ter dupla força?

Mensageiro. Os habitantes da região ístmica, segundo consta lá, vão nomear a Édipo seu rei.

Jocasta. O quê? Então o velho Pólibo já não governa?

15 *Mensageiro*. Não, porque, no sepulcro, dorme o sono da morte.

Jocasta. Que dizes tu, velho? Morreu Pólibo?

Mensageiro. Que eu morra, se não digo a verdade!

20 *Jocasta*. Ó moça, vai, a toda a pressa, anunciar esta nova ao teu senhor!

Ó oráculos dos deuses, onde é que vós estais? Édipo fugiu, outrora, deste homem com receio de o matar; e, agora, eis que ele morre por força do

25 destino, não às mãos do filho.

ÉDIPO E OS MESMOS

Édipo. Ó Jocasta, esposa minha muito amada, porque me fizeste sair do palácio?

---

20. Jocasta dirige estas palavras a uma mulher do seu séquito.

Jocasta. Escuta este homem e vê, depois de o ouvires, em que vieram a parar os veneráveis oráculos dos deuses.

Édipo. Quem é ele? Que notícias me traz?

5 *Jocasta.* Vem de Corinto, para te anunciar que teu pai Pólibo já não existe — morreu.

Édipo. Que dizes, estrangeiro? Dá-me tu próprio a notícia!

Mensageiro. Se devo, antes de tudo, anunciar-ta
10 com toda a clareza, fica então sabendo que partiu desta vida.

Édipo. Vítima de dolo ou de doença?

Mensageiro. O menor acesso prostra um velho corpo.

15 *Édipo.* Provàvelmente o infeliz foi consumido por alguma doença.

Mensageiro. E por sua longa idade.

Édipo. Oh! Oh!... Porque deveria a gente, ó esposa, importar-se com o altar de Apolo, em Del-
20 fos, ou com os pássaros que chilreiam nos ares, segundo a indicação dos quais eu devia assassinar meu pai?

Ele jaz debaixo da terra e eu estou aqui, inocente da sua morte, a não ser que morresse com
25 saudades de mim, pois nesse caso, dei causa a isso.

Quanto aos oráculos referentes a mim, Pólibo levou-os consigo para o Hades como uma coisa fútil.

30 *Jocasta.* Não te tinha dito isso, há muito tempo antes?

1-3. Estas palavras encerram uma ironia mordaz.

Édipo. Tinhas; mas eu era vítima do medo.
Jocasta. Agora não penses mais nessas coisas!
Édipo. Como? Não devo temer as núpcias com minha mãe?
5 *Jocasta.* Que deve temer o homem, de quem a fortuna é senhora e que não tem previsão clara do futuro? O melhor que pode fazer é viver ao acaso e conforme lhe for possível. Por isso, não receies vir a casar com tua própria mãe. Na ver-
10 dade, já muitos homens se viram participar em sonhos do leito maternal; mas quem a tais coisas não dá importância leva sem dificuldade a vida.
Édipo. Tu falarias bem, se já tivesse morrido aquela que me deu à luz; visto, porém, ela ainda
15 viver, não posso deixar de ter receio, apesar de tuas palavras animadoras.
Jocasta. Contudo deve ser para ti o sepulcro do pai uma luz brilhante.
Édipo. É uma luz brilhante, confesso-o; mas
20 permanece o medo daquela que ainda vive.
Mensageiro. Que mulher temeis vós?
Édipo. A Mérope, ó velho, com a qual viveu Pólibo.
Mensageiro. E porque tendes medo dela?
25 *Édipo.* Por causa dum medonho oráculo, estrangeiro, que nos enviaram os deuses.
Mensageiro. Pode saber-se qual é? Ou não é isso permitido a estranhos?
Édipo. É. Escuta! Lóxias dissera que eu despo-
30 saria um dia a minha própria mãe e que com estas mãos havia de derramar o sangue de meu pai.

17-18. O sentido é: a morte de teu pai deve ser para ti uma coisa preciosa.

Por isso, exilei-me, outrora, para longe de Corinto — o que foi uma sorte, não obstante ser coisa muito agradável gozar da vista dos pais.

Mensageiro. Então esse medo fez-te vir para 5 longe da pátria?

Édipo. Eu não queria, velho, ser o assassino de meu pai.

Mensageiro. Porque não te livrei já, ó rei, desse temor, eu, que vim aqui com tão boas intenções?

10 *Édipo.* E, certamente, receberias de mim condigna recompensa.

Mensageiro. Foi sobretudo esta esperança que me trouxe aqui: ser beneficiado de qualquer modo, no caso de regressares à pátria.

15 *Édipo.* Não irei nunca para a companhia de meus pais.

Mensageiro. Eu percebo bem, ó filho, que tu não tens conhecimento do que fazes.

Édipo. Como assim, ó velho? Instrui-me, pelos 20 deuses!

Mensageiro. Se é por causa deles que não queres ir para casa...

Édipo. Temo que seja exacto o oráculo de Febo a meu respeito.

25 *Mensageiro.* Que venhas a ser réu de crime contra os que te geraram?

Édipo. Isso precisamente, velho, é o que me assusta de contínuo.

Mensageiro. Então não sabes que são vãos os teus 30 sustos?

Édipo. Como podem sê-lo, sendo aqueles dois os meus pais?

Mensageiro. Não houve jamais laços de sangue entre ti e Pólibo.

Édipo. Que dizes tu? Não foi Pólibo quem me gerou?

Mensageiro. Não. Ele é teu pai tanto como eu.

Édipo. E como pode meu pai ser igual ao que não o é?

Mensageiro. Ele não te gerou, nem tão pouco eu.

Édipo. Porque me chamava então Pólibo seu filho?

Mensageiro. Sabe que tu és uma dádiva que recebeu um dia de minhas mãos.

Édipo. E gostou assim tanto de mim, apesar de me receber dum estranho?

Mensageiro. Levou-o a isso o facto de não ter filhos.

Édipo. Tu compraste-me ou encontraste-me algures, antes de me entregares a ele?

Mensageiro. Encontrei-te num desfiladeiro nemoroso do Citerão.

Édipo. Porque andavas tu por esses sítios?

Mensageiro. Eu pastoreava os rebanhos pelos montes.

Édipo. Eras pastor errante e ao serviço de outrem?

Mensageiro. Nesse tempo, filho, fui eu quem te salvou.

Édipo. Que males me afligiam, quando me encontraste?

Mensageiro. Podem testemunhar-te isso as articulações dos pés.

Édipo. Ai de mim! Porque mencionas tu esse antigo mal?

---

18. É o nome duma montanha entre a Ática e a Beócia.

Mensageiro. Eu desatei-te os pés, que os laços trespassavam.

Édipo. Do berço herdei um ultrage horrendo!

Mensageiro. Dessa tua desdita recebeste o nome
5 que tens.

Édipo. Diz-me, pelos deuses! Foi meu pai ou minha mãe quem me deu esse mau trato?

Mensageiro. Não sei. Aquele que te entregou a mim sabe isso melhor do que eu.

10 *Édipo*. Porventura recebeste-me de outrem? Não me encontraste tu próprio?

Mensageiro. Não. Um outro pastor entregou-te a mim.

Édipo. Quem foi? Podes indicar-mo?

15 *Mensageiro*. Era, dizia-se, um dos servos de Laio.

Édipo. Daquele, que desta terra foi outrora rei?

Mensageiro. Sim. Estava como pastor ao serviço dele.

Édipo. Vive ainda, podendo eu, portanto, vê-lo?

20 *Mensageiro*. Vós, que sois de cá, haveis de saber isso bem.

Édipo. Algum dos circunstantes conhece o pastor, de que este fala, por tê-lo visto nos campos ou na cidade? Indicai-mo, pois é já tempo de
25 desvendar o enigma.

Coro. Julgo que é o mesmo que o dos campos, o qual tu antes desejavas ver. Mas ninguém te poderá informar melhor do que Jocasta.

Édipo. Esposa, sabes se são a mesma pessoa o
30 homem que há pouco mandámos vir e aquele, de quem este fala?

4-5. Etimològicamente, Édipo significa *pé inchado*.

Jocasta. O quê? De quem fala ele? Não faças caso disso! Não te lembres mais de coisas irreflectidamente ditas!

Édipo. Longe de mim tal! Depois de chegar ao 5 conhecimento de semelhantes indícios, não desistirei de investigar a minha ascendência.

Jocasta. Pelos deuses! Se tens algum amor à tua vida, não investigues isso! É já bastante a minha aflição!

10 *Édipo.* Ânimo! Ainda que se demonstrasse que eu era escravo em terceira geração, isto não seria nenhuma desonra para ti.

Jocasta. Contudo segue o meu conselho, eu to peço! Não faças isso!

15 *Édipo.* Não me persuadirás de desistir do claro conhecimento do enigma.

Jocasta. Sem embargo, por benevolência para contigo, eu aconselho-te o que é melhor.

Édipo. Esse *melhor*, precisamente, é que me aflige, 20 há muito.

Jocasta. Oxalá, infeliz, nunca soubesses quem tu és!

Édipo. Não conduzirá alguém o pastor à minha presença?

25 Quanto a esta, deixai-a regozijar-se de sua ascendência nobre.

Jocasta. Ai! Ai, infeliz! Este é o único nome que te posso dar e nada mais direi, no futuro *(Sai)*.

2-3. Pode também verter-se: *Não percas tempo a lembrar-te do que disseram.*

7-9. Estas palavras dão a entender que Jocasta já percebeu o trágico da situação, o que confirma a sua atitude, desde aqui em diante.

Coro. Que violenta aflição, Édipo, obrigou tua esposa a sair? Eu receio que este silêncio seja a origem de desgraças.

Édipo. Venha aquilo que vier, a minha ascen-
5 dência quero conhecê-la, ainda que seja baixa.

Ela, em seu orgulho de mulher, envergonha-se talvez de minha humilde geração. Eu, porém, não serei desonrado, por me considerar filho da Fortuna, daquela que só me tem feito bem. Esta é
10 que é minha mãe; e as luas, minhas propínquas, fadaram-me aviltamento e grandeza.

Ora, tendo eu tal origem, não poderei jamais tornar-me outro, de sorte que nada perco, por indagar a minha ascendência.

15 *Coro.* Se eu sou dotado de arte divinatória e minha inteligência vê claro, juro pelo Olimpo, que tu, Citerão, amanhã, quando surgir a Lua cheia, hás-de ser celebrado como compatriota de Édipo, como sua ama e sua mãe, e honrado com danças
20 por tua benevolência para com os senhores da minha terra.

Oxalá, propício Febo, este augúrio te seja agradável!

Qual, ó filho, qual das imortais te deu à luz?
25 E foi teu pai o montívago Pã ou Lóxias, a quem são caras as nemorosas alturas?

És filho do deus que reina sobre Cilene ou recebeu-te Baco, que mora no alto dos montes, dal-

---

10. O texto diz: *meses*. Na opinião de Édipo, estes são também filhos da Fortuna e, portanto, irmãos seus.

27. Montanha da fronteira setentrional da Arcádia, em cujo cimo havia um templo dedicado a Hermes.

guma das ninfas de Helicão, com as quais muitas vezes se diverte?

ÉDIPO, CORO, MENSAGEIRO E SERVO DE LAIO

Édipo. Anciãos, se é permitido conjecturar, parece-me que o pastor que estou a ver, apesar de
5 com ele nunca ter tido relações, é aquele que há muito procuramos. Porquanto sua avançada idade condiz com a deste homem; e, de mais a mais, reconheço os que o conduzem como meus servos. Mas tu conhecê-lo-ás melhor do que eu, pois já antes
10 viste o pastor.

Coro. Conheço-o; não duvides disso. Como nenhum outro, permaneceu fiel a Laio na qualidade de pastor.

Édipo. Primeiramente pergunto a ti, ó mensa-
15 geiro de Corinto, é este o homem, de quem falaste?

Mensageiro. Este, precisamente, que vês aqui.

Édipo. Velho, olha cá para mim e responde ao que te perguntar. Estiveste ao serviço de Laio?

Servo de Laio. Sim, fui seu escravo; não com-
20 prado, mas criei-me no seu palácio.

Édipo. Que fazias tu? Qual era teu emprego?

Servo de Laio. Guardei rebanhos a maior parte da vida.

Édipo. Por que sítios costumavas andar?

25 *Servo de Laio.* Pelo Citerão e lugares circunvizinhos.

---

1. Célebre montanha da Beócia, onde residiam as musas.

7. Isto é, do Mensageiro de Corinto.

9. Édipo dirige-se ao chefe do coro.

Édipo. Não conheces este homem que está aqui, talvez por tratares com ele por lá?

Servo de Laio. Que fazia ele? E qual o homem, a que te referes?

5 *Édipo*. É este que tens diante dos olhos. Já alguma vez tiveste relações com ele?

Servo de Laio. Não posso responder assim de repente; não me lembro.

Mensageiro. E não admira, senhor. Mas eu vou
10 fazer que se recorde ao certo daquilo que já esqueceu. Pois sei bem que há-de lembrar-se do tempo, em que nós, pelas alturas do Citerão, ele guardando dois rebanhos, eu só um, vivemos na companhia um do outro, desde a Primavera ao Outono, du-
15 rante três semestres completos. Apenas sobrevinha, porém, a estação do Inverno, conduzia para o redil o meu rebanho e ele os seus para os estábulos de Laio.

É verdade isto ou digo coisas que nunca se reali-
20 zaram?

Servo de Laio. Falas a verdade, não obstante ter sucedido há muito tempo.

Mensageiro. Responde agora! Recordas-te de me teres entregado uma criança, para eu a alimentar,
25 como a meu próprio filho?

Servo de Laio. Que dizes tu?!.. Porque me perguntas isso?

Mensageiro. Este, que vês aqui, amigo, é aquele menino de outrora.

---

15. Outra lição diz: *durante três meses completos*. Os *três semestres* devem entender-se em três anos consecutivos, um em cada ano.

Servo de Laio. Não morrerás tu? Não quererás estar calado?

Édipo. Ah, velho!... Não o censures, que as tuas palavras são mais dignas de censura do que as
5 dele!

Servo de Laio. Ó excelentíssimo senhor, qual é a minha culpa?

Édipo. Não responder à pergunta daquele, a respeito da criança.

10 *Servo de Laio*. Ele não sabe o que diz e faz esforços baldados.

Édipo. Se não queres falar a bem, falarás a mal.

Servo de Laio. Não me maltratem, pelos deuses, que sou um velho!

15 *Édipo*. Não haverá alguém que lhe prenda imediatamente as mãos atrás das costas?

Servo de Laio. Infeliz que eu sou! Porque me tratas assim? Que desejas que te diga?

Édipo. Entregaste a criança a este, pela qual te
20 pergunta?

Servo de Laio. Entreguei. Oxalá tivesse morrido, naquele dia!

Édipo. Isso suceder-te-á, se não disseres a verdade.

25 *Servo de Laio*. Ainda mais certa é a minha morte, no caso de eu falar.

Édipo. Este homem parece que anda em busca de subterfúgios.

Servo de Laio. Não. Eu já disse que lha entre-
30 guei.

Édipo. De quem a tinhas tu recebido? Era tua ou alguém ta dera?

Servo de Laio. Não era minha; eu recebera-a de outrem.

Édipo. De qual dos cidadãos? De que casa?
Servo de Laio. Pelos deuses, senhor, não inquiras mais!
Édipo. Morres, se te repetir a pergunta.
5 *Servo de Laio*. Era um dos filhos de Laio.
Édipo. Escravo dele ou seu filho legítimo?
Servo de Laio. Ai de mim! Em que momento terrível de falar eu me encontro!
Édipo. E eu de ouvir. Sem embargo é necessário
10 ouvir.
Servo de Laio. Dizia-se que era seu filho. Mas, lá dentro, a tua esposa explicar-te-á melhor que ninguém, como sucedeu o caso.
Édipo. Foi ela quem to deu?
15 *Servo de Laio*. Sim, meu senhor!
Édipo. Para quê?
Servo de Laio. Para que o matasse.
Édipo. A desgraçada que o deu à luz?
Servo de Laio. Foi por medo dum oráculo fu-
20 nesto.
Édipo. Qual?
Servo de Laio. Corria a voz de que ele havia de matar os seus progenitores.
Édipo. Porque entregaste, então, a criança a
25 este velho?
Servo de Laio. Foi com pena dela, senhor; foi na convicção de que a levaria para uma terra estranha, donde ele era oriundo. Mas, afinal, salvou-a para a maior das desgraças. Dado o caso que tu

---

6. Esta é a última esperança, a que Édipo tenta agarrar-se: podia ainda ter nascido de alguma escrava, ser filho espúrio de Laio.
23. Tal é a lição dos textos, que se deve considerar talvez como um plural poético.

sejas quem este diz, sabe que nasceste para uma triste sorte.

Édipo. Ai!... Ai!... Tudo está já esclarecido!... Ó luz, veja-te hoje pela última vez, eu que nasci
5 de quem não devia nascer, que tive relações com quem não devia ter, e matei a quem não devia matar!... *(Precipita-se para o palácio).*

Coro. Oh, gerações dos mortais!.. Como eu considero a vossa vida igual ao nada! Quem, qual
10 homem foi mais feliz do que este parecia ser e, não obstante ter sido julgado tal, foi vítima da desgraça?!..

Vendo a tua sorte, ó miserando Édipo, eu não considero feliz nenhum mortal.

15 Tu puseste a mira em inexcedíveis alturas e chegaste ao auge da felicidade, depois de teres (ó Zeus!) feito perecer a cantora de obscuros cantos e de garras aduncas e, na minha terra, te levantares como um baluarte contra a morte! Por isso, aclamei-te
20 rei e, cumulado de honras, reinaste na potente Tebas.

Mas quem é, presentemente, mais infeliz? A quem envolveram as vicissitudes da vida mais em trabalhos e em cruéis penas?

25 Ai, ilustre Édipo! O mesmo porto foi grande bastante, para aí repousares como filho e como pai! Como foi, ó infeliz, que o paternal leito te pôde suportar em silêncio até hoje?

O tempo, que tudo vê, descobriu-te contra a tua
30 vontade e cobre, há muito, de maldições o fatal conúbio do filho com a própria mãe.

---

25. Imagem ousada para designar o matrimónio, de que Édipo participa como filho e como esposo.

Ai, filho de Laio! Oxalá nunca te tivesse visto! Eu lamento-te de todo o coração e deixo sair de minha boca sentidas queixas, pois, na verdade, foi por ti que eu cobrei alento e o sono me cerrou
5 as pálpebras.

SEGUNDO MENSAGEIRO E CORO

Segundo mensageiro. Ó varões, nesta terra, altamente honrados! Que notícias ides ouvir e que espectáculo observar! Que dor não sofrereis vós, caso tenhais ainda, como a cidadãos convém, algum
10 interesse pela casa de Lábdaco!

Creio que nem o Íster, nem o Fase poderiam purificar este palácio dos crimes secretos, que serão revelados em breve — crimes voluntários, não involuntários. De todas as desgraças, as mais dolo-
15 rosas são aquelas que sucedem por culpa própria.

Coro. Aquilo que nos foi revelado antes não deixa, todavia, de ser muito lamentável. Que tens tu a acrescentar-lhe?

Segundo mensageiro. Basta, para o dizer e para
20 que fiqueis cientes, uma palavra breve: morreu a diva Jocasta!

Coro. Oh, infeliz!... Qual a causa?

Segundo mensageiro. Ela própria. O mais doloroso do facto é-vos, na verdade, desconhecido, pois
25 não estivestes presentes; contudo sereis informados da desgraça daquela infeliz tanto quanto a minha memória a pôde reter. Depois de ela ter entrado, louca de furor, no vestíbulo, precipitou-se para a

---

11. Íster é o nome do Danúbio inferior; Fase é um rio da Cólquida.

câmara nupcial, ao mesmo tempo que arrancava com ambas as mãos os seus cabelos. Em seguida, fechou a porta com força e pôs-se a clamar por Laio, morto há já muito, lembrada das antigas núpcias, que engendraram a prole, por cuja obra morrera, deixando-a a ela, para ser mãe duma infeliz geração, filha do filho dele. E deplorava o leito, onde, duplamente desgraçada, dera à luz o marido, filho de seu marido, e os filhos, filhos de seu próprio filho.

Como ela depois morreu, não sei, porque Édipo lançou-se para dentro a gritar, impedindo-nos de ver o fim desgraçado da infeliz. Nossos olhos voltaram-se, então, para este, que andava dum lado para outro, pedindo que lhe déssemos uma espada e lhe disséssemos, onde se encontrava a mulher que não era sua mulher, que era a mãe dele e de seus filhos. E, andando assim desvairado, um deus mostrou-lha, nenhum dos homens que estavam ao pé dele. Pois, como se alguém o guiasse, arremessou-se, com horríveis gritos, contra a porta dupla; e, fazendo-a saltar dos gonzos, penetrou com ímpeto na câmara, onde vimos a rainha suspensa duma corda entrançada.

À vista dela, o mísero afrouxou a corda, soltando medonhos bramidos.

Eis o horroroso espectáculo que observámos, apenas a infeliz caiu estendida no chão. Depois de

---

22. Como o texto dá margem a mais que uma interpretação, poder-se-ia também traduzir: *e, fazendo das ombreiras saltar os fechos...*, dando-se a entender que uma barra metálica com penetração nas ombreiras corria dum lado a outro, pela parte interior da porta.

lhe arrancar do vestido os broches de oiro, que lhe serviam de ornato, pôs-se a ferir os seus próprios olhos, enquanto dizia palavras como estas: que, pois não viram a desgraça, de que fora vítima, 5 nem o mal que fizera, verão, no futuro, na obscuridade, aqueles que nunca deveriam ter visto e não reconhecerão os que desejariam reconhecer.

Assim imprecando, ergueu as pálpebras e feriu-se uma e muitas vezes. E as pupilas ensanguentadas 10 regavam-lhe as faces com o sangue que escorria, não às gotas; mas era como negra chuva torrencial a inundar-lhas. Esta desgraça, que irrompeu de duas partes, uniu o homem e a mulher na mesma dor.

15 A antiga felicidade era antes uma felicidade verdadeira; mas, no presente dia, tudo se converteu em lágrimas, infortúnio, morte e ignomínia; e nenhum mal, qualquer que seja o seu nome, falta aqui.

20 *Coro*. Em que disposição se encontra agora o infeliz, em sua desgraça?

Segundo mensageiro. Ele grita que lhe abram as portas e que mostrem a todos os descendentes de Cadmo o parricida e da mãe o... Ele diz coisas 25 horrendas, que eu não posso pronunciar; e assevera que vai sair do país e não permanecerá nesta casa, por mais tempo, ele, o amaldiçoado pelas próprias imprecações. Sente contudo necessidade dum amparo e dum guia; pois é demasiado grande

---

4. Referência ao conúbio de Édipo com a própria mãe. — Segundo certos textos, dever-se-á traduzir *que eles não verão...*

5. É uma alusão à morte de Laio.

7. Referência a seus filhos.

o seu mal, para o poder suportar. Ele mostrá-lo-á também a ti; porquanto os ferrolhos da porta já se abrem e depressa contemplarás um espectáculo, que até a um inimigo moveria à compaixão. *(Sai)*.

CORO E ÉDIPO

5 *Coro.* Oh, desgraça horrível aos olhos dos mortais!... Oh, miséria, a mais horripilante de todas, quantas hei observado até hoje!...
Ó desafortunado, que loucura te acometeu? Que divindade investiu contra teu infeliz destino com
10 ímpetos ainda mais violentos do que a própria violência?
Ai, desgraçado!... Eu queria interrogar-te minuciosamente, informar-me e inquirir acerca de tanta coisa, mas não posso encarar-te, tão grande é o
15 horror que me causas!
Édipo. Ai!... Ai!... Infeliz de mim!... Para que lugar da terra me conduzem?
Que ouvidos vai ferir a minha voz?
Ai, destino meu! Aonde me arremessaste tu?
20 *Coro.* Numa horrorosa calamidade, insuportável aos olhos e aos ouvidos!
Édipo. Oh, a medonha nuvem da minha noite, que sobre mim ruiu, infanda, insuperável e imensa!...
25 Ai de mim!... Ai de mim, repito eu!...
Como em mim se crava, simultâneamente, o pungir dos aguilhões e a lembrança de meus males!...

---

24. Outros traduzem: *irremediável.*
27. Isto é, dos broches, com que feriu os olhos.

Coro. Não admira que em teu martírio tenhas a sofrer males duplos.

Édipo. Ai, amigo! Tu és o meu fiel amparo, pois persistes ainda, em minha cegueira, em cuidar de mim.

Ai, ai! Tu não te escondes; apesar de viver em trevas, reconheço claramente a tua voz.

Coro. Criminoso!... Como ousaste extinguir a luz de teus olhos? Que deus te induziu a isso?

Édipo. Foi Apolo, amigos! Foi Apolo quem me causou estes males, estas acerbas dores!

Todavia nenhuma estranha mão mos feriu; não, fui eu próprio, infeliz!

Pois para que servia a vista a quem nada de agradável tinha a ver?

Coro. Falas acertadamente.

Édipo. Que tenho eu, meus amigos, a ver ou a amar, ou que poderá ser para mim um prazer ouvir?

Afastai-me destes lugares, o mais depressa possível; afastai, amigos, o grande celerado, o mais execrável e odiado pelos deuses, entre os mortais!

Coro. Infeliz pelo conhecimento de teus males e por causa do teu destino! Como eu desejo não te ter jamais conhecido!

Édipo. Pereça aquele, quem quer que fosse, que, no lugar das pastagens, me desatou os laços cruéis dos pés e me protegeu e salvou da morte!

---

27. Esta tradução é hipotética em vista da inautenticidade dos textos, que se prestam a interpretações várias. Hermann Schütz propõe a seguinte: *Möge er umkommen, der auf seiner Wanderung von der Fussfessel mich (nahm und) vom Tode errettete* (Vid. *op. cit.* pgs. 120-121).

Ele não fez nada que mereça o meu reconhecimento; pois que, se então morresse, não causaria tantas aflições aos que me são caros e a mim próprio.

5 *Coro*. Esse seria também o meu desejo.

Édipo. Nesse caso, não assassinaria meu pai, nem os homens me chamariam o esposo daquela que me deu à luz. Agora, porém, abandonado dos deuses e filho do crime, eu sou quem, para sua desgraça, 10 participou do leito de sua própria mãe! E, se algum mal mais hediondo existe do que a hediondez, esse veio sobre Édipo.

Coro. Quanto à tua resolução, não sei se ta deva aprovar. Na verdade, melhor te seria não exis- 15 tir do que viver cego.

Édipo. Não me digas que tal procedimento não foi o melhor, nem me dês mais conselhos! No caso de conservar a vista, não sei com que olhos havia de ver um dia meu pai, quando descesse ao Hades, 20 ou minha desventurada mãe, contra os quais cometi crimes, que merecem um castigo maior do que o estrangulamento.

Desejaria contudo ver a face dos filhos, apesar da origem que tiveram. Mas não; não os verei 25 jamais com os meus olhos, nem tão pouco esta cidade e suas muralhas, nem as sagradas imagens dos deuses, de que eu, em extremo infeliz, de que eu, nascido do sangue mais nobre, na cidade de Tebas, me privei a mim próprio, ao ordenar que 30 todos expulsassem o ímpio, o declarado pelos deuses impuro e filho de Laio!

Ora, depois de ter descoberto em mim uma nódoa tão grande, poderia olhar-vos de frente? De modo algum! E até, se me fosse possível extinguir nos

ouvidos a fonte da audição, não hesitaria privar dela este meu pobre corpo, para que, além de cego, fosse também surdo; porquanto é doce na desgraça carecer dos sentidos.

5 Ai, Citerão! Porque me acolheste tu? Porque não me mataste logo, apenas me recebeste, para nunca revelar aos homens a minha origem?

Ó Pólibo! Ó Corinto! Ó pretensa casa paterna de antanho! Que belo invólucro vós nutristes, cheio 10 interiormente de peçonha! Pois apareço agora como um criminoso e filho de pais criminosos.

Ó trívio e oculto vale! Ó floresta! Ó caminho estreito, na encruzilhada! Vós, que de minhas mãos bebestes o sangue de meu pai, lembrais-vos, por- 15 ventura, de mim, de quantos crimes diante de vós cometi e dos que perpetrei, após a minha chegada a Tebas?

Ai, núpcias, núpcias! Vós engendrastes-me e fizestes, depois, germinar de novo o mesmo germe, 20 dando à luz pais, irmãos e filhos, todos do mesmo sangue, bem como noivas, esposas, mães e quantas monstruosidades entre os homens podem existir! Mas, pois não se deve pronunciar o que não é permitido fazer, ocultai-me, pelos deuses, algures, lá 25 fora, o mais depressa possível, ou então matai-me ou lançai-me ao mar, onde jamais me torneis a ver! Eia, não vos dedigneis de tocar neste miserável! Obedecei-me sem temor, porque a minha desgraça nenhum mortal a pode suportar, excepto eu!

30 *Coro.* Eis que chega Creonte em ocasião oportuna, para dar despacho ao teu pedido, por obras

---

1. *Der Laute Strom zu wehren* traduz Donner.

e conselhos, porque é só ele quem fica em teu lugar como patrono da região.

Édipo. Ai de mim! Que palavra lhe dirigirei eu? Que posso esperar, tendo procedido antes tão injus-
5 tamente para com ele?

OS MESMOS E CREONTE

Creonte. Édipo, eu não venho aqui, para te escarnecer, nem para te lançar em rosto as tuas injustiças passadas.

Vós, se já não tendes respeito às gerações dos
10 mortais, envergonhai-vos, ao menos, de desvelar à flama do soberano Hélios, que tudo alimenta, uma tal maldição, que a terra não pode acolher, nem as águas sagradas, nem a luz do dia. Por isso, levai-o imediatamente para dentro de casa. É só à
15 gente de família que convém escutar piedosamente e ver as desgraças dos parentes.

Édipo. Pelos deuses! Visto, contra a minha espectativa, me tratares com toda a benevolência a mim, que sou o mais perverso dos homens, atende-me,
20 que quero falar para teu próprio interesse, não para o meu.

Creonte. Que é que tu com tanta instância pretendes de mim?

Édipo. Expulsa-me desta terra, sem demora, para
25 onde, no futuro, não me dirija a palavra homem algum.

Creonte. Eu faria isso, acredita-me, se não quisesse primeiro informar-me do deus, quanto à resolução a tomar.

---

9. É ao Coro, a quem Creonte se dirige.

Édipo. O seu veredicto foi revelado com toda a clareza, quando declarou que o parricida e o ímpio devia morrer.

Creonte. Assim constou; todavia, nas presentes
5 circunstâncias, é melhor consultá-lo acerca do que se deve fazer.

Édipo. Quereis então inquirir a respeito dum homem tão desgraçado?

Creonte. Sem dúvida, agora, hás-de dar crédito
10 ao deus.

Édipo. Eu recomendo-te ainda e imploro que dês à que no palácio jaz morta o túmulo que for do teu agrado, porque assim procederás correctamente para com os teus.

15 Quanto a mim, jamais esta pátria cidade pretenda contar-me, em vida, entre o número dos seus habitantes. Deixa-me antes morar nos montes, nos sítios que denominam *o meu Citerão,* onde a mãe e o pai me colocaram vivo, destinando-mo para
20 sepulcro, a fim de que aí morra, conforme a vontade daqueles, que me quiseram matar. Todavia uma coisa sei eu: não sucumbirei a doença alguma, nem a outro mal qualquer; e, estando já às portas da morte, não serei nunca salvo, a não ser para
25 um mal maior. Mas siga nosso destino o seu curso, qualquer que seja o rumo que tome!

Com os meus filhos, os rapazes, não te preocupes, Creonte. Mas quanto às pobres e infelizes donzelas, que tiveram sempre lugar à minha mesa e partici-
30 param de tudo, quanto eu tocava, por estas interessa-te! Sobretudo permite-me abraçá-las e chorar com elas a nossa sorte. Eia, ó príncipe! Eia, ó filho

---

14. Jocasta era irmã de Creonte.

de nobre sangue! Se as apertar nos braços, convencer-me-ei de que elas ainda são minhas, como quando as via com os meus olhos. Mas que digo eu? Pelos deuses! Não oiço chorar as minhas duas
5 amadas filhas? Compadecido de mim, enviou-me Creonte as criaturas que mais estremeço? Será verdade?

Creonte. É. Sou eu quem to concede, por saber que sempre te alegrava a sua presença.

10 *Édipo.* Oh, que a felicidade não te abandone! Que, por este obséquio, vele sobre ti a divindade com mais solicitude do que sobre mim velou!

Ó minhas filhas, onde estais vós? Vinde cá, aproximai-vos destas mãos fraternais, que foram a causa
15 de verdes neste estado os olhos de vosso pai, anteriormente tão brilhantes, o qual, filhas, sem ver, nem investigar, vos gerou daquela, de quem ele próprio nascera.

Ainda que não vos posso olhar, eu deploro-vos,
20 pensando na vida amarga, que, no futuro, devereis levar entre os homens. Que assembleias de cidadãos frequentareis vós? Que festas, das quais não volteis para casa chorosas, em vez de vos causar alegria e espectáculo?

25 E quando chegardes à idade núbil, que noivo, filhas, se atreveria a arrostar com tamanha ignomínia, a qual, como uma maldição, pesará sobre os meus e sobre os vossos pais?

16-17. Estas palavras encerram a confissão duma relativa culpabilidade: ele podia ver e não viu, podia investigar e não investigou (Vid. H. Schütz, *op. cit.*, p. 126).

27-28. Segundo o texto de Schneidewin, pode interpretar-se: *sobre os vossos pais e sobre vós próprias?* Segui a lição corrente

Mas que desgraça falta ainda? Vosso pai assassinou o pai dele e desposou a mulher que vos deu à luz e de quem ele próprio nascera. Tais monstruosidades vos lançarão em rosto. Em consequência disto, quem casará convosco? Ninguém, ó filhas! Naturalmente, deveis morrer solteiras e sem descendência.

Visto tu, ó filho de Meniceu, seres o único que fica a desempenhar as funções de pai (porquanto nós, os seus pais, perecemos), não as deixes, pois são de tua família, andar errantes e sem marido, nem faças seu infortúnio igual ao meu! Tem pena delas! Repara na sua idade e no total abandono, em que ficam, se não lhes dás a tua assistência. Com um aperto de mão promete-me isto, ó coração generoso!

A vós, filhas, tinha muitos conselhos a dar-vos, se os pudésseis compreender. Agora fazei votos que eu viva, onde a oportunidade o aconselhar; e que vós gozeis duma existência mais feliz do que a do pai que vos gerou!

Creonte. Basta de lágrimas! Vamos, entra para casa!

Édipo. Obedeço, ainda que contrariado.

Creonte. Tudo está bem no tempo próprio.

Édipo. Sabes sob que condição irei?

Creonte. Fala; e, depois de te ouvir, ficá-lo-ei sabendo.

18-20. Traduzi segundo a emenda de Dindorf, aludindo *onde a oportunidade o aconselha* ao desejo de Édipo de ir para o Citerão. Outros traduzem: *E agora desejo-vos que vivais, onde as circunstâncias o permitirem, e que gozeis.*

Édipo. De que me envies para longe desta terra.
Creonte. Depende do deus o dom que tu pedes.
Édipo. Mas eu incorri no ódio dos deuses.
Creonte. Por isso, obtê-lo-ás depressa.
5 *Édipo.* É esse o teu parecer?
Creonte. Não gosto de dizer levianamente aquilo que não penso.
Édipo. Então leva-me já daqui!
Creonte. Vem, pois, e deixa as tuas filhas!
10 *Édipo.* Não as afastes de mim!
Creonte. Não queiras triunfar em tudo. Na verdade, quanto obtiveste não te acompanhou na vida.
Coro. Ó habitantes de Tebas, pátria minha, olhai Édipo, que subira ao fastígio do poder, depois de
15 ter resolvido os enigmas celebrados pela fama, e para quem os cidadãos lançavam, por sua fortuna, os olhos com inveja; vede em que sorvedoiro de terríveis desventuras se abismou! Por isso, não julgueis feliz nenhum mortal, que vive à espera do
20 seu dia supremo, antes de ter chegado, imune de trabalhos, ao termo de sua carreira.

16-17. Dada a dificuldade de reconstituir o texto, não é possível saber o sentido exacto. Outros vertem: *que não lançava com inveja os olhos para a prosperidade dos cidadãos*. Dindorf suprime o verso.

18-21. Aqui Sófocles reproduz o pensamento de Sólon: *É necessário atender ao fim, aonde as coisas irão parar, porque a muitos o deus, depois de lhes acenar com a felicidade, fê-los cair em total ruína* (Heródoto, I, 32). Esta ideia, que constitui a moralidade da tragédia, é repetida por Sófocles nas *Traquinienses* (1 e segs.) e ocorre em vários outros poetas.

ÉDIPO EM COLONO

ARGUMENTO DO ÉDIPO EM COLONO

O Édipo em Colono *tem um certo nexo com o* Rei Édipo. *Édipo já velho, após a sua expulsão da pátria, chega a Atenas, guiado por Antigona, uma de suas filhas, que eram, na verdade, mais solícitas do pai do que os moços. É em cumprimento do oráculo de Delfos, como ele próprio diz, que vem a Atenas, para acabar sua existência, junto das deusas venerandas. Informados da sua vinda, acorrem também a esse lugar uns velhos da terra, dos quais é constituído o Coro, e conversam com ele. Depois aparece Ismena e anuncia a guerra dos irmãos e a chegada de Creonte. Este tem em vista reconduzir Édipo para Tebas; mas retira-se, finalmente, sem alcançar o seu desejo. Tendo manifestado o oráculo a Teseu, Édipo termina a vida, junto das deusas*

(Traduzido dum velho texto grego)

PERSONAGENS DA TRAGÉDIA

Édipo
Antígona
Um habitante de Colono (Viandante)
Coro de anciãos da Ática
Ismena
Teseu
Creonte
Polinices
Um mensageiro

A cena decorre no bosque das Euménides, junto de Colono, e seus arredores.

ÉDIPO E ANTÍGONA

Édipo. A que lugares ou a que cidade chegámos nós, ó Antígona, filha do ancião que vive em trevas? Quem acolherá hoje com seus mesquinhos dons o errante Édipo, que pede pouco e se contenta ainda
5 com menos do que pouco? Porquanto a desventura e o longo curso da vida, assim como a fortaleza de ânimo, têm-me ensinado a renúncia.

Minha filha, se descobrires algum banco, em lugar público ou em sítio consagrado aos deuses,
10 deixa-me assentar aí, a fim de nos informarmos acerca desta região; pois, na qualidade de forasteiros, devemos ouvir a gente da terra e proceder, segundo as suas informações.

Antígona. Édipo, meu infeliz pai, ao longe, como
15 parece à vista, vêem-se torres em volta duma cidade.

Quanto ao lugar, em que estamos, os loureiros, as oliveiras e a vinha, que florescem aqui, fazem suspeitar que é sagrado este sítio, em cuja espes-
20 sura bandos de rouxinóis modulam suaves gorgeios.

Assenta-te nesta pedra tosca, pois o caminho para um ancião foi demasiado longo.

---

15. Estas torres eram as da Acrópole de Atenas, situada a distância de 10 estádios ou cerca de meia hora de caminho, desde o ponto, onde Édipo se encontrava.

Édipo. Ajuda-me, então, a assentar e tem cuidado do cego.
Antígona. Não é necessário que mo ensinem, após tão longa experiência.
5 *Édipo*. Podes dizer-me agora, em que lugar estamos?
Antígona. O lugar não o conheço; só sei que além é Atenas.
Édipo. Todos os caminheiros nos têm dito isso.
10 *Antígona*. Devo, então, ir em busca de informações?
Édipo. Sim, filha; e vê, sobretudo, se aqui habita gente.
Antígona. Habita, com certeza. Mas creio que
15 não é preciso ir mais longe, porque vejo um homem ali, perto de nós.
Édipo. Aproximou-se tão depressa daqui?
Antígona. Ei-lo à nossa beira. Aquilo que te parecer oportuno perguntar-lhe, pergunta-lho, porque
20 já te ouve.

OS MESMOS E UM VIANDANTE

Édipo. Ó meu amigo, ouvindo dizer a esta, que vê por mim e por si própria, que te aproximas, em boa hora, para nos declarar aquilo que desconhecemos...
25 *Viandante*. Antes de prosseguir, sai daqui para

---

4. Assim dá Sófocles a entender que entre a acção do *Édipo Rei* e a do *Édipo em Colono* decorreu longo espaço de tempo.
12-13. Ou: *se aqui se pode habitar*.

fora! Não te é lícito pôr os pés num lugar sagrado.

Édipo. Que lugar é este? A que deus o consagraram?

5 *Viandante*. É inacessível e desabitado. Nele moram as deusas terríveis, filhas da Terra e da Noite.

Édipo. Poderia ouvir seu nome santo, para as invocar?

10 *Viandante*. Aqui, o povo chama-as *Euménides*, as deusas que vêem tudo; mas algures recebem outro nome.

Édipo. Acolham elas, propícias, o suplicante! Não abandonarei mais este lugar.

15 *Viandante*. Que quer dizer isso?

Édipo. É este o meu destino.

Viandante. Na verdade, não me atrevo a expulsar-te daqui. Primeiro vou à cidade expor o caso; que ela me indique o que devo fazer.

20 *Édipo*. Pelos deuses, amigo, não recuses dar as informações, que este cego errante solicita.

Viandante. Fala! Não menosprezarei os teus rogos.

Édipo. Em que lugar nos encontramos nós?

25 *Viandante*. Se me prestares atenção, ficarás a saber tudo quanto sei, a este respeito.

10-12. Em Sicião, as fúrias eram chamadas eufemisticamente *Euménides* (Benévolas), enquanto que, em Atenas, tinham o nome de *Veneráveis;* aquela denominação foi, porém, depois também aqui adoptada. Quanto à sua genealogia, Sófocles segue, certamente, uma tradição local; Hesíodo e outros poetas atribuem-lhes uma genealogia diferente.

Toda esta região é sagrada; nela dominam o respeitável Posidão e Prometeu, o Titã, portador do fogo. E o sítio que tu pisas chama-se a *énea soleira* desta terra e o *alicerce* de Atenas.
5 As vizinhanças orgulham-se de deverem sua origem ao herói Colono, do qual receberam todas o mesmo nome.

É isto, forasteiro, o que tenho a dizer-te; e mais do que com palavras é o lugar honrado pelo culto
10 dos habitantes.

Édipo. Vive gente por estes sítios?

Viandante. É verdade; e tem o mesmo nome que o deus.

Édipo. Manda aqui só um, ou pertence à mul-
15 tidão o poder?

Viandante. O rei, que vive na cidade, governa nesta região.

Édipo. Quem é esse que, pela autoridade e pela força, domina aqui?

20 *Viandante.* Chama-se Teseu, descendente de Egeu.

Édipo. Poderia alguém de vós levar-lhe uma mensagem?

Viandante. Com que fim? Para dizer-lhe alguma
25 coisa ou rogar-lhe que venha aqui?

Édipo. Para que ele por um pequeno dom adquira uma grande recompensa.

3-4. O rochedo, que se supunha estar à entrada do Hades, era provido de degraus de bronze (cf. *Ilíada*, VIII, 15; e Hesíodo, *Teog.*, 811). Sobre o mesmo rochedo julgava-se estar assente a parte norte de Atenas.

6. Não há outras notícias deste herói. É natural que Sófocles o mencione com o fim de glorificar a localidade, donde era oriundo.

Viandante. E que recompensa pode conceder um cego?

Édipo. Tudo, quanto disser, será claro como o dia.

5 *Viandante.* Sabes, forasteiro, como não darás nenhum passo em falso? Visto teres, abstraindo dessa tua má sorte, um aspecto nobre, conserva-te aí, onde te encontrei, enquanto vou dar a notícia não à cidade, mas aos habitantes daqui. Eles, depois,
10 que decidam, se deves permanecer neste lugar ou abandoná-lo. *(Sai).*

Édipo. Ó filha, o homem deixou-nos?

Antígona. Deixou. E agora, pai, podes dizer sem receio o que quiseres, que sou eu só quem está ao
15 pé de ti.

Édipo. Ó deusas venerandas e terríveis! Agora que me assentei aqui, pela primeira vez, num terreno que vos é consagrado, não me sejais adversas a mim, nem a Febo! Este, depois de anunciar mi-
20 nhas inumeráveis desditas, declarou que, após longo tempo, elas terminariam, quando chegasse a esta terra, onde seria acolhido no recinto dedicado a vós, veneráveis deusas; aqui acabaria o curso de minha desditosa vida; e daria a felicidade aos que
25 me dessem acolhimento, enquanto que para os que me expulsaram da pátria seria uma maldição. Em sinal disto, disse-me ele também que tremeria a terra e sobreviria o trovão e o raio.

Na verdade, reconheço agora que foi um augúrio
30 fidedigno enviado por vós que para este bosque guiou meus passos; de outra sorte, jamais eu, que sou abstémio, conseguiria encontrar-vos, pela primeira vez, em minhas peregrinações, a vós, inimigas

do vinho, nem me assentaria neste sagrado e tosco banco.

Por isso, segundo o oráculo de Apolo, concedei-me, ó deusas, que termine já a minha vida, se
5 vos parece que não tenha sofrido pouco, depois de, como nenhum mortal, suportar os males maiores, durante o curso de minha existência.

Eia, ó meigas filhas do vetusto Érebo! Eia, ó Atenas, a mais nobre entre as cidades, que deves
10 o nome a Palas excelsa! Tende compaixão da triste sombra do Édipo de outrora, pois este já não é o meu antigo corpo.

Antígona. Silêncio! Vêm ali uns velhos espiando o sítio, em que estás assentado.

15 *Édipo*. Vou calar-me; entretanto, guia-me para fora do caminho e oculta-me no interior do bosque, onde possa perceber o que eles dizem; pois a observar é que se aprende a agir com precaução. *(Édipo e Antígona saem)*.

CORO

20 Repara! Quem era ele? Onde se encontra? Para onde fugiu o mais atrevido de todos os homens? Indaga! Olha para um e para o outro lado, a ver se o lobrigas!

---

1. As Euménides dizem-se *inimigas do vinho*, por ser este proibido nas libações em honra delas; de outra parte, Édipo, por sua condição de mendigo, estava condenado a abster-se desta bebida — facto, em que vê um bom agoiro, segundo o rifão homérico: *o deus conduz o igual para o igual.*

10. Palas ou Palade era um epíteto de Atena (Minerva), sob cuja protecção estava a cidade de Atenas

22-23. *Chama por ele*, diz outra lição.

É um vadio; o velho é um vadio; não pertence cá à terra. Pois, aliás, nunca ousaria entrar no sagrado luco das indomáveis donzelas, cujo nome tememos proferir e ao lado das quais passamos de
5 olhos no chão, em silêncio e cochichando baixinho fórmulas de bom agoiro.

Dizem que um ímpio entrou agora aqui, o qual não sou capaz de descobrir, onde se encontra, por mais que com a vista percorra o bosque.

ÉDIPO, ANTÍGONA E CORO

10 *Édipo*. Sou eu! Eis-me aqui, pois vejo a voz, como diz o rifão.

Coro. Oh!... Horroriza-me não só olhar para ele, mas até ouvi-lo.

Édipo. Não me julgueis um malvado, eu vos
15 suplico!

Coro. Zeus, protector nosso, quem será o velho?

Édipo. Não sou, com certeza, ó chefes desta terra, a felicitar por minha boa sorte; aliás não caminharia guiado pelos olhos de outrem, nem arri-
20 maria minha alta estatura a este pequeno esteio.

5-6 Tal era o temor supersticioso incutido pelas fúrias. Ao passo que as outras divindades eram invocadas em alta voz, ao passarem pelo bosque das Eumé nides, os transeuntes exterioridazavm só pelo movimento dos lábios os seus sentimentos devotos.

10-11 Segundo outras lições: *nam, ut aiunt, voce video* (Brunck-Bothe); *vos paroles me font reconnaître l'accomplissement de l'oracle (Bellaguet)*. Sobre a interpretação do texto vid. H. Schütz (*op. cit.*, págs. 135, 136).

18-19 Bellaguet traduz: *et puissant naguère, je ne viendrais pas réclamer ici les dons de la pitié*. Esta interpretação, porém, parece-me que violenta o texto.

Coro. Ai infeliz. És, porventura, cego de nascença? Está-me cá a parecer que vive longos anos o homem que é infeliz.

Não ajuntes, eu te conjuro, maldições a maldi-
5 ções!

Tu já estás próximo, estás próximo. Não penetres nesse bosque silencioso e tapetado de relva, em cuja cratera se mistura a água com o doce mel! Não ouses isso, desditoso forasteiro! Recua, afas-
10 ta-te!

Sem dúvida uma longa distância nos separa.

Não ouves, ó atribulado vagabundo? Se alguma coisa tens a dizer-me, retira-te para fora desse lugar sagrado e fala; mas, antes disso, não digas nada!

15 *Édipo.* Ó filha, para onde devemos nós ir?

Antígona. Pai, é necessário respeitar os costumes dos cidadãos; deves obedecer dòcilmente às suas ordens.

Édipo. Então ampara-me!

20 *Antígona.* Já estás seguro.

Édipo. Ó estrangeiros, não me maltrateis! Eu deixo este lugar, por obediência ao vosso mandado.

Coro. Jamais, ó ancião, alguém te expulsará desse recinto contra tua vontade.

25 *Édipo.* Devo avançar mais?

Coro. Continua para a frente!

Édipo. Mais ainda?

Coro. Guia-o mais para diante, menina! Tu compreendes-nos e vês.

30 *Antígona.* Segue-me, pai! Dirige por aqui, por onde te levo, teus vacilantes passos!

2-3. Ou *Tu pareces-me carregado de anos e de aflições.*

Coro. Ó estrangeiro infeliz, que andas por terra estranha! Odeia o que a gente daqui odeia e venera o que ela venera!

Édipo. Conduz-me, filha, para onde, com toda
5 a reverência, possamos falar e ouvir. Não resistamos à necessidade!

Coro. Permanece aí! Não ultrapasses esse rochedo!

Édipo. Aqui?

10 *Coro.* Não mais além!

Édipo. É permitido assentar-me?

Coro. Assenta-te de lado, no cimo dessa pedra!

Antígona. É meu dever ajudar-te, pai. Apoia um pé depois do outro, tranquilamente!

15 *Édipo.* Ai!... Ai de mim!...

Antígona. Teu corpo idoso encosta a este meu braço amigo!

Édipo. Ai, que triste sorte a minha!...

Coro. Agora, infeliz, que cedeste aos meus con-
20 selhos, declara-me: Quem são teus pais? Quem és tu, ó homem oprimido de trabalhos? Como se chama a tua pátria?

Édipo. Amigos, eu não tenho pátria. Mas não..

Coro. Que é que tu nos proíbes, ancião?

25 *Édipo.* Oh, não, não!... Não me pergunteis quem sou! Não me façais mais perguntas!

Coro. Que quer dizer isso?

Édipo. Calamitosa geração!...

Coro. Fala!

30 *Édipo.* Ai de mim, filha! que devo dizer?

Coro. Forasteiro, de quem descendes tu? Quem é teu pai?

Édipo. Ai de mim, filha! Que devo eu fazer?

Antígona. Fala, visto teres chegado a tais extremos.

Édipo. Falarei, pois, já que não posso nada ocultar.

5 *Coro*. A demora já é demasiada. Apressa-te!

Édipo. Conheceis algum descendente de Laio?

Coro. Oh!... Oh!...

Édipo. Da família dos Labdácides?

Coro. Oh!... Por Zeus!...

10 *Édipo*. O malaventurado Édipo?

Coro. És tu esse em pessoa?

Édipo. Não vos assustem as minhas palavras!

Coro. Oh!... Infeliz de ti!...

Édipo. Que nos irá suceder, filha?

15 *Coro*. Ide para longe desta terra!

Édipo. É assim que tu cumpres a tua palavra?

Coro. A vingança ordenada pelo destino a ninguém atinge, quando se vinga uma ofensa recebida; e o engano em paga doutros enganos gera dor, não 20 alegria. Deixa, pois, estes sítios! Foge imediatamente de meus domínios e não cries à minha cidade dificuldades maiores!

Antígona. Ó estrangeiros de coração benévolo, visto não suportardes aqui meu velho pai, depois 25 de vos informardes de seus involuntários crimes, tende ao menos compaixão de *mim*! Tende pena desta infeliz, eu vo-lo peço, ó estrangeiros, que implora graça para seu abandonado pai, pondo nos vossos olhos, súplice, os seus não cegos, como se 30 descendesse de vosso próprio sangue! Oh! compadecei-vos deste desgraçado!

20-22. A simples entrada no bosque era um crime que exigia uma reparação.

Nós, miseráveis, colocamos nosso destino em vossas mãos. Eia, concedei-nos o inesperado favor! Eu vo-lo suplico por aquilo que vos é mais caro — por vossos filhos, esposas, tesouros e deuses! Por-
5 quanto não podereis descobrir nenhum mortal que possa escapar ao deus que o conduz.

Coro. Sabe, ó filha de Édipo, que nós compadecemo-nos de ti e da desgraça desse homem. Mas não podemos ir contra o que dissemos agora, com
10 receio da cólera dos deuses.

Édipo. Nesse caso, que aproveita a glória e a fama ilustre, que se esvai como fumo? Dizem que Atenas é entre as cidades a mais temente aos deuses, a única que salva o hóspede oprimido pela des-
15 graça e que pode defendê-lo. Mas para que serve essa reputação, se vós, depois de me teres feito levantar daqui, me expulsais, em seguida, por mero receio do meu nome? Pois, certamente, não é o meu corpo, nem as minhas obras que vós temeis;
20 porquanto, se vos dissesse a verdade acerca do pai e da mãe, por causa dos quais tendes horror de mim, veríeis que as minhas obras foram mais de outrem do que de mim próprio: disso tenho a certeza.

Como posso ser eu um malvado? Apenas retribuí
25 um mal recebido; de sorte que, ainda mesmo que procedesse consciente do meu acto, nem por isso

---

4. O texto é muito duvidoso. Assim, em vez de *esposas, tesouros*, alguns conjecturam: *tradições, raça*.

5-6. Por estas palavras, Antígona atribui aos deuses as desgraças de Édipo.

25-26. Édipo afirma que, ainda mesmo que cometesse com conhecimento o assassinato, junto da encruzilhada dos três caminhos, nem por isso seria criminoso.

seria criminoso. Foi sem saber que cheguei, onde cheguei, ao passo que aqueles, de quem tanto dano sofri, me votaram conscientemente à perdição.

Por esta causa, amigos, imploro-vos, em nome
5 dos deuses: assim como me obrigastes a levantar, salvai-me agora também! E, se honrais os deuses, não os menosprezeis, crendo que eles têm os olhos sobre o justo e sobre o injusto e que nenhum criminoso jamais lhes pôde escapar. Se os temeis, não
10 obscureçais o nome glorioso de Atenas com obras iníquas! Assim como acolhestes o suplicante confiado na vossa protecção, do mesmo modo defendei-me e salvai-me sem olhar com desprezo para a minha face repugnante; pois que entrei neste lugar como
15 um homem santo e pio, com bênçãos para os habitantes da cidade. Quando o vosso senhor vier, seja quem for o governante desta terra, então ouvireis toda a verdade; mas, entretanto, não me trateis mal.

20 *Coro.* Ó velho, nós devemos respeitar-te as intenções, porquanto tuas palavras dão a entender coisas de importância. Quanto a nós, basta que os que mandam na terra sejam informados do caso.

Édipo. Onde está, ó amigos, o senhor desta terra?

25 *Coro.* Ele mora na cidade de seus pais. O mensageiro que nos chamou, para virmos aqui, foi chamá-lo a ele também.

---

3. Referência ao facto de os pais o lançarem ao monte, com intenção de o fazerem perecer (cf. pág. 34, n.º 28).

15 Édipo diz-se *santo e pio*, porque entra no bosque das Euménides *na qualidade de suplicante enviado pelos deuses*. As *bênçãos* são o seu corpo, cuja posse será uma defesa do país que o possuir contra os Tebanos, segundo a voz dum oráculo.

Édipo. Julgais, porventura, que será tão solícito e atencioso para com um cego, de maneira a vir ele próprio ter comigo?

Coro. Virá, certamente, logo que ouvir o teu
5 nome.

Édipo. E quem lho comunicou?

Coro. O caminho é comprido, mas a voz dos viandantes costuma divulgar-se depressa, a qual ouvindo ele, tem por certo que apresentar-se-á aqui
10 sem demora. Porquanto o teu nome, ó velho, difunde-se por toda a parte, de sorte que, se ele caminhasse com passo lento, ao ouvir pronunciar o teu nome, compareceria aqui num instante.

Édipo. Assim venha ele para bem da cidade e
15 de mim próprio! Qual é o homem de nobres sentimentos, que não ama a sua própria felicidade?

Antígona. Ó Zeus, que devo eu dizer? Que devo pensar, ó pai?

Édipo. Que há de novo, Antígona?

20 *Antígona.* Vejo uma mulher aproximar-se de nós sobre um corcel de Etna, com um chapéu à moda da Tessália, a defender-lhe do sol a face e a cabeça.

Que dizer? É ela ou não? Iludir-me-ão os sentidos? Afirmo que é ela. . Afirmo que não é. Não
25 sei o que devo pensar. Pobre de mim!.. Mas não é outra. Ela avança, sorrindo-se alegremente para

---

3. Outra lição: *aproximar-se de mim, sem dificuldade*

11-12. Em vez de *se ele caminhasse com passo lento,* diz outro texto: *ainda que ele dormisse profundamente.*

21-22. A cidade de Etna toma-se aqui por toda a Sicília, cujos cavalos eram célebres por suas vitórias nos jogos olímpicos. — Era um chapéu de abas largas, usado não só por campónios e pastores, mas também por viajantes.

mim. Pelos sinais, é claro que não pode ser senão Ismena.

Édipo. Que dizes tu, menina?

Antígona. Que vejo tua filha e minha irmã, a
5 qual poderás, em breve, reconhecer pela voz.

OS MESMOS E ISMENA

Ismena. Ó nomes de pai e de irmã dulcíssimos para os meus lábios! Como me custou a encontrar-vos e como me custa agora a ver-vos, pelo dó que me inspirais!

10 *Édipo.* Tu vieste, minha filha?

Ismena. Ó pai de aspecto miserando!

Édipo. Estás aqui realmente, filha?

Ismena. E não sem dificuldade.

Édipo. Ó filha, abraça-me!

15 *Ismena.* Eu abraço-vos ambos, juntamente.

Édipo. Ó minha fraterna prole!...

Ismena. Ai, que vida miserável!...

Édipo. A minha e a desta?

Ismena. E a duma terceira: a minha também é
20 miserável.

Édipo. Porque é que tu vieste, filha?

Ismena. Por tua causa, pai!

Édipo. Por saudades de mim?

Ismena. Venho, em companhia do único escravo
25 que me ficou fiel, para de viva voz te comunicar uma mensagem.

Édipo. Onde estão os teus jovens irmãos e de que se ocupam eles?

8-9. Ismena, ao ver o estado lastimoso do pai e da irmã, comoveu-se até às lágrimas.

Ismena. Deixa-os lá! Negócios graves preocupam-nos agora.

Édipo. Como eles acomodam bem seu carácter e modo de vida aos costumes do Egipto! Porquanto
5 aí os homens estão assentados em casa, a tecer, enquanto as mulheres lidam de contínuo por fora, tratando de ganhar a vida. Assim, minhas filhas, aqueles que deviam ocupar-se de mim ficam em casa, como donzelas, e, em vez deles, vós matais-
10 -vos com trabalho, por causa de minhas desventuras.

Esta, desde que saiu da infância e logo que o seu corpo adquiriu vigor, não cessa (coitada!) de errar comigo e de guiar seu velho pai; e, muitas
15 vezes, vai dum lado para outro, por ásperas selvas, sem comer e descalça, suportando, corajosa, chuvas e o ardor do sol, sem se importar com a própria subsistência, mas preocupada só com a alimentação do pai.

20 Quanto a ti, filha, costumavas levar a teu pai, em tempos idos, sem os descendentes de Cadmo saberem, os oráculos que eram pronunciados a respeito da minha pessoa; e, desde que fui expulso da pátria, estiveste ao meu lado, fielmente.

---

4. Segundo Heródoto, no Egipto, *as mulheres andam pelo mercado e dão-se ao comércio, enquanto os homens ficam em casa a tecer* (2, 35) — o que concorda perfeitamente com a censura de Édipo.

7-10. A comparação com os costumes egípcios visava talvez efeitos de carácter político, pois, enquanto a tragédia nos aparece como uma glorificação de Atenas, não podia Tebas ser representada duma maneira mais vil, do que comparando-a com um povo escravo e afeminado (Vid. H. Schütz, *op. cit.*, pág. 147).

Agora, Ismena, que novas trazes a teu pai? Qual o motivo que te fez sair de casa? Não vens debalde, certamente; disso não tenho dúvidas: hás-de trazer-me qualquer notícia assustadora.

5 *Ismena.* Não te contarei, pai, os trabalhos que sofri em busca do teu paradeiro, pois não quero com minha narração renovar as dores passadas.

Eu venho anunciar-te o infortúnio que atingiu os teus dois desgraçados filhos. Eles porfiavam 10 antes deixar o trono a Creonte e não poluir a cidade, reflectindo em sua mente na antiga maldição, que paira sobre a tua infeliz casa; agora, porém, atiçados por um deus e por perversos sentimentos, embrulham-se numa funesta contenda acerca do 15 governo e de quem há-de reinar. O mais jovem expulsou da pátria a Polinices, que nascera primeiro, depois de lhe usurpar o trono. Mas este, como em Tebas é voz corrente, êxul nos campos de Argos, reúne a si a sua jovem parentela e amigos belicosos, 20 na esperança de que, em breve, Argos ocupará com glória as planícies tebanas, caso não pereça, elevando Tebas, vitoriosa, até aos céus.

Isto não é, pai, um palavriado oco, mas uma negra realidade. Quanto a ti, não sei dizer, quando 25 os deuses porão, compassivos, termo às tuas desgraças.

Édipo. Já tiveste esperança de que os deuses pensassem em mim e fosse, um dia, livre de minhas desventuras?

---

16. Para Eurípedes Polinices é o mais jovem dos dois irmãos, com o qual concorda Diodoro de Sicília (IV, 65).

Ismena. Sim, meu pai; por causa dos recentes oráculos.

Édipo. Que oráculos são esses? Que anunciam eles, filha?

5 *Ismena.* Que tu serás, vivo ou morto, pertença dos homens que, um dia, te procurarão aqui para seu próprio salvamento.

Édipo. E que préstimo poderia ter um homem, como eu?

10 *Ismena.* Em ti, dizem eles, reside a sua potência.

Édipo. Quando já não existir, então é que serei verdadeiramente um homem?

Ismena. Os deuses, que te abateram antes, levantam-te agora.

15 *Édipo.* É inútil levantar um velho, que abateram na juvuntude.

Ismena. Sabe que é por esta razão que, dentro de pouco tempo, Creonte se há-de apresentar aqui.

Édipo. Que pretende ele, filha? Declara-me isso!

20 *Ismena.* Colocar-te-ão junto do território de Cadmo, para terem-te sob seu poder, sem entrares para dentro de suas fronteiras.

11-12 Édipo fala de tal modo, como se a palavra *potência* se devesse entender das forças corporais. Ela, porém, tem outro sentido: deixa prever um combate entre Tebas e Atenas. Note-se, além disso, como a linguagem vaga de Ismena se acomoda ao estilo dos oráculos.

22. Como era proibido aos Tebanos dar sepultura a Édipo dentro de suas fronteiras, pretendiam trazê-lo para as vizinhanças de Tebas, para, após a sua morte, o enterrarem em segredo e assim obterem as bênçãos que, segundo o oráculo, o seu túmulo atrairia sobre a terra de quem o possuísse.

Édipo. E que utilidade resulta da minha jazida fora da terra deles?

Ismena. O teu túmulo ser-lhes-á funesto como uma maldição.

5 *Édipo*. Toda a gente podia compreender isso, até sem o concurso dum deus.

Ismena. Por esta causa, querem colocar-te perto do seu território e tirar-te a liberdade de dispores de ti mesmo.

10 *Édipo*. E cobrirão meu cadáver com terra de Tebas?

Ismena. O teu parricídio, pai, não permite isso.

Édipo. Não; de mim nunca se hão-de eles apoderar.

15 *Ismena*. O peso da maldição cairá, portanto, sobre os descendentes de Cadmo.

Édipo. Em consequência de que sucesso, filha?

Ismena. Por causa da tua cólera, quando estiverem sobre o teu sepulcro.

20 *Édipo*. A quem ouviste, filha, dizer essas coisas?

Ismena. Aos enviados, que regressaram do altar de Delfos.

Édipo. E Febo disse isso de mim?

Ismena. Assim contaram eles, de regresso a

25 Tebas.

Édipo. Algum de meus filhos conhece esse oráculo?

3-4. O túmulo de Édipo seria uma desgraça para os Tebanos, caso não se apoderassem dele.

5-6. Édipo atribui a maldição proveniente do seu túmulo ao facto de ser privado das honras fúnebres.

18-19. Outra lição diz: *quando guerrearem contra os que quiserem cuidar da tua sepultura*.

Ismena. Ouviram-no ambos e conhecem-no perfeitamente.

Édipo. E, apesar de saberem isso, os malvados preferem o governo ao amor de pai?

5 *Ismena.* Deploro o facto; não obstante, comunico-to.

Édipo. Jamais extingam os deuses o facho da discórdia que o destino entre eles atiçou! Oxalá dependesse de mim o termo da contenda, a que se 10 aferram, brandindo as armas um contra o outro; porque, então, nem o que empunha agora o ceptro e se assenta no trono se conservaria aí, nem o que foi exilado regressaria de novo à pátria! Eles, com efeito, não apoiaram, nem defenderam seu pai, tão 15 vergonhosamente lançado para fora de Tebas; mas viram com indiferença que fosse banido e condenado ao desterro pela voz do arauto.

Tu dirás que a cidade me concedeu, como era justo, o favor que, nesse tempo, desejei. Mas não, 20 de modo algum; pois nesse dia primeiro, quando escandecia o ânimo e sofreria de muito bom agrado a morte e o apedrejamento, não apareceu, então, ninguém que me prestasse este serviço. Só mais tarde, depois de minha aflição se ter já acalmado 25 e que eu percebera que a cólera me tinha levado a infligir-me um castigo demasiado severo para meus crimes, é que a cidade me enviou violentamente para o exílio. E aqueles, que tinham podido auxiliar o pai, os meus dois filhos, não o quiseram 30 fazer: por isso, ando fora da pátria, errante, como um mendigo, por causa duma simples palavra que não pronunciaram em minha defesa.

---

23. Vid. págs. 60, 63 e 64.

Destas duas donzelas recebo tudo, quanto a sua idade permite, não só meios de subsistência, mas ainda seguro asilo e protecção, ao passo que os filhos antepõem trono e ceptro ao pai e preferem
5 dominar em sua terra.

Pois bem! Jamais receberão de minha parte qualquer auxílio, nem lhes advirá proveito algum do domínio de Tebas. Disto tenho a certeza, ao reflectir no oráculo que de Ismena ouvi e nas pre-
10 dições pronunciadas outrora a meu respeito, às quais Febo deu cumprimento, enfim.

Por essa razão, enviem em minha procura Creonte ou outro qualquer que governe na cidade. Porquanto, amigos, se vós me quiserdes prestar auxílio
15 juntamente com as deusas veneráveis, que dominam nesta região, obtereis um protector poderoso para a vossa cidade e derrotareis os meus inimigos.

Coro. És, na verdade, digno de lástima, ó Édipo, tu e essas donzelas! Visto, porém, ofereceres-te para
20 protector desta terra, quero dar-te um conselho vantajoso.

Édipo. Presta, caríssimo, teu auxílio ao forasteiro! Eu estou pronto a fazer tudo.

Coro. Propicia as deusas, de quem antes te
25 aproximaste e em cujo sagrado solo puseste os pés.

Édipo. De que maneira? Ó amigos, ensinai-mo!

Coro. Traz primeiro água lustral da fonte perene, depois de a teres haurido com a mão pura.

30 *Édipo.* E, quando tiver tomado essa água limpa?

Coro. Eis aí crateras, obra dum artista hábil! Coroa-lhes as bordas e as duas asas!

Édipo. Com ramos, com lã ou com que outra coisa?

Coro. Com lã dum cordeirinho recentemente tosquiado.

Édipo. Está bem. Como devo, depois, fazer o resto?

5 *Coro*. Faz libações, estando voltado para o Oriente.

Édipo. Devem elas ser feitas com as ânforas, a que te referias agora?

Coro. Faz três libações de água; mas a última
10 ânfora derrama-a toda.

Édipo. De que a encherei eu? Ensina-me isto também!

Coro. De água e mel, sem mistura de vinho.

Édipo. E quando o líquido tiver caído sobre a
15 terra sombria?

Coro. Coloca, nesse lugar, três vezes nove ramos de oliveira, com uma e outra mão, pronunciando, ao mesmo tempo, a seguinte prece.

Édipo. Quero ouvi-la; isso é de máxima impor-
20 tância.

Coro. Visto nós as chamarmos *Euménides*, roga-lhes que acolham benèvolamente o suplicante sob a sua protecção, rezando tu próprio ou outro em tua vez, em segredo e sem levantar a voz. Depois disto,
25 estarei, animoso, ao teu lado; doutra sorte, ó forasteiro, receio que te suceda algum mal.

Édipo. Ouvistes, filhas, o que disseram os habitantes desta região?

Antígona. Manda-nos fazer o que for preciso!

30 *Édipo*. Eu não posso caminhar; dois males mo

16-17. Empregam-se aqui ramos de oliveira, por causa de ser o azeite empregado em sacrifícios propiciatórios.

21. Vid. pág. 75, 10-15.

impedem: a fraqueza e a cegueira. Mas uma de vós ponha-se a caminho e execute o que foi mandado; pois creio que uma pessoa só, contanto que seja de boa vontade, vale por mil, para a execução desta
5 ordem. Portanto, mãos à obra, imediatamente! Não me deixeis, porém, só, porque não seria capaz de arrastar o meu corpo, abandonado e sem um guia.

Ismena. Eu vou executar a cerimónia. Mas desejava saber, em que lugar encontrarei o que é pre-
10 ciso.

Coro. No outro lado do bosque, donzela. Se precisares de alguma coisa, está lá alguém que ta dará.

Ismena. Eu vou lá então. Mas tu, Antígona, cuida de nosso pai! Dos trabalhos, que pelos pais
15 se suportam, nem sequer nos devemos lembrar.

Coro. É cruel, ó forasteiro, despertar um mal, há já muito, adormecido; contudo, desejava saber...

Édipo. Qual é o teu desejo?

Coro. Conhecer a dor cruel e irremediável, de
20 que és vítima.

Édipo. Pelo direito de hospitalidade, não me faças revelar coisas, que para minha vergonha sofri!

Coro. Eu desejava, ó forasteiro, certificar-me do boato, que corre, por toda a parte, com insistência.

25 *Édipo.* Ai de mim!...

Coro. Faz-me esse favor, eu te suplico!

Édipo. Ai, ai!...

Coro. Não mo recuses, que também cedo a teus desejos.

30 *Édipo.* Causei a minha desgraça, amigos! Causei

14-15. Por outros termos: *Os trabalhos, de que um pai é objecto, não são jamais trabalhosos.* Esta é a interpretação de M. Bellaguet.

a minha desgraça, mas foi involuntàriamente. Seja a divindade testemunha de que não sou responsável disso!

Coro. De quê?

5 *Édipo*. A cidade prendeu-me a um malfadado leito, sem eu saber; enredou-me numas calamitosas núpcias.

Coro. Maculaste, como ouço dizer, o nefando leito de tua mãe?

10 *Édipo*. Ai!... Ouvir isso, amigos, é a morte para mim!... E estas duas donzelas...

Coro. Que dizes?

Édipo. Duas filhas, uma dupla maldição!...

Coro. Oh, Zeus!...

15 *Édipo*. Nasceram do mesmo ventre que eu.

Coro. Elas são então tuas filhas?

Édipo. E também irmãs do pai!

Coro. Oh!...

Édipo. Ai!... Vaivéns de desgraças sem conta!..

20 *Coro*. Tu tens sofrido...

Édipo. Sofri males atrozes.

Coro. Praticaste...

Édipo. Não pratiquei nada.

Coro. Quê?

25 *Édipo*. Recebi da cidade uma recompensa, que eu, infeliz, nunca devia ter recebido.

---

1. Este passo é traduzido de diferentes modos. Eis alguns: *Sustinui pessima* (Brunck-Bothe); *Enormi oprar sostenni* (Bellotti); *Unheil schuf ich* (Donner).

25-26. Seja qual for a reconstituição do texto, parece que o sentido é este: A cidade concedeu-me, para minha desgraça, a mão da rainha, em recompensa da resolução do enigma proposto pela esfinge.

Coro. Infeliz, na verdade! Tu deste a morte..
Édipo. Que dizes? Que desejas tu saber ainda?
Coro. Deste a morte a teu pai?
Édipo. Oh dor!... Tu abres ferida sobre ferida!.
5 *Coro*. Foste o assassino...
Édipo. Fui. Mas tenho...
Coro. Tens o quê?
Édipo. Uma certa desculpa.
Coro. Qual?
10 *Édipo*. Eu me explico. Estou convencido de que pratiquei um assassinato. Todavia tenho desculpa perante a lei, pois fi-lo sem o saber.
Coro. Eis aí o nosso rei! Eis Teseu, filho de Egeu, que comparece, cedendo à tua mensagem!

TESEU E OS MESMOS

15 *Teseu*. Tendo, no passado, ouvido dizer a muitos que tinhas destruído sanguinolentamente os olhos, eu reconheci-te logo, ó filho de Laio; mas agora certifico-me de todo, depois do que me constou pelo caminho; porquanto o teu vestido e a tua face
20 desfigurada dizem-me claramente quem tu és.
Movido de compaixão, ó infeliz Édipo, desejo perguntar-te qual a súplica que te fez a ti próprio com a tua desditosa guia aproximar de mim e da cidade. Fala, pois! Impossível desejo devia ser o
25 teu, para que to recusasse, eu que não me esqueci

---

12. Refere-se à velha sentença de Radamanto, que soava assim: *Seja isento de castigo quem se vingar do que praticou actos de violência* (Apolod. 2, 4, 9).
17. A saber: ao ouvir a notícia do mensageiro.

ainda de que, como tu, comi o pão do exílio e arrisquei, na estranja, como nenhum outro homem, muitas vezes, a própria vida. Por isso, não me negaria a socorrer todo o estrangeiro, como agora
5 a ti, pois reconheço que sou homem e que não tenho o dia de amanhã mais seguro do que tu.

Édipo. A tua nobreza de ânimo, Teseu, expressa em tão breves palavras, dispensa-me de longos discursos.
10 Já disseste quem sou, de quem sou filho e de que terra vim, de sorte que nada mais me resta do que expor-te o meu desejo e tenho tudo dito.

Teseu. Expõe-mo então, a fim de o conhecer!

Édipo. Eu venho dar-te em presente o meu mí-
15 sero corpo, de aspecto nada grato à vista; todavia o ganho que dele podes auferir é superior à beleza da forma.

Teseu. Qual é o ganho que pretendes trazer-me?

Édipo. Sabê-lo-ás com o tempo; por enquanto não.

20 *Teseu*. Quando se conhecerá o teu préstimo?

Édipo. Depois de ter morrido e tu me sepultares.

Teseu. Tua petição refere-se ao termo da vida. O espaço até lá esquece-lo ou não lhe dás importância?

25 *Édipo*. Uma coisa está incluída na outra.

Teseu. Na verdade, esse favor que pedes é insignificante.

Édipo. Repara bem! Esse combate não será pequeno; não, com certeza.

---

25 Isto é: Se prometes que sepultarás o meu corpo, estou certo da tua protecção até eu morrer.

28-29. Segundo as informações de Ismena, Édipo prevê que será grande o empenho dos Tebanos em se apoderarem do seu corpo

Teseu. Referes-te a teus filhos ou a mim?
Édipo. Eles querem constranger-me a voltar para a pátria.
Teseu. Se desejam isso, não te fica bem re-
5 cusá-lo.
Édipo. Quando eu o quis, não mo permitiram eles.
Teseu. Na desgraça, louco, nada aproveita o ressentimento.
10 *Édipo.* Depois de me ouvires, admoesta-me; mas por enquanto deixa isso.
Teseu. Fala! Pois sem conhecimento de causa, não devo dizer nada.
Édipo. Sobre mim, Teseu, horríveis desgraças
15 caíram sobre desgraças.
Teseu. Falas do antigo infortúnio de tua casa?
Édipo. Não! Isso anda na boca de todos os Gregos.
Teseu. Que infortúnio excessivo para as forças
20 humanas te aflige então?
Édipo. Eis o meu caso: fui banido da pátria por meus próprios filhos e jamais me é permitido regressar aí, por ser considerado parricida.
Teseu. Como te reclamam, pois, se não podes
25 habitar com eles?
Édipo. A voz do oráculo obriga-os a isso.
Teseu. Com que desgraça são ameaçados?
Édipo. É seu destino serem batidos por este país.

---

1. Segundo o texto de Schneidewin. *Referes-te às relações entre mim e os teus* (os Tebanos)?
24-25. Outro texto: *Porque é que te censuram de viveres separado deles?* (Brunck-Bothe).

Teseu. E como se originarão as discórdias entre mim e eles?

Édipo. Ó filho caríssimo de Egeu, os deuses são os únicos que não envelhecem, nem jamais lhes
5 sobrevém a morte; mas quanto ao resto, tudo é destruído pelo tempo, a que nenhuma coisa resiste. Perece o vigor da terra e do corpo humano; morre a confiança e surge em vez dela a desconfiança. E o mesmo espírito não reina jamais entre os
10 homens, nem entre cidade e cidade. Porque hoje a estes e mais tarde àqueles a amizade transforma-se-lhes em ódio e, depois, de novo em amizade.

Se agora entre ti e os Tebanos o dia sereno da
15 paz torna as relações amistosas, o longo rolar dos tempos fará surgir dias e noites sem fim, nos quais, por um leve pretexto, a guerra dissipará a vossa actual concórdia. Então, o meu corpo gelado, no lugar, onde dormir o seu último sono, há-de beber,
20 um dia, o sangue quente daqueles, se Zeus ainda é Zeus e se Febo, filho de Zeus diz a verdade.

Mas, pois que não me é grato revelar coisas secretas, deixa-me ficar no pedido, por que comecei; e tu sê fiel à tua palavra! E jamais dirás que
25 em Édipo recebeste um morador inútil destes lugares, se na realidade não me enganam os deuses.

Coro. Ó rei, ele tinha já prometido antes o cumprimento de tais coisas e doutras semelhantes, em pró da nossa terra.

30 *Teseu.* Quem poderia desprezar a benevolência dum tal homem, que participou, em todo o tempo, de nosso lar hospitaleiro? Demais, vindo pedir protecção às deusas, oferece não pequena paga a este país e a mim. Por isso, penetrado de devoção para

com ele, não só não repudiarei o seu favor, mas acolhê-lo-ei aqui com direitos de cidadão.

Se, pois, agradar ao nosso hóspede permanecer neste sítio, ordeno-vos que veleis por ele; mas, se
5 lhe apraz vir comigo... Eu dou-te, Édipo, a liberdade de escolha e concordarei contigo.

Édipo. Ó Zeus, faz esta gente venturosa!

Teseu. Que preferes então? Vir para minha casa?

Édipo. Sem dúvida, se me fosse permitido. Mas
10 este é o lugar...

Teseu. Que tencionas aqui fazer? Eu não te contrariarei, de modo algum.

Édipo. Este é o lugar, onde triunfarei dos que me baniram.

15 *Teseu.* Seria uma grande bênção, nesse caso, a tua permanência entre nós.

Édipo. Sob a condição de cumprires a palavra que me deste.

Teseu. Confia em mim! Eu nunca te trairei.

20 *Édipo.* Não exijo de ti juramento, como de homem suspeito.

Teseu. Ela não seria garantia maior do que a minha palavra.

Édipo. Que farás, pois?

25 *Teseu.* Que é que sobretudo te causa medo?

Édipo. Virão homens..

Teseu (apontando o Coro). Estes velarão por ti.

Édipo. Olha, se me abandonares...

13-14. Édipo alude à derrota dos Tebanos, junto do seu sepulcro. E, enquanto considera a vitória dos Atenienses a sua própria vitória, Teseu, de sua parte, pensa na tentativa dos Tebanos de reconduzirem Édipo à sua pátria.

Teseu. Não me ensines o que devo fazer!
Édipo. O temor constrange-me a isso.
Teseu. O meu coração não conhece medo.
Édipo. Não sabes as ameaças...
5 *Teseu.* Eu sei que nenhum homem te levará daqui contra minha vontade.
Já a muitos tem incitado a cólera a desbocarem-se sem motivo em ameaças; quando, porém, se aquieta o espírito, todas essas ameaças se des-
10 vanecem.
Aqueles, que têm ousado pronunciar ameaças terríveis a respeito da tua saída daqui, há-de parecer-lhes (tenho a certeza disso) a viagem até cá como através dum mar vasto e difícil de navegar.
15 Tu deves ter ânimo, prescindindo até do meu auxílio, se na verdade Febo te enviou aqui. Contudo estou certo de que apesar da minha ausência, o meu nome impedirá que te molestem. *(Sai)*.
Coro. Tu vieste, amigo, para a região de belos
20 corcéis, para o lugar mais aprazível deste país, para o alvinitente Colono, onde com melodiosa voz gorjeia a filomela, nos verdejantes desfiladeiros, entre a vinosa hera, e no sagrado tufo do deus, produtor de milhares de frutos e ao abrigo do sol e
25 de todos os ventos, no qual costuma deambular o báquico Dionísio com o cortejo das ninfas que o criaram.
Aqui, rociado pelo orvalho celeste, medra de contínuo, ao lado do açafrão de oiro, o narciso de belos

---

21 Chama-se assim, por causa da constituição do terreno, em que entra uma grande dose de calcário.
23. Baco, deus das festas dionisíacas, às quais se destinava a presente tragédia.

cachos, coroa antiga das duas grandes deusas. E as águas vivas do Cefiso, errando por aqui e por além, nunca se esgotam; mas, nutrido pelas límpidas chuvas, corre sempre através dos campos, a fecun-
5 dar o seio da terra, os quais os coros das musas não desprezam, nem Afrodita das rédeas de oiro.

Cresce também aqui uma planta, que eu nunca ouvi dizer que crescesse em regiões de Ásia, nem nas terras dóricas da grande ilha de Pélope —
10 planta espontânea, não cultivada pelo homem, que é o terror das lanças inimigas e eleva-se a grande altura, nestes sítios: é a oliveira de glauca folhagem que sempre floresce, a qual nenhum comandante novo ou velho arrancará jamais, nem fará
15 desaparecer com mão hostil, porque Zeus Mório e Atena de olhos glaucos têm de contínuo a vista sobre ela.

Mas tenho em honra da terra natal outro encó-

---

1. Prosérpina, que amava o narciso, e Ceres o açafrão.

11. Deste modo, é designado Arquídamo, que, na devastação da Ática, com receio de Atena, poupou as oliveiras.

13. O texto diz *nutridora de filhos*, por a oliveira se renovar por meio das vergônteas. Outros traduzem, *qui ombrage le berceau de l'enfance* (Bellaguet); *sacro a' maschi parti* (Bellotti), etc., aludindo ao costume ateniense de se colocar uma coroa de oliveira sobre as portas das casas, quando nascia uma criança.

13-14. Referência a Xerxes, que na juventude marchou contra Atenas, e de novo a Arquídamo, já de idade avançada, quando invadiu a Ática.

15. Este epíteto significa — *protector da oliveira sagrada* ou *moria*.

18. Neste canto Sófocles exalta a sua própria terra, que, como é sabido, era oriundo de Colono.

mio a tecer, o maior de todos — dádiva do grande deus e orgulho máximo do país: ela possui belos corcéis e bons poltros e tem o domínio do mar esplêndido.

5 Ó filho de Cronos, Posidão soberano, tu foste quem a elevou a esta glória e o primeiro que, por estas estradas, abrandou com o freio o ardor dos cavalos. E é, graças a ti que, impelido pelos remos bem adaptados à mão, o navio singra impetuosa-
10 mente através do mar, na companhia das Nereidas de cem pés.

Antígona. Ó terra cumulada dos maiores louvores, é chegado o momento de traduzires em obras esses elogios brilhantes.

15 *Édipo*. Que há de novo, filha?

Antígona. Pai, eis Creonte, que se aproxima de nós com o seu séquito.

Édipo. Ó anciãos caríssimos, agora é que podeis mostrar-me até onde chega a eficácia do vosso
20 auxílio.

Coro. Confia, ele não te faltará. Se eu sou velho, a potência desta terra nunca envelhece.

ÉDIPO, ANTÍGONA, CORO E CREONTE COM SÉQUITO

Creonte. Eu percebo no vosso olhar, ilustres habitantes deste país, que a minha chegada súbita
25 é motivo de receios. Não temais, nem pronuncieis

1-2. Isto é, Posidão, deus do mar e inventor das lutas com cavalos.

11. O número centenário designa apenas *grande quantidade*. O poeta serve-se desta expressão, aludindo à rapidez da dança em volta dos navios.

nenhuma praga contra mim! Não venho com intenção de fazer mal, pois sou um velho e sei, além disso, que a cidade, em que estou, é poderosa, mais que outra qualquer da Hélada.

5 Eu fui enviado aqui, para convencer este ancião a seguir-me para a cidade de Cadmo; venho, não em nome dum só, mas de todo o povo, pois que, mais que a nenhum outro, por causa dos laços de parentesco, afligem-me as penas que ele sofre.

10 Escuta-me, pois, ó infeliz Édipo, e regressa à tua pátria! Todo o povo de Cadmo reclama com razão a tua presença; e eu desejo-a mais que todos, quanto (se não sou o mais desnaturado dos homens) os teus males, ó ancião, me causam mais dó,
15 vendo-te em tanta miséria, sem pátria, sempre errante, privado de todo o sustento e acompanhado só por uma donzela.

Oh, infeliz de mim! Eu nunca julguei que ela se rebaixaria a uma abjecção como esta, em que a
20 mísera caiu, ela que, em todo o tempo, cuida de ti e te fornece a alimentação, tão jovem ainda, solteira e exposta a ser vítima do primeiro raptor.

Isto que eu disse (desgraçado que sou!) não será um lamentável vitupério, que me desonra a mim
25 e a ti e a toda a nossa família? Contudo, ainda que o que é manifesto não se pode esconder, segue-me, pelos deuses pátrios, Édipo, e esforça-te por esconder o teu opróbrio, regressando à tua cidade e à casa paterna! Diz adeus a esta terra,
30 que bem o merece! Todavia a pátria tem mais direito à tua veneração: foi ela quem te criou no passado.

Édipo. Ó homem que tudo ousas e a tuas artimanhas sabes dar um aspecto de causa justa, por-

que todos esses esforços e tentas, uma segunda vez, captar-me com teus ardis, os quais me fariam sofrer os maiores trabalhos? Antes, quando o infortúnio ruiu sobre minha casa e me seria alívio doce o exílio, não me quiseste conceder esse favor. Só, quando o desespero já tinha abrandado e para mim era delicioso viver na pátria, então é que me expulsaste e enviaste para o exílio, sem atenderes ao nosso parentesco. E agora, que vês esta cidade com todos os seus habitantes receberem-me benèvolamente, procuras arrancar-me daqui, encobrindo com palavras doces teus iníquos projectos.

Que prazer se encontra em amar os que rejeitam ser amados? Se alguém te recusasse um favor desejado com instância ou um auxílio qualquer e só to concedesse, quando, satisfeito o teu desejo, já nada desejavas e o favor deixara de ser favor, certamente havias de achar *inútil o benefício*. Ora, tal é a proposta que me fazes com palavras esplêndidas, mas detestável na realidade. Isto vou declarar também a todos os presentes, para que conheçam a tua velhacaria.

Tu vens buscar-me, não para me conduzir a casa, mas para me fazer habitar nas vossas fronteiras, a fim de que Tebas seja livre da derrota, com que esta terra a ameaça. Mas nunca o conseguirás; conseguirás apenas que o meu espírito paire sempre como um flagelo sobre a cidade de Cadmo; e os meus filhos obterão de minha terra só quanto precisam para caírem mortos.

Por acaso, não conheço eu melhor do que tu a sorte de Tebas? *Conheço-a tanto melhor, quanto* estou informado de fontes mais seguras: sei isso de Febo e do próprio Zeus, seu pai.

Tu vieste aqui com a tua boca cheia de patranhas e uma língua muito afiada; mas de teus discursos resultará para ti mais prejuízo do que ganho. Afasta-te, pois, visto que as minhas palavras não
5 te hão-de persuadir, e deixa-nos aqui viver, por quanto, vivendo como nos agrada, nós não somos infelizes, apesar da nossa miséria.

Creonte. Quem julgas que, no caso presente, tem mais a perder? Tu ou eu?

10 *Édipo.* É-me em extremo agradável não seres capaz de me convencer a mim, nem a estes, que estão à minha beira.

Creonte. Ó desgraçado, parece que o tempo não te faz ganhar juízo! Doutra sorte, atrever-te-ias a
15 desonrar assim a tua velhice?

Édipo. Em língua és um herói; mas não conheço nenhum homem honesto, que fale bem acerca de tudo.

Creonte. Uma coisa é falar muito, outra falar
20 a propósito.

Édipo. Como se falasses pouco e com oportunidade!...

Creonte. Não, certamente, na opinião daquele, que pensa como tu.

25 *Édipo.* Vai-te daqui (eu to ordeno também em nome destes), e não andes a espiar-me por estes sítios, nos quais eu devo habitar!

Creonte. Tomo a estes por testemunhas, não a

17-18. Ou: *que defenda toda a causa,* à maneira dos sofistas, que dum mau fazem um bom raciocínio e vice-versa.

25-26. Ou: *antes que estes* (o Coro) *to ordenem.*

ti; e pelas palavras, com que tu replicas aos teus amigos, se algum dia me cais nas mãos...

Édipo. Quem é que se poderia apoderar de mim contra a vontade destes meus defensores?

5 *Creonte*. Prescindindo disso, terás ainda que sofrer.

Édipo. Que pretendes tu com essas ameaças?

Creonte. De tuas duas filhas, uma já foi raptada e mandei-a levar daqui; a outra seguirá, em breve.

10 *Édipo*. Ai de mim!...

Creonte. Dentro em pouco, terás mais razão para lamentos.

Édipo. Apoderaste-te de minha filha?

Creonte. Não falta muito para suceder o mesmo

15 àquela.

Édipo. Que fazeis, amigos? Vós abandonais-me? Não expulsais o criminoso da vossa terra?

Coro. Sai já daqui, forasteiro! Não é justa a acção que praticas nem a que antes praticaste.

20 *Creonte (para o séquito)*. É tempo de levardes esta donzela. Se resiste, levai-a à força!

Antígona. Ai, pobre de mim! Para onde fugirei eu? De que deuses ou de que homens me virá auxílio?

25 *Coro*. Que fazes tu, ó forasteiro?

Creonte. Eu não porei as mãos neste homem; levo apenas a filha, que me pertence.

Édipo. Ó senhores da terra!

Coro. Tu procedes, forasteiro, duma maneira

30 injusta.

---

27. Como chefe dos Labdácides, após o exílio de Édipo, Creonte alega seus direitos sobre as filhas deste.

Creonte. Eu faço o que é justo.
Coro. O que é justo? Como?
Creonte. Levo comigo as pessoas da família.
Édipo. Ó gente da cidade!...
5 *Coro.* Que fazes tu, ó forasteiro? Não a queres deixar? Vais sentir imediatamente a força do meu braço.
Creonte. Alto aí!
Coro. Não recuo, ainda que tentes obrigar-me
10 a isso!
Creonte. Se me molestas, desencadeias a guerra contra a cidade de Tebas.
Édipo. Não tinha eu já dito isso?
Coro. Solta depressa a donzela!
15 *Creonte.* Não me ordenes aquilo que não podes.
Coro. Eu mando-te que a deixes em liberdade.
Creonte (para Antígona). E eu que te ponhas
20 a caminho.
Coro. Acudi aqui, habitantes da região! Vinde, vinde depressa! A cidade, a nossa cidade sucumbe à violência. Acorrei aqui em meu auxílio!...
Antígona. Ai de mim, desditosa, que sou arras-
25 tada à força!... Amigos! Ó amigos!...
Édipo. Onde estás, minha filha?
Antígona. Sou obrigada a partir!...
Édipo. Estende-me os braços, filha!
Antígona. Não posso.
30 *Creonte (para os do séquito).* Não a conduzis?
Édipo. Oh! Desgraçado de mim!... Desgraçado!... *(Antígona é levada).*
Creonte. Não caminharás jamais arrimado àqueles dois esteios.

Visto quereres triunfar de tua pátria e dos amigos, cujas ordens, apesar de rei, eu executo, então triunfa. Tempo virá, disso tenho a certeza, em que hás-de reconhecer que nem sequer agora foste bom
5 para contigo, assim como não o foste anteriormente, quando, contra o que ditava a razão, cedeste à cólera, que tem sempre causado a tua ruína. *(Faz menção de sair).*

Coro. Alto aí, forasteiro!

10 *Creonte.* Não me pôr a mão, vos digo eu!

Coro. Não consentirei que saias, após o rapto das donzelas.

Creonte. Brevemente, será maior o resgate a impor à tua cidade, pois que não serão aquelas as
15 únicas, de que me apodero.

Coro. De quem tencionas apoderar-te ainda?

Creonte. Este prendê-lo-ei, para o levar comigo.

Coro. Tens uma linguagem atrevida!

Creonte. E isto vai suceder já, se o senhor desta
20 terra não mo impedir.

Édipo. Ó língua impudente, ousarás, porventura, tocar-me?

Creonte. Cala-te, mando eu!

Édipo. Oxalá estas deusas não me privem da voz,
25 antes de te amaldiçoar, ó homem em extremo perverso, que me arrebataste à força a luz frouxa de

---

6. Tradução, segundo o texto de Schneidewin, que corrige a lição corrente — *contra o conselho dos amigos* — na realidade inexplicável, pois Édipo, quando se privou da vista, estava só no aposento.

13-15. Isto é: a soma que Tebas imporá a Atenas pelo resgate das donzelas será acrescido pois Creonte tenciona raptar também Édipo.

meus passos, além dos meus olhos de antanho! Que em recompensa Hélios, o deus que tudo vê, te conceda a ti e aos teus uma velhice tal qual a minha!

Creonte. Reparais nisto, habitantes da região?

5 *Édipo*. Eles reparam em nós ambos; e compreendem que aos teus actos ofensivos eu corresponda com palavras.

Creonte. Não posso conter mais a cólera. Apesar de estar só e carregado de anos, vou conduzi-lo

10 à força.

Édipo. Ai, pobre de mim!...

Coro. Quão grande ousadia te trouxe aqui, forasteiro, se pensas levar a cabo essa empresa!

Creonte. Penso.

15 *Coro*. Nesse caso, deixará Atenas de ser um Estado.

Creonte. O fraco vence o forte, se tem por si a justiça.

Édipo. Escutais o que ele diz?

20 *Coro*. Ele não o executará...

Creonte. Zeus pode sabê-lo, tu não.

Coro. Não é isto um insulto?

Creonte. Sim; mas deves suportá-lo.

Coro. Vinde depressa, ó gente! Vinde, senhores

25 da região, que a ousadia deles chegou ao extremo!

---

1. Édipo atribui a Creonte e às intrigas deste a causa da sua cegueira. Pelo menos, esta, como creio, é a interpretação mais óbvia do texto.

20-21. A lacuna do texto pode preencher-se com as palavras: *se Zeus ainda existe* ditas pelo Coro; ou com estoutras: *Se eu o executarei...* ditas por Creonte.

25. A saber: dos homens do séquito de Creonte.

TESEU COM SÉQUITO, ÉDIPO, CREONTE E CORO

Teseu. Que gritaria é esta? De que se trata? Por que medo interrompestes meu sacrifício no altar do deus marinho, protector de Colono? Falai! Quero saber a causa que me trouxe aqui mais depressa,
5 do que foi grato a meus pés.

Édipo. Ó caríssimo Senhor, cuja voz eu reconheço! Este homem fez-me sofrer agora um grande desgosto.

Teseu. Que desgosto foi esse? Quem é que te
10 ofendeu? Fala!

Édipo. Este Creonte, que vês aqui, levou as minhas duas únicas filhas!

Teseu. Que dizes?

Édipo. Já sabes: esta é a causa da minha dor.

15 *Teseu.* Eia! Parta um servo, o mais depressa possível para o altar e mande ao povo que deixe o sacrifício e que uns a cavalo, a toda a brida, e outros a pé corram para o sítio, onde os dois caminhos se encontram, a fim de que as donzelas não
20 passem além e o meu hóspede não se ria de mim, por ceder a violência. Vai asinha, como eu ordeno! *(Um servo parte).*

Este homem, se eu desse largas à cólera, como ele merece, não o deixaria sair ileso de minhas
25 mãos; não obstante, às leis, que veio aqui pôr em prática, a essas e não a outras terá de se acomodar.

Não sairás, por isso, desta terra, sem primeiro me apresentares as donzelas aqui, diante dos olhos, pois procedeste duma maneira indigna de mim, dos

---

18-19. Os caminhos que levam à Beócia.

teus antepassados e da tua pátria. Sim! Tu entras num país amigo da justiça e respeitador das leis e, depois de assim o ter invadido, levas, desprezando os invioláveis costumes da terra, aquilo que te apraz e executas actos de violência. Julgavas talvez que a cidade que eu governo não tinha gente ou era escrava e eu próprio igual a um zero!

Certamente Tebas, que não gosta de ensinar a injustiça aos homens, não te deu educação de malvado, nem te louvaria, se ouvisse dizer que roubaste o que era meu e dos deuses e que arrebataste infelizes suplicantes.

Eu, se pusesse os pés em teus domínios, ainda que tivesse as razões mais justas, não raptaria nem usaria de violência contra a vontade do senhor do país, fosse ele quem fosse; mas saberia bem qual o porte que um estrangeiro devia ter para com os cidadãos. Tu, ao contrário, desonras a tua pátria, sem que ela o mereça; e o tempo, em seu curso, se duma parte te encheu de anos, doutro esvaziou-te de senso.

Já antes o disse e repito-o agora, apresenta-me aqui as donzelas, o mais depressa possível, se não queres que te obriguem, mau grado teu, a habitar este país. Isto sai-me da boca e, ao mesmo tempo, do coração.

Coro. Vês o que te sucedeu, forasteiro? Tu pareces um homem honrado, atendendo àqueles, de quem descendes; as tuas obras, porém, dizem que és um perverso.

Creonte. Se procedi do modo como procedi, não foi, ó filho de Egeu, por julgar esta cidade privada de gente ou de siso, como afirmas; mas porque pensava que os meus consanguíneos não lhe inte-

ressavam tanto, de maneira a cuidardes deles contra minha vontade. Estava, além disso, convicto de que não acolheríeis um homem manchado com o crime de parricídio nem aquele que foi encontrado
5 réu de núpcias incestuosas.

Bem sabia que tem assento, nesta região, o sensato Areópago, o qual não consente que vadios, como este, tenham moradia na cidade.

Ora foi confiado nisto que deitei as mãos a esta
10 presa; em todo o caso, não o teria feito, se ele não me cobrisse a mim e à minha estirpe de acerbas imprecações — ofensas, das quais me pareceu justo desafrontar-me. Porquanto não há velhice que subjugue a cólera, a não ser a morte: os mortos são
15 os únicos, a quem não alcança a dor.

Em vista disto, faz o que quiseres; pois o abandono, em que estou, torna-me fraco, apesar de ter falado com acerto. Todavia, idoso como sou, tentarei ainda defender-me de teus actos.

20 *Édipo*. Que desavergonhada ousadia! Quem julgas tu ultrajar com tua insolência? É às minhas cãs ou a ti próprio, que contra mim vomitaste da tua boca assassinatos e núpcias — calamidades, que, mau grado meu, sucederam para minha des-
25 graça? Na verdade, assim aprouve aos deuses, irritados talvez contra minha casa, desde tempos antigos. Pois em mim não encontrarás crime algum a censurar, por causa do qual aquelas calamidades tenham vindo sobre mim e sobre os meus.

27-29. Outros traduzem um pouco diferentemente. Bellotti, por exemplo, verte assim: *però che in me non trovi macchia di colpa in ciò che feci a danno di me stesso e de' miei.*

Diz-me: se um oráculo fez saber a meu pai que ele seria morto às mãos dos filhos, como poderás, com justiça, atribuir-me a culpa a mim, que do pai e da mãe não havia ainda recebido o germe da
5 vida e não tinha, então, vindo à luz? Se depois, tendo nascido para minha desgraça, nas circunstâncias, em que nasci, entrei a brigar com o pai e, sem conhecimento do que fazia nem de quem era meu adversário, o matei, que direito tens tu para
10 censurar esta involuntária acção?

Atrevido! Não te envergonhas de me obrigar a falar das núpcias de minha mãe, tu que foste o seu irmão? Falarei, pois, delas ràpidamente, porque não posso calar-me, depois de tu dares início
15 a este discurso infame.

Ela foi quem me deu à luz; ela era minha mãe (ai, quão desventurado sou!), sem que eu nem ela o soubéssemos; e, depois de me ter dado o ser, foi para sua vergonha mãe de meus filhos! Mas uma
20 coisa sei ao certo: é que tu difamas-me a mim e a ela de propósito; enquanto que eu desposei-a contra minha vontade e contra minha vontade falo destas coisas. Mas não! Eu não serei difamado por essas núpcias, nem por causa da morte do pai, que não
25 cessas de me atirar à cara como um insulto cruel. Senão responde-me a esta única pergunta: se alguém inesperadamente se apresentasse aqui com intenções de te matar (a ti, homem justo!), porventura informar-te-ias primeiro, se esse tal era teu pai
30 ou vingar-te-ias logo? Eu julgo que, se a vida te é cara, punirias o criminoso, sem te alongares em ponderações, se isso era ou não contra a justiça.

Em tal desgraça caí eu próprio, por determinação

dos deuses; mas creio que o espírito de meu pai, se ele voltasse à vida, nada teria a replicar-me por esta causa. Tu, porém, porque não és honesto e pensas que tudo se pode dizer, tanto o que é con-
5 veniente, como o que não o é, por isso é que me diriges tais ultrages na presença destes. E parece-te decoroso adular a Teseu e a esta cidade de Atenas, dizendo que ela é governada por sábias leis! Mas, entre tantos louvores, esqueceste-te de dizer que
10 todo o povo da terra, que sabe honrar os deuses, é sobrepujado pelo desta cidade, da qual tu me tentaste levar a mim, velho suplicante, depois de teres raptado as minhas filhas. Por isso, agora suplico a estas deusas e instantemente lhes rogo que
15 venham em meu auxílio, para que saibas por que gente esta cidade é defendida.

Coro. Ó rei, o forasteiro tem o coração nobre; mas o seu infortúnio é incomensurável e merece a tua protecção.

20 *Teseu*. Basta de palavras! Os raptores fogem com a presa, enquanto nós, os prejudicados, permanecemos aqui sem fazer nada.

Creonte. Que ordenas tu a mim que faça, agora desprovido de auxílio?

25 *Teseu*. Que me guies e acompanhes, para me indicares onde estão as donzelas, se porventura as tens escondidas por estes sítios; mas, se os raptores vão a fugir com suas vítimas, não nos devemos preocupar, porque outros seguem no seu encalço,
30 e jamais eles agradecerão aos deuses desta terra, por terem escapado.

Caminha, pois, à minha frente! E sabe que do mesmo modo que prendeste, assim ficaste preso; e nos laços que lançavas aos outros, nesses mesmos

te apanhou a fortuna, porque não têm duração os bens adquiridos com dolo.

E não terás quem te preste auxílio. Bem sei que não vieste só e sem homens armados executar uma
5 empresa tão audaciosa e insolente; mas empreendeste-la, sem dúvida, confiado na ajuda de quem quer que fosse. Por isso, importa-me estar vigilante e não consentir que esta cidade sucumba sob o poder dum único homem.

10 *Coro.* Percebes isto ou parece-te que estas palavras são vãs, como as que ouviste, quando urdias esta violência?

Creonte. Aqui não censurarei as tuas palavras; mas, quando chegar a Tebas, saberei o que deve-
15 mos fazer.

Teseu. Não obstante as tuas ameaças, caminha! Tu, Édipo, fica em paz, aqui, entre nós, na convicção de que, se não morrer antes, não descansarei, sem primeiro te restituir as filhas.

20 *Édipo.* Bem hajas, ó Teseu, por tua nobreza de ânimo e pela solicitude tão justa, com que nos tratas! *(Sai Teseu com Creonte e seu séquito.)*

CORO E ÉDIPO

Coro. Oxalá estivesse eu no lugar, onde, dentro em breve, os inimigos retrocedendo, farão retum-
25 bar a énea voz de Ares, seja nas costas píticas, seja nas iluminadas pelos fachos, nas quais os homens

---

25. Esta designação deriva do templo de Apolo Pítio, que se levantava nos arredores de Tría, onde se encontra hoje o Mosteiro de Dafne.

26. Nas costas de Elêusis, as festas nocturnas eram celebradas à luz dos fachos.

celebram os ritos sagrados das deusas venerandas, cuja chave de oiro trava também a língua dos Eumólpidas, seus ministros! É lá, creio eu, que em breve, contra os raptores das duas irmãs sol-
5 teiras levantará o belicoso Teseu a sua espada salvadora.

Ou não fugirão eles dos campos de Ea para oeste do rochedo nevado, em cavalos ou em carros ligeiros? Mas o inimigo será apanhado. O ânimo
10 guerreiro dos habitantes de Colono é indomável e terrível a força dos companheiros de Teseu.

E eis que os freios reluzem; e, afrouxando as rédeas dos cavalos, avançam impetuosamente todos os cavaleiros, que honram a equestre Atena e o
15 filho de Rea, o deus marinho que circunda a terra.

Combatem eles já ou hesitam? Meu coração pressente que em breve será libertada a donzela que sofreu tamanha crueldade, que foi objecto de tão horrível afronta da parte de seu consanguíneo.
20 Zeus dar-lhe-á a liberdade, Zeus dar-lhe-á a liberdade ainda hoje, que eu pressagio um vitorioso combate.

---

1. Ceres e Prosérpina, as deusas, em honra das quais se celebravam as festas eleusinas.

2-3. Outros traduzem: *a língua dos quais* (dos homens) *é travada pela chave de oiro dos Eumólpidas*.. O texto presta-se às duas interpretações. Seja como for, duma maneira e doutra se exprime a imposição de silêncio, a respeito dos mistérios eleusinos.

7. Região situada ao norte de Atenas.

15. Rea ou Cibeles é, segundo a mitologia, filha de Urano e mãe de Posidão, também chamado o *sacudidor da terra*.

17. Menciona só Antígona, por ter sofrido mais.

Quem me dera ser pomba ligeira, rápida como o vento, para atingir as nuvens do céu com meu voo e contemplar lá de cima a refrega!

Ó Zeus, supremo dominador dos deuses e omni-
5 vidente, concede que sejam felizes nesta expedição e a levem vitoriosamente a cabo os senhores deste país! Isto mesmo te peço a ti, Palas Atena, sua excelsa filha!

Suplico também ao caçador Apolo e a sua irmã,
10 a perseguidora das malhadas e ágeis corças, que venham em auxílio desta terra e de seus habitantes.

Ó errante forasteiro, tu não poderás dizer que eu sou um vigia que anuncio coisas vãs; pois vejo as donzelas aproximar-se de nós com passo rápido.

15 *Édipo*. Onde, onde estão? Que dizes? Que é que tu disseste?

TESEU COM SEU SÉQUITO, ANTÍGONA, ISMENA, ÉDIPO E CORO

Antígona. Pai, ó pai, oxalá um deus te concedesse ver este excelente homem, que a ti nos restituiu!

Édipo. Ó filha, vós estais aqui ambas?

15 *Antígona*. Salvou-nos o braço de Teseu e o dos seus muito fiéis servos.

Édipo. Aproximai-vos de vosso pai, filhas, e deixai-me abraçar a vós ambas, que julgava já perdidas.

25 *Antígona*. Satisfaremos o teu desejo, porque isso também nos é grato.

---

9. Este epíteto provém a Apolo, por causa de ter matado a serpente Pitão.

Édipo. Onde, onde estais vós?
Antígona. Estamos aqui ambas à tua beira.
Édipo. Minha querida prole!...
Antígona. A um pai todo o filho é caro.
5 *Édipo*. Sustentáculos dum velho!...
Antígona. Infelizes sustentáculos dum infeliz varão!...

Édipo. De novo possuo o que mais amo! E na morte não serei de todo infeliz, se vos tiver a meu
10 lado.

Achegai-vos a mim, filhas, uma de cada lado; e, abraçadas ao vosso genitor, descansai do precedente curso errante, solitário e triste!

Contai-me o mais resumidamente possível o que
15 vos sucedeu, pois para a vossa idade uma curta narração é bastante.

Antígona. Eis aqui quem nos salvou! Tu deves ouvi-lo, pai, e assim o trabalho para ti e para mim será fácil.

20 *Édipo*. Não te admires, senhor, de eu prolongar a conversa, amontoando palavras supérfluas, após a vinda inesperada de minhas filhas.

Eu bem sei que o prazer de as possuir de novo não me vem de outrem, a não ser de ti. Foste tu
25 quem as salvou e nenhum outro homem. Por isso, dêem-te os deuses a recompensa, como eu desejo, a ti e ao teu reino; pois, entre os homens, foi só em vós que encontrei piedade, benevolência e franqueza. Eu experimentei-o e com estas palavras vo-lo

---

13. Outros entendem isto de Édipo. *dai fim ao solitário e misero errar, a que estava reduzido*, traduzem eles.
18-19. Isto é: tu nada mais farás que ouvir e eu não terei nenhuma coisa a dizer.

agradeço. Porquanto o que tenho devo-o a ti e a ninguém mais.

E agora estende a tua dextra, ó rei, para que a toque, e, se é permitido, que meus lábios beijem
5 a tua face.

Mas que digo eu? Como poderia em minha miséria desejar que tocasses um homem, ao qual está inerente toda a mancha de crime? Não o posso permitir, nem o permitirei jamais. Porque só podem
10 participar de meus males aqueles, dentre os mortais, que por experiência os conhecem.

Envio-te, pois, desde aqui as minhas saudações e continua, no futuro, a ser o meu protector, como o foste até agora!

15 *Teseu*. Não me admira que, contente com a chegada de tuas filhas, com elas prolongues a conversa, nem que prestes mais atenção às suas palavras do que a mim. Isso nenhuma importância tem para nós; porque não aplicamos o nosso esforço a abri-
20 lhantar a vida mais com palavras do que com factos. Disto aqui tens a prova: quanto te jurei, tudo cumpri, ó velho, e apresento-te as tuas filhas vivas e livres dos males, com que foram ameaçadas.

Quanto ao modo como a vitória foi ganha, que
25 necessidade tenho eu de me jactar, narrando-te coisas que tu próprio ouvirás delas?

Presta, porém, atenção a uma notícia, de que tive conhecimento no meu regresso para aqui — coisa que se diz com uma breve palavra, mas, não
30 obstante, digna de consideração; porque o homem não deve descuidar nada.

---

11. Édipo refere-se às filhas que, conhecedoras de seus males, pode sem hesitação abraçar.

Édipo. Que notícia é essa, filho de Egeu? Informa-me, porque não sei nada do que tu ouviste.

Teseu. Dizem que um indivíduo, não da mesma cidade que tu, mas teu consanguíneo, se foi pros-
5 trar (não sei porquê), depois que acorri em tua ajuda, junto do altar de Posidão, onde eu estava a oferecer um sacrifício.

Édipo. De que terra é ele? E que implora com sua atitude suplicante?

10 *Teseu.* Apenas sei uma coisa: segundo me dizem, não pede mais que um exíguo favor, uma bagatela.

Édipo. Qual será? Essa atitude suplicante não indica coisa de pouca monta.

Teseu. Ele pretende, dizem, falar contigo e que
15 o deixem partir, ileso, pelo mesmo caminho que veio.

Édipo. Quem poderá ser o homem que se assentou numa tal atitude?

Teseu. Considera se em Argos não vive alguém
20 de vossa família, que possa pretender isso de ti.

Édipo. Ó caríssimo, não continues!

Teseu. Que há de novo?

Édipo. Não mo perguntes!

Teseu. Porquê? Explica-te!

25 *Édipo.* Pelo que ouvi a estas, já sei quem é o suplicante.

Teseu. Quem deveria eu então censurar?

Édipo. Meu odiado filho, ó rei, cujas palavras me custariam mais ouvir do que as de outro qual-
30 quer homem.

---

25. Refere-se à notícia de Ismena a respeito de Polinices (vid. pág 88).

Teseu. Como? Não te é possível escutá-lo e recusar-lhe aquilo que não te agrada? Porque é que te repugna ouvi-lo?

Édipo. O pai detesta, ó rei, ouvir a sua voz. Não
5 me constranjas a isso!

Teseu. Mas olha se observas o devido respeito ao deus, caso a posição do suplicante assim o exija!

Antígona. Segue o meu conselho, ó pai! Eu exorto-te a isso, apesar de ser jovem ainda! Permite
10 que este homem satisfaça as exigências de seu espírito e as do deus, conforme deseja; e a nós concede que possa vir o nosso irmão!

Tem bom ânimo! Qualquer despropósito que ele disser não te obrigará a afastar da tua resolução.
15 E que prejuízo causa ouvir palavras? Os planos concebidos por um espírito perverso é, na verdade, pela palavra que se revelam.

Tu és pai dele; por isso, ainda que se tivesse portado pèssimamente contra ti, não te seria permi-
20 tido, ó pai, retribuir-lhe mal com mal. Deixa-o vir!

Maus filhos e ânimo atreito à cólera também outros têm; mas, admoestados pelas vozes feiticeiras dos amigos, eles mudam de sentimentos.

Lança agora os olhos para aquelas desgraças do
25 pai e da mãe, de que sofreste as consequências; se nelas fixares a vista (disso estou certa), hás-de reconhecer que é funesto o resultado duma cólera intempestiva. Tens em ti não pequena prova: a privação da vista.

---

10. Referência a Teseu; mas, segundo a interpretação de Schneidewin, refere-se a Polinices.

16. Segundo outros: *por um espírito recto*.

20. Outros lêem: *Isto seria fazer mal a ti próprio*, em vez de *Deixa-o vir!*

Cede, pois, a nossos rogos! Não convém recusar ao que implora coisas justas, nem te fica bem a ti receber um benefício e não ser reconhecido.

Édipo. Com vossos rogos, filha, vós extorquis-me
5 uma graça que me é custosa. Mas seja assim, como vós quereis! Sòmente peço, ó meu hóspede, que, vindo ele aqui, ninguém me faça violência.

Teseu. Isso já ouvi uma vez; não desejo, ó velho, ouvi-lo duas vezes. Não quero blasonar; contudo
10 sabe que permanecereis incólume, enquanto um deus me proteger a mim. *(Sai Teseu com seu séquito)*.

Coro. Quem deseja protrair o curso da vida, não se contentando com a de curta duração, este, em
15 meu pensar, é manifestamente um louco. Porque a idade muito dilatada traz também muitas aflições; e o prazer não se descobre em parte alguma quando se atinge a desejada longevidade. A libertadora de males, porém, é igual para todos: é a morte, que,
20 por fim, sobrevém, desacompanhada de cantos nupciais, de sons de lira e de danças.

Não ter nascido é bem que vence todo o outro; mas, depois que o homem nasceu, o segundo é partir o mais depressa possível para o lugar donde

---

3. Refere-se ao generoso acolhimento dispensado por Teseu a Édipo, o qual, por sua vez, em sinal de gratidão, deve atender aos rogos de Teseu em favor de Polinices.

19-21. Neste passo, as lições discordam. Entre as hipóteses relativas à reconstituição do primitivo texto e suas várias interpretações, deixei-me guiar sobretudo pelo contexto.

22-24. O mesmo pensamento ocorre em Teógnide (425 e segs.): *Não ter nascido nem ver os raios do sol fulgu-*

veio. Pois, enquanto dura a juventude com suas loucas leviandades, quem está livre de penas? Quem vive isento de trabalhos?

Morticínios, revoltas, contendas, combates e inve-
5 jas... Por último vem a velhice triste e sem forças, rabugenta e sem amigos com o cortejo dos maiores males.

Do mesmo modo que um promontório boreal é açoitado de todas as partes, em ocasião de tempes-
10 tade, assim também sobre este infeliz, não só sobre mim, desabam, na velhice, aflições terríveis em catadupa, investem contra ele de todos os lados, sem nunca lhe darem trégua, umas vindas do poente, outras do levante, estas das partes do
15 meio-dia, aquelas dos tenebrosos montes Rifeus.

Antígona. Meu pai, eis ali o estrangeiro que, aparentemente, se aproxima de nós, desacompanhado e derramando lágrimas em fio.

Édipo. Quem é?

20 *Antígona.* Aquele que, há muito, tínhamos na mente: Polinices é quem aqui está.

ÉDIPO, POLINICES, ANTÍGONA, ISMENA E CORO

Polinices. Ai de mim! Que farei? Devo chorar, ó irmãs, as minhas passadas desditas ou as de

---

rante é para os mortais o melhor de todos os bens, e, uma vez nado, ir sem demora para as portas do Hades. Vid. também Cícero (*Tuscul.*, I, 48), etc.

15. Montanha fabulosa situada ao Norte da Cítia, coberta de floresta densa e envolvida em noite caliginosa.

nosso velho pai que eu vejo aqui? Depois de ter sido desterrado, encontro-o convosco, em terra estrangeira, com esse vestido hediondo que o cobre, velho como ele, e que lhe desfigura o corpo, en-
5 quanto sua cabeleira desgrenhada esvoaça aos ventos, em volta da fronte privada de olhos. Proporcionada a um semelhante aspecto, deve ser a alimentação de seu ventre esfaimado.

Infeliz de mim, quão demasiado tarde tive conhe-
10 cimento disto! Reconheço que sou o mais desnaturado dos homens, por te não ter valido em tal miséria. Minha culpa eu próprio ta declaro; não precisas de a escutar de outrem.

Mas para todos os erros está o perdão, num
15 trono, assentado ao lado de Zeus; esteja ele, pai, também ao teu lado! Os males perpetrados podem reparar-se; impedir, porém, que sejam um facto isso não é possível agora.

Porque te calas? Pronuncia, ó pai, uma palavra
20 sequer e não voltes de mim tua face!...

Não me respondes? Despedes-me com desprezo, sem nada me dizer, nem declarar a causa da tua cólera?

Ó vós, filhas de Édipo e minhas irmãs, tentai
25 abrir a boca ao pai inexorável e duro, a fim de que não despeça o suplicante do deus tão desprezìvelmente e sem lhe ouvir uma única palavra!

17-18. A lição corrente diz. *mas não é possível um acréscimo*. Como isto não parece ser verdade, relativamente aos males de Édipo, traduzi segundo a conjectura de H. Schütz *(op. cit.*, pág. 178 e seg.).

26. Posidão (vid. pág. 121, 5-10).

Antígona. Expõe tu próprio, infeliz, a razão da tua vinda! Porquanto longos discursos, pelo prazer, desdém ou compaixão que despertam, já têm dado voz aos mudos.

5 *Polinices*. Vou falar, então, segundo o teu sábio conselho.

Primeiramente imploro a protecção daquele deus, de junto de cujo altar o senhor desta terra me mandou erguer, para que viesse aqui com a liberdade

10 de falar e de ouvir e com garantia de trânsito. Isto mesmo desejo que me seja concedido por vós, ó meus hóspedes, assim como por minhas irmãs e pelo pai.

Quanto à causa da minha vinda aqui, eu quero,

15 meu pai, expor-ta sem demora. Eu vagueio, exilado da pátria terra, porque na qualidade de teu filho mais velho pretendi assentar-me no teu régio trono. Ora foi por isso que Etéocles, inferior a mim em idade, me baniu da terra, vencendo-me não

20 com razões, nem pelo braço ou em combate, mas por ter subornado a cidade. E afirmo que a causa da minha derrota foi a tua maldição, conforme o ouvi da boca dos adivinhos.

Depois disso fui para a cidade dórica de Argos;

25 e, tendo feito Adrasto meu sogro, conjurei-me com os guerreiros da terra Ápia, tidos como os melhores e honrados por sua valentia, a fim de que um ataque a Tebas com um exército sob sete chefes me

---

24. Havia duas cidades com o nome de Argos: uma na Tessába e outra no Peloponeso. Esta, por aqui habitarem os Dórios, chamou-se *Argos Dórica*.

26. Isto é, do Peloponeso.

desse uma morte gloriosa ou expulsasse da terra os fautores de minha ruína.

Pois bem!... Mas porque me encontro eu agora aqui? A ti, ó pai, dirijo os meus instantes rogos em
5 favor de mim e dos aliados, que sitiam agora com sete exércitos e sete lanças toda a região de Tebas. Encontra-se lá o belicoso Anfiarau, o primeiro na guerra e em auspícios; o segundo é Tideu, da Etólia, filho de Eneu; o terceiro, natural de Argos,
10 chama-se Etéocles; Hipomedonte, que seu pai Talau enviara, é o nome do quarto; o quinto, que jurara incinerar a cidade de Tebas, denomina-se Canapeu; em sexto lugar vem o Árcade Partenopeu, assim chamado, por a Atalanta, da qual é filho legítimo,
15 se ter conservado solteira, durante longo tempo; o último, que comanda o intrépido exército de Argos contra Tebas, sou eu, teu filho, ou, se não o sou, filho da má sorte, mas denominado, não obstante, teu filho.

20 Nós todos, ó pai, por amor destas tuas filhas e por tua própria vida te conjuramos e pedimos que aplaques tua cólera inexorável contra mim, agora que me levanto, para me vingar de meu irmão, que me baniu e despojou da pátria. Pois que, se algum
25 crédito merecem os oráculos, aqueles, segundo declararam, aos quais tu te associares, terão a vitória. Por isso, pelas fontes e pelos deuses Penates cede a meus rogos e depõe a tua cólera! Nós somos

---

6. A lança era o distintivo dos Sete Chefes.

13. Além deste Partenopeu, filho de Meleagro, há um outro, filho de Talau, com o qual, muitas vezes, se confunde aquele. Neste nome entra a palavra grega que significa *virgem*.

mendigos e forasteiros, como tu próprio; levamos a vida, tu e eu, a lisonjear os outros, participando do mesmo destino, ao passo que aquele (infeliz de
5 mim!) é rei na pátria e se pavoneia e ri de nós ambos.

Contudo, se anuíres ao meu desejo, destroçá-lo-ei em breve, sem grande dificuldade. Então reconduzir-te-ei para o teu régio palácio e eu estabelecer-
10 -me-ei também aí, depois de expulsar o usurpador. Destes feitos poderei gloriar-me, se tu quiseres; sem ti estou perdido.

Coro. A este homem, Édipo, em atenção a quem o enviou, diz-lhe o que julgares conveniente e
15 despede-o, depois.

Édipo. Por certo, ó varões, ele jamais escutaria a minha voz, se Teseu, o senhor desta terra, não mo enviasse aqui, julgando-o digno de ouvir as palavras que eu lhe disser. Mas, tendo-lhe sido dado esta honra, eu reenviá-lo-ei, depois de ouvir tais
20 coisas que nunca lhe farão a vida alegre.

Ó malvado, quando eras senhor do ceptro e do trono, que pertencem agora, em Tebas, a teu irmão, desterraste a teu próprio pai, obrigando-o a cobrir-se
25 de tais vestes, cuja vista te faz presentemente chorar, agora que te encontras nos mesmos trabalhos que eu. Mas nada me aproveitam tuas lágrimas; o que me importa é suportar a desgraça, lembrado, enquanto viver, de que foste o meu assassino. Sim;
30 foste tu quem me lançou nestes trabalhos; tu quem me expulsou da pátria; por tua causa ando errante, a mendigar o sustento quotidiano.

Se não tivesse estas filhas, que velam sobre mim, com certeza já não viveria, só por tua culpa; mas elas defendem-me, alimentam-me e participam de

meus trabalhos com ânimo varonil, impróprio de mulheres. Quanto a vós, não sois meus filhos, sois filhos de outrem.

A divindade não te olha ainda com os olhos,
5 com que, em breve, te olhará, se esses exércitos se lançarem contra Tebas: na verdade, nunca destruirás aquela cidade, antes cairás primeiro, banhado no teu próprio sangue, tu e igualmente teu irmão.

10 Tais maldições já as pronunciei antes contra vós e invoco-as agora em meu auxílio, para que aprendais a reverenciar os vossos progenitores e não reputeis coisa indigna ser filhos dum homem cego, sendo vós tais filhos. Estas nunca procederam como vós;
15 por isso, o teu assento e o teu trono ocupá-lo-ão aquelas, se é que a *Dike*, revelada, desde o princípio pelos oráculos, se assenta com as antigas leis ao lado de Zeus.

Tu vai-te, maldito, de quem não sou pai! Recebe,
20 malvado dos malvados, estas maldições que eu impreco contra ti: nunca possas conquistar com a lança a terra pátria, nem regressar jamais às planícies de Argos, antes morras às mãos de teu irmão e mates aquele por quem foste banido! E, pro-
25 nunciando estas maldições, eu invoco também a

---

10. Após a recepção da mensagem de Ismena (vid. pág. 91).

12-14. O texto não é claro. Schneidewin interpreta: *não penseis que é lícito tratar ìmpiamente um cego pai.*

15. Junto do altar de Posidão (vid. pág. 121, 5-10).

16. Referência às maldições personificadas ou Erínias. Estas eram deusas da vingança, que perseguiam o criminoso ou uma família, por causa de seus crimes.

paterna e horrível escuridão do Tártaro, para que
te arrebate daqui; invoco estas deusas juntamente
com Ares, o qual vos insuflou esse ódio figadal.
Ouviste as minhas maldições. Agora parte e
5 anuncia a todos os descendentes de Cadmo, bem
como aos teus fiéis aliados, que tais são as dádivas
que Édipo legou a seus filhos.

Coro. Polinices, eu não te felicito por tua vinda
aqui. Agora retira-te o mais depressa possível!

10 *Polinices*. Ai de mim!... Ai, infeliz viagem, que
me saiu frustrada!... Ai dos meus aliados!... Para
que foi que nós partimos de Argos? Foi para um
fim tal (desgraçado que eu sou!), que não posso
anunciá-lo a nenhum dos companheiros nem fazê-
15 -los voltar para trás; mas, em silêncio, devo ir ao
encontro do meu destino!

Ó filhas e irmãs deste homem, depois de ouvir-
des as cruéis maldições do pai, não me desprezeis,
pelos deuses, se essas maldições se cumprirem e vós
20 regressardes a casa; mas sepultai-me, prestando-me
as devidas honras fúnebres! E ao louvor que mere-
ceis agora, cuidando deste ancião, ajuntareis um
outro não menor, pelo serviço que me prestardes.

Antígona. Polinices, eu rogo-te que cedas a meu
25 conselho!

Polinices. Caríssima Antígona, qual é ele? Fala!

Antígona. Faz voltar, o mais depressa possível,

---

1. Os críticos não concordam quanto à interpretação deste epíteto. H. Schütz interpreta-o como *herdada do pai (op. cit.*, pág. 180) e Brunck-Bothe, *Tartari cognatum*.

3. Ares, o Marte dos Romanos, era invocado como o autor de todos os males.

o exército para Argos; e não te deites a perder a ti próprio, nem a cidade na ruína!

Polinices. Impossível! Como poderia eu comandar de novo este mesmo exército, tendo-me portado
5 uma vez como um poltrão?

Antígona. Moço, porque renovas o teu furor? Que proveito te advém da destruição da pátria cidade?

Polinices. É uma vergonha fugir. Sendo eu o
10 irmão mais velho, devia tornar-me alvo de irrisão para o mais novo?

Antígona. Vês como o vaticínio deste velho se vai cumprindo, o qual vos anuncia a morte, um às mãos do outro?

15 *Polinices.* Vaticina isso; mas não podemos recuar.

Antígona. Pobre de mim! Quem ousará seguir-te, depois de ouvir as maldições que teu pai proferiu?

Polinices. Não anunciarei coisas adversas; pois é próprio dum bom general dar a conhecer as notí-
20 cias boas e não as más.

Antígona. É esta, ó moço, a tua resolução?

Polinices. Não me detenhas! Este é o caminho que seguirei, apesar de meu pai e suas maldições o terem feito desgraçado e funesto.

3-5. Ou: *Como poderia fazer recuar este mesmo exército, assim, sem mais nem menos* (ou talvez *assim de repente*), *como um poltrão?*

6. Esta expressão não parece a H. Schütz suficientemente motivada; por isso, aventa a hipótese duma troca de versos, isto é, dos correspondentes a *Impossível!...* e a *É uma vergonha...* (*op. cit.*, pág. 180).

15. Outros vertem: *Isso quer ele.* Ambas as traduções são admissíveis.

23. O texto diz: *suas Erínias.*

Zeus vos faça felizes, se depois de eu expirar, cumprirdes o meu desejo, pois que na vida nada me podeis fazer!

Deixai-me partir! Adeus! Vivo não me tornareis
5 a ver jamais.

Antígona. Ai!... Infeliz de mim!

Polinices. Não me lamentes!

Antígona. Quem te não choraria, irmão, lançando-te tu no abismo hiante do Hades?

10 *Polinices.* Morrerei, se for necessário.

Antígona. Não! Segue o meu conselho!

Polinices. Não me aconselhes a fazer o que não devo!

Antígona. Sou uma desventurada, se te perco!

15 *Polinices.* O que há-de suceder repousa no seio da divindade. Quanto a vós, rogo aos deuses que nunca vos sobrevenha desgraça alguma, pois não mereceis ser infelizes. *(Sai)*.

Coro. Desabam sobre nós novas e horríveis des-
20 graças da parte do cego forasteiro, caso o destino não venha ao encontro delas. Pois não posso afirmar que algum decreto dos deuses seja baldado. O tempo vela, vela sobre eles; e ora dissipa uns males, ora acrescenta outros, no dia seguinte.

20-21. Isto é: caso os deuses não nos livrem delas, fazendo-nos participantes da bênção inerente ao túmulo de Édipo. Todavia o texto pode também interpretar-se assim: *caso a morte não o atinja* (a Édipo).

23-24. Tradução hipotética. O texto presta-se a interpretações várias, além de ser de reconstituição muito controvertida. Donner traduz: *welche (die Zeit) für den einen Tag das Leid, morgen wieder Glück heisst erblühen.* Por sua vez, *Bellotti* verte assim: *ed oggi a fin promuove l'un d'essi, e l'altro ad altro di ritarda...*

Oh, Zeus! Ouviu-se um ribombo no céu!

Édipo. Ai, filhas, filhas! Não está aqui alguém da terra, que me vá chamar Teseu, o mais honrado dos homens?

5 *Antígona.* Qual o motivo, pai, por que o mandas chamar?

Édipo. Este trovão alado de Zeus levar-me-á, em breve, para o Hades. Chamai-mo o mais depressa possível!

10 *Coro.* Eis que o trovão, enviado por Zeus, ribomba com medonho, incrível fragor; e o medo eriçou-me os cabelos e faz-me palpitar o coração.

O raio fuzila de novo nos céus. Deste fuzilar qual será o fim?

15 Eu estou transido de medo; pois nunca isto sucede em vão e sem causar alguma desgraça.

Oh, claridade deslumbrante!... Oh, Zeus!...

Édipo. Chegou, filhas, o termo da minha vida, determinado por um deus, ao qual não é possível

20 escapar.

Antígona. Como o sabes tu? Que motivos te levam a essa conclusão?

Édipo. Sei-o perfeitamente. Vá, pois, um mensageiro e conduza-me o senhor do país, o mais de-

25 pressa possível!

Coro. Ai!... Ai!... Eis que ruge em volta de novo o penetrante fragor do trovão!...

Sê-me propício, ó deus! Sê-me propício, se à terra-mãe negra desgraça está iminente!...

30 Oxalá eu encontre graça em teus olhos e não me traga castigo a vista deste homem infame!...

---

30 Traduzi, segundo a correcção de Cobet (*Nov. lect.*, pág. 200).

Rei Zeus, a ti ergo o meu clamor!...

Édipo. Aproxima-se já Teseu? Encontrar-me-á, filhas, ainda vivo e senhor de mim?

Antígona. Que confidência desejas tu comunicar-
5 -lhe?

Édipo. Pelos benefícios que me prestou queria dar-lhe, dum modo efectivo, as graças que, ao vir para aqui, lhe prometi.

Coro. Ouve, filho, ouve! Vem cá! [...] Ainda
10 que te encontres no alto, na planura, sacrificando bois ao deus do mar, a Posidão, acorre aqui!

Este forasteiro deseja apresentar-te o seu justo reconhecimento, bem como à cidade e aos amigos pelos benefícios que recebeu.

15 Ó rei, não te demores!...

TESEU, ÉDIPO, ANTÍGONA, ISMENA E CORO

Teseu. Que clamor é esse que outra vez ergueis, em que as vossas vozes e a do estrangeiro se distinguem claramente?

Caiu sobre vós um raio de Zeus ou alguma inun-
20 dação de chuva e de granizo? Pois tudo é a esperar, quando o deus envia uma tão violenta tempestade.

Édipo. Tu vieste, ó rei, conforme os meus dese-

9-10. O texto, além de incompleto, é de muito duvidosa autenticidade e não isento de incorrecções. Segundo H. Schütz, o vocativo *filho* deve ser substituído por *ó rei;* e, em vez de *ainda que te encontres...* ou *se te encontras,* deve ler-se: *tu, que te encontras...,* pois o Coro não podia ignorar onde Teseu se encontrava (vid. *op. cit.,* pág. 184 e seg.).

jos; e algum deus te deu a feliz sorte de ter feito bem esta viagem.

Teseu. Filho de Laio, que sucedeu de novo?

Édipo. Minha vida está no fim; e não quero 5 morrer mentiroso, faltando à promessa que a ti te fiz e a esta cidade.

Teseu. E qual é a prova da tua morte próxima?

Édipo. Os próprios deuses são os arautos que ma anunciam, cujos sinais nunca enganam.

10 *Teseu.* Que sinais são esses, ó velho, que julgas revelarem-te a sua vontade?

Édipo. Os trovões ininterruptos e os raios fulgurantes, lançados de contínuo por invisível mão.

Teseu. Eu acredito em ti; pois vejo que fazes 15 muitos vaticínios e não te enganas. Portanto, diz-me o que se deve fazer!

Édipo. Vou expor-te, filho de Egeu, o que para a tua cidade permanecerá em perpétuo vigor.

Sem que ninguém me conduza, eu próprio te 20 guiarei imediatamente ao sítio, onde devo morrer. Mas tu não o descubras jamais a nenhum homem onde se esconde, nem a região, em que está situado o meu túmulo, a fim de que, melhor do que muitos escudos e lanças, te defenda sempre contra os 25 vizinhos.

Aquilo que a nenhuma língua é lícito pronunciar conhecerás tu, quando lá chegares só comigo. Aos cidadãos aqui presentes não o posso revelar, nem a minhas filhas, apesar do amor que lhes tenho. 30 Tu guarda-o sempre em segredo; e, quando atingires o termo de tua existência, manifesta-o apenas ao mais avançado em idade; e este revele-o sempre

---

32. Isto é, ao teu sucessor.

ao seu sucessor. Assim poderás habitar em paz esta cidade, que não será incomodada pelos varões nascidos da sementeira.

As cidades loucas, apesar de serem bem adminis-
5 tradas, fàcilmente se dão a excessos; mas os deuses, ainda que tarde, conhecem bem, quando o homem, desprezando o que é sagrado, se entrega a loucuras. Não queiras, filho de Egeu, experimentar isso! Tais advertências são feitas a quem já as sabe.

10 E agora, sem mais delongas, caminhemos para o lugar, aonde o sinal da divindade me força a ir.

Vós segui-me, filhas! A vossos olhos pareço um novo guia, tal como fostes a vosso pai. Segui-me e não me toqueis; mas deixai-me a mim próprio en-
15 contrar o túmulo sagrado, onde é meu destino que seja sepulto, nesta região. Caminhai, pois, para lá, para onde Hermes me guia e a deusa subterrânea.

Ó luz escura, que um dia brilhavas a meus olhos! Neste momento roças o meu corpo, pela última vez,
20 porque já vou esconder no Hades minha vida, que chegou a seu termo!

Agora, ó meu caríssimo hóspede, tu, esta terra e teus subalternos sede felizes! Após a minha morte,

---

2-3. Diz a lenda que Cadmo matara o dragão que guardava a fonte Dirca, a oeste de Tebas. E, tendo semeado os seus dentes, deles nasceram os Espartas (do vocábulo grego que significa *semeados)*, os quais são considerados os antecessores dos Tebanos.

4. Segui a lição de Fröhlich e Schneidewin. A lição corrente diz: *Inumeráveis cidades.*

18. Hermes ou Mercúrio era, segundo a mitologia, o condutor das almas dos mortos para os Infernos. A *deusa subterrânea* é Perséfona ou Prosérpina, esposa do Hades e rainha do reino das sombras.

lembrai-vos de mim em vossa felicidade, numa felicidade perpétua! *(Teseu e Édipo com as filhas saem)*.

5 *Coro*. Se me é permitido venerar com minhas preces a deusa das sombras e a ti, ó Aidoneu, rei da região das trevas, suplico que, após uma morte serena e sem dores, o hóspede desça para o vale sombrio dos mortos, que tudo envolve, e para a estígia habitação!

10 Pelas muitas desgraças que sem culpa lhe sobrevieram, eleve-o de novo a divindade justa!

15 Ó deusas infernais! Ó invencível besta, de quem diz a fama que estás deitada às portas hospitaleiras, como guarda indomável do Hades, e que sempre rosnas de teus antros! Ó filha da Terra e do Tártaro, eu suplico-te que o caminho seja livre de obstáculos ao estrangeiro que vai para a subterrânea região dos mortos! A ti invoco, a ti, que prostras no eterno sono!...

UM MENSAGEIRO E CORO

20 *Mensageiro*. Varões, eu posso dizer-vos com uma única palavra que Édipo já não existe; mas as coisas

---

5. Perséfona.

5-6. É o mesmo que Plutão, deus dos Infernos.

10-11. *Recompensar-lhe-á a vida trabalhosa com uma morte tranquila*, explica Schneidewin. Por seu lado, Brunck-Bothe traduz: *aequum sit, ut vicissim fortuna benigne illum respiciat*.

12-15. Refere-se a Cérbero, o cão policéfalo, que, segundo a fábula, guarda a entrada dos Infernos.

15-16. Esta é *Thánatos* ou a Morte.

16-17. Este passo é assim interpretado: *que Cérbero dê passagem livre...*

que então se passaram não é possível ao discurso descrevê-las resumidamente; não o permite a magnitude dos factos aí sucedidos.

Coro. Morreu o infeliz?

5 *Mensageiro.* Fica sabendo que deixou para sempre esta vida.

Coro. Como sucedeu isso? Morreu o desgraçado por uma intervenção divina e sem sofrimentos?

Mensageiro. O facto é, na verdade, digno de 10 admiração. Tu, que foste testemunha ocular, sabes bem como partiu daqui: sem que nenhum dos amigos lhe servisse de guia, mas ele próprio guiando--nos a nós todos.

Ora, quando chegou à soleira abrupta, firmada, 15 debaixo da terra, em degraus de bronze, parou aí, num dos muitos ramificados caminhos, perto da profunda cratera, onde Teseu e Piritou juraram um ao outro fidelidade eterna. No meio, entre esta e a pedra Torícia e entre uma pereira oca e um sepul-20 cro lítico assentou-se, despindo, em seguida, seus andrajos em extremo sujos. Depois dirigiu-se às filhas e ordenou-lhes que da fonte corrente trouxessem água para se lavar e para uma libação, as

---

14-15. Outros traduzem: *em alicerces de bronze.* — Quanto à *soleira abrupta,* esta é a mesma que a *énea soleira* da pág. 76, 3-4, cuja extremidade era visível na cena, da qual esta era um prolongamento.

17. Teseu e Piritou tinham feito pacto de mútuo auxílio, antes da sua descida ao Inferno com o fim de arrebatarem Prosérpina; ficaram, porém, presos lá.

19. Não há notícias desta pedra; e ignora-se se tem alguma relação com a localidade da Ática de nome *Thoricus.*

quais, indo para a colina da verdejante Deméter, que estava à vista, cumpriram o mandado do pai sem demora: forneceram-lhe o banho, além de vestidos, como é costume.

5 Satisfeitos todos os seus desejos e executadas as ordens que tinha dado, fez-se ouvir, então, o trovejar de Zeus no interior da terra. As donzelas assustaram-se, ao ouvi-lo; e, caindo aos pés do pai, choravam e feriam sem cessar os peitos, ao mesmo 10 tempo que soltavam prolongados gritos.

Apenas ouviu suas cortantes vozes, Édipo cingiu-as com os braços e disse-lhes: — *Ó filhas, desde este dia, já não tendes pai! Em mim tudo está morto; e, no futuro, não tereis a moléstia de* 15 *cuidar da minha subsistência — tarefa dura, bem sei, mas uma única palavra recompensa todos esses trabalhos, a saber: não existe ninguém que vos tenha mais amor do que vosso pai, sem o qual deveis passar o resto da vida.*

20 Ao ouvirem tais palavras, todos desataram em soluços e a chorar, abraçados uns aos outros. Depois, porém, que terminaram as lamentações e não se ouviam os gritos, de súbito, no silêncio, percebeu-se uma voz, que atemorizou a todos e lhes fez eriçar 25 os cabelos. Um deus clamava com insistência: *Escuta, ó Édipo, escuta! Porque hesitar partir? A tua demora é já demasiado longa.*

Então, conhecendo que era chamado pelo nome, rogou a Teseu, rei do país, que se aproximasse dele, 30 ao qual disse, quando chegou à sua beira: *Ó meu*

---

7. Trata-se do Zeus infernal ou Plutão, que, segundo a mitologia, dominava no mundo inferior.

caro Teseu, dá, em atenção a mim, a minhas filhas o prístino penhor da tua dextra (vós, filhas, dai-o também a ele!) e promete nunca as abandonar de livre vontade, mas fazer por elas sempre tudo
5 *quanto a tua benevolência julgar útil!* O rei, sem um lamento, como varão nobre que era, jurou ao estrangeiro que assim faria.

Imediatamente, após esta promessa solene, Édipo exclama, abraçando as filhas com seus débeis bra-
10 ços: — *Minhas filhas, é necessário suportar com ânimo valoroso a partida deste lugar, renunciando a ver o que não é permitido e a ouvir as nossas palavras. Afastai-vos, pois, sem demora e fique só aqui o rei Teseu, para assistir ao caso!*

15 A esta ordem, nós obedecemos todos e retirámo--nos com as donzelas, a carpir, num dilúvio de lágrimas. Depois, porém, de termos partido, voltámo-nos, passado pouco tempo, e não vimos Édipo em nenhuma parte, mas apenas o rei com a mão
20 diante da fronte, a proteger os olhos, como se alguma visão horrenda, insuportável à vista, lhe aparecesse. Em seguida, após breves momentos, avistámo-lo de joelhos a adorar a terra e, ao mesmo tempo, a olímpica habitação dos deuses, enquanto
25 murmurava uma prece.

Quanto à morte de que Édipo foi vítima, nenhum mortal o poderá dizer, a não ser Teseu. Ele não morreu fulminado pelo raio ígneo de Zeus, nem o

---

2. Pode também traduzir-se: *fiel* ou *permanente*.

25. É apenas uma conjectura, baseada na atitude e gestos de Teseu, pois à distância, em que o Mensageiro estava, não podia perceber o movimento dos lábios ou ouvir as palavras, que ele porventura dissesse.

fez perecer a tempestade, que, durante esse tempo, do mar surgiu; mas arrebatou-o algum enviado dos deuses ou, abrindo-se, benévolo, o seio escuro da terra, foi acolhido no Hades. Porquanto desapare-
5 ceu sem um gemido e sem dores originadas por alguma doença, mas dum modo maravilhoso, como nenhum dos mortais.

Se alguns julgam que digo coisas sem sentido, não quero desperdiçar palavras com esses tais, a fim de
10 os convencer do contrário.

Coro. Onde estão as donzelas e os amigos que as acompanharam?

Mensageiro. Elas não estão longe; porque ouvem-se bem os lamentos que indicam a sua chegada
15 aqui.

ANTÍGONA, ISMENA E CORO

Antígona. Ai de nós!... Não nos resta, infelizes, não nos resta agora mais do que chorar o sangue funesto herdado do pai, por quem sofremos antes muitos e contínuos trabalhos! Por fim, deveremos
20 ainda contar os misteriosos sucessos observados e sentidos por nós!

Coro. Quais?

Antígona. Podeis suspeitar, amigos.

9-10. Ou talvez: *...não consentirei que me considerem louco.* O texto não é claro e os intérpretes discordam.

19-21. Segui a interpretação de Schneidewin. Compare-se, por exemplo, com a de M. Benlowe: *nous avons assisté à un événement que nous sera encore plus funeste que ne l'ont été pour nous nos maux antérieurs.*

Coro. Morreu?

Antígona. Como tu morrerias, se te fosse dado morrer, segundo os teus desejos. Pois nem Ares, nem o mar se apoderaram dele; mas arrebatou-o uma morte misteriosa para as sombrias plagas.

Desditosa!... Noite funesta baixou sobre nossos olhos!...

Ai!... Como poderemos adquirir, errantes em terra estranha ou sobre o tumulto do mar, o trabalhoso sustento da vida?

Ismena. Não sei.

Oxalá (mísera de mim!) o Hades ávido de sangue me associasse na morte a meu velho pai!... A vida, no futuro, é-me insuportável.

Coro. Ó dilectíssimas donzelas! Não vos cause tão grande aflição o bom augúrio enviado por um deus! A nossa vinda aqui não é tal, que mereça lamentos.

Antígona. Eu sentia prazer até na desdita. E o que não era jucundo era-me jucundo, então, quando o cingia em meus braços.

Ó meu pai, a quem, sob a terra, noite perpétua envolve! Ó meu querido, jamais o meu amor e o de Ismena se hão-de esquecer de ti!...

Coro. Alcançou ele?...

Antígona. Alcançou o que queria.

Coro. Que foi?

Antígona. Acabou os dias em terra estranha, se-

---

17. Pode traduzir-se também: *Em vossa vinda aqui nada há a censurar*, como se ela fosse causa de desgraça para vós.

gundo os seus desejos; repousa sob a terra, na perpétua sombra e não deixou de ser carpido.
Sim, ó pai! Estes meus olhos choram por ti e não sei como é que eu, desditosa, devo vencer tão
5 grande dor!
Ai! Quem dera que não desejasses morrer em terra estrangeira!... Mas agora sobreveio-te aqui a morte; e para aí ficas abandonado de mim!...
Ismena. Ai, desgraçada! Que sorte me espera,
10 assim ao abandono e sem meios de vida? Que sorte nos espera, ó minha querida, em nossa orfandade?
Coro. Pois que vosso pai terminou a vida dum modo tão feliz, cessai, ó caras donzelas, cessai de chorar! Ninguém é inacessível aos males.
15 *Antígona.* Cara irmã, voltemos depressa atrás!
Ismena. Que fazer?
Antígona. Tenho um desejo ardente...
Ismena. De quê?
Antígona. De ver a mansão subterrânea...
20 *Ismena.* De quem?
Antígona. De nosso pai. Oh, infeliz de mim!...
Ismena. Como pode isso ser? Não vês que não é permitido?
Antígona. Porque te opões?
25 *Ismena.* É que também...
Antígona. Que tens tu a dizer ainda?
Ismena. Não teve sepultura na morte e morreu segregado de toda a gente.

6-8. Antígona lamenta que o pai tivesse morrido fora da terra pátria, pois, neste caso, não lhe pode prestar as honras fúnebres devidas aos mortos.

Antígona. Leva-me para lá e mata-me depois!
Ismena. Oh, cúmulo de infelicidade!... Onde irei eu viver minha desditosa vida, assim sòzinha e sem amparo?
5 *Coro.* Caríssimas, não tenhais medo!
Antígona. Para onde devo fugir?
Coro. Já escapastes, há muito.
Antígona. De quê?
Coro. Do perigo de que a desgraça vos sobre-
10 viesse.
Antígona. Eu penso...
Coro. Que revolves ainda no espírito?
Antígona. Não sei como poderemos regressar à pátria.
15 *Coro.* Não te dê isso cuidado!
Antígona. A dor oprime-nos!
Coro. Já antes éreis assoberbadas por ela.
Antígona. Mas, se nesse tempo a nossa situação era crítica, agora é-o além de toda a medida.
20 *Coro.* Soçobrais, portanto, num pélago imenso...
Antígona. [Sim, não há dúvida.
Coro. Concordo também com isso.]
Antígona. Ai, ai!... Ó Zeus, para onde iremos nós? Atrás de que esperança devo seguir agora?

---

1. Crê-se que há aqui uma lacuna, que, segundo Hermann, deve ser preenchida, pouco mais ou menos, assim: ISM. — *Ai!...* ANT. — *Quero fazer-lhe companhia.*
21-22. Dindorf não considera autênticas as palavras incluídas entre colchetes.
24. Segundo o texto de Schneidewin: *em que devemos esperar?*

TESEU, ANTÍGONA, ISMENA E CORO

Teseu. Não choreis, meninas! Não se deve chorar por aqueles, aos quais o reino das sombras foi dado como uma recompensa: isso seria um crime.

Antígona. Ó filho de Egeu, nós prostramo-nos
5 diante de ti!

Teseu. Que graça desejais de mim, filhas?

Antígona. Nós queremos ver com os próprios olhos o túmulo de nosso pai.

Teseu. Não é permitido ir lá.

10 *Antígona*. Ó rei, senhor de Atenas, que dizes tu?!...

Teseu. Minhas filhas, ele ordenou-me que não permitisse aproximar-se algum mortal desses lugares e que, perto do túmulo sacro, que ele ocupa, não deixasse alguém levantar a voz.
15 Revelou-me, além disso, que, no caso de assim proceder, veria sempre o país na prosperidade. E a minha promessa foi ouvida pelo nosso deus e pelo servo de Zeus, o Horco, que percebe tudo.

Antígona. Se esse foi o desejo do pai, nós con-
20 formamo-nos com ele. Envia-nos, porém, para Tebas ogígia, a ver se nos é possível impedir a morte de nossos irmãos.

2-3. Na incerteza do texto primitivo, traduzi segundo a conjectura de Martin. Outros traduzem:...*cuja morte foi um benefício comum*.

14. Era costume junto dos túmulos recitarem-se orações e invocar os manes dos mortos.

18. O Horco, ou o Juramento, aparece aqui personificado como servo de Zeus *Horkios*, vingador do perjúrio.

20-21. Segundo a lenda, Ógiges foi o pai de Cadmo e fundador de Tebas (na Beócia), recebendo, por isso, os Tebanos o nome de *Ogígidas* e Tebas o apelido de *ogígia*.

Teseu. Outorgar-vos-ei não só isso, mas tudo quanto vos for útil a vós e grato ao que foi recentemente para debaixo da terra, não me poupando nisto a trabalhos.

5 *Coro*. Não choreis, pois, nem vos deis, por mais tempo, a lamentações! O que sucedeu foi determinado duma maneira irrevogável.

6-7. Donner interpreta: *Dies Wort ist heilig und wahrhaft!* — *...tout est accompli* traduz Bellaguet.

ANTÍGONA

ARGUMENTO DA ANTÍGONA

Morto Polinices em combate singular com o irmão, o seu cadáver ficou insepulto; e Creonte proibiu, sob pena de morte, que alguém o enterrasse. Mas Antígona, irmã dele, tenta sepultá-lo; e, de facto, erige-lhe um túmulo, às escondidas dos guardas, que são ameaçados de morte por Creonte, caso não descubram o autor deste crime. Depois de removerem a terra, que cubria o morto, os vigias puseram-se de atalaia. Veio em seguida Antígona; e as lamentações que deixou ouvir, ao notar o cadáver descoberto, deram testemunho contra ela. Como os guardas a entregassem a Creonte, este condena-a a ser encerrada viva num sepulcro. Hemão, filho de Creonte e noivo de Antígona, indignado com isto, mata-se a si próprio, segundo a predição de Tirésias, junto do cadáver da donzela. Depois, de aflição, Eurídice, mulher de Creonte, suicida-se também; e, por fim, Creonte lamenta a morte do filho e da esposa.

(Versão dum texto grego anónimo).

PERSONAGENS DA TRAGÉDIA

Antígona
Ismena
Coro de velhos Tebanos
Creonte
Um guarda
Hemão
Tirésias
Um mensageiro
Eurídice
Segundo mensageiro

A cena decorre diante do palácio de Creonte, em Tebas.

ANTÍGONA, ISMENA

Antígona. Ó caríssima Ismena, minha irmã! Conheces alguma calamidade, entre aquelas de que Édipo foi causa, que Zeus não venha a infligir-nos a nós, que vivemos ainda? Tudo quanto é doloroso
5 ou funesto, quanto é desonroso ou infame, tudo isso vi entre as tuas e as minhas desventuras.

E que proclamação é essa agora que o governante, segundo dizem, mandou anunciar a todo o povo da cidade? Sabes alguma coisa? Ouviste falar
10 disso? Ou ignoras que os males dos inimigos ameaçam os que nos são caros?

Ismena. A mim, Antígona, não me chegou nenhuma notícia, nem boa nem má, acerca de pessoas queridas, depois que fomos privados dos nossos dois
15 irmãos, mortos no mesmo dia um pela mão do outro. Após a retirada do exército argivo, na última noite, nada mais chegou ao meu conhecimento; e não sei se sou mais feliz ou mais infeliz.

Antígona. Eu sabia isso bem; por essa razão con-
20 duzi-te para fora do palácio, a fim de que só tu me ouvisses.

---

4. Após a morte de Etéocles e Polinices, Antígona e Ismena são os únicos descendentes de Édipo que ainda vivem.

10. Deve entender-se em sentido passivo: aos Argivos e seus aliados, mortos na guerra, é negada a sepultura e com eles a Polinices.

Ismena. Que há de novo? Parece que um pensamento te perturba o espírito.

Antígona. Não honrou Creonte com um túmulo a um dos nossos irmãos, ao passo que recusou essa
5 honra ao outro? Ele mandou enterrar, como é uso, a Etéocles, a quem os manes prestam homenagem, no reino dos mortos. Quanto ao cadáver miserando de Polinices, dizem que proibiu aos cidadãos por meio do arauto dar-lhe sepultura ou carpi-lo; mas
10 que ninguém o chore nem enterre, como agradável manjar para as aves de rapina.

Eis, segundo consta, o que o bom Creonte te mandou anunciar a ti e a mim; sim, também a mim, repito. E dizem que ele próprio virá aqui,
15 para anunciar isto claramente aos que o ignoram e fazer-lhes saber que dá importância ao caso; e que, na cidade, foi decretada a morte por lapidação contra quem transgredir as suas ordens.

Tais são as circunstâncias, em que te encontras;
20 e brevemente deverás mostrar se és de ânimo nobre ou se, nascida duma raça ilustre, degeneraste em cobarde.

5-6. Segui a lição de Schneidewin. O texto tradicional, cuja autenticidade e interpretação são muito contestadas, diz: *a Etéocles, como dizem, observando com razão o costume legítimo, mandou enterrar...*; ou: *considerando que estava no direito de proceder conforme os usos, mandou enterrar...*

12. Note-se a ironia, com que Creonte é tratado.

13-14. Antígona acentua *a mim*, como se dissesse: *até a mim, que não respeitarei as suas ordens.* O texto seguido por Brunck-Bothe diz: *dicere enim fastidivit.*

15. Scheindewin lê: *aos que já o sabem*, que interpreta como uma ironia.

Ismena. Sendo esse o caso, que proveito resultaria, ó infeliz, que eu atasse ou desatasse?
Antígona. Vê se queres cooperar comigo e ajudar-me.
5 *Ismena.* Em que empresa? Em que pensas tu?
Antígona. Diz se queres levantar comigo o morto.
Ismena. Não obstante a proibição à gente da cidade, pensas dar-lhe sepultura?
Antígona. Eu cumprirei o meu dever e também
10 o teu, se te recusas a isso.
Ismena. Ó desventurada, apesar da proibição de Creonte?
Antígona. Ele não tem direito a impedir os meus deveres sagrados.
15 *Ismena.* Ai de mim!... Ó minha irmã, pensa como o nosso pai morreu, odiado e infame, depois de ter golpeado com sua própria mão ambos os olhos, em consequência dos crimes que descobriu em si; depois, como a mãe e a esposa (nome duplo
20 duma só pessoa) acabou ignominiosamente a vida, suspensa duma entrançada corda; reflecte, em terceiro lugar, como os nossos dois irmãos, aqueles desgraçados, pereceram, no mesmo dia, de morte

---

2. Rifão tirado da tecelagem, que equivale a dizer: que influência podia ter a minha decisão, para frustrar a ordem dada ou mudar o curso das coisas?

6. Antes do enterro, devia *levantar-se* o cadáver, para ser lavado e vestido.

9-10. Esta é a interpretação de H. Schütz (*op. cit.*, pág. 210). O texto tradicional, a que os antigos, segundo *Didymus*, recusam a autenticidade, reza assim: *Ao meu irmão e ao teu, se por acaso não quiseres; pois nunca serei ré de traição.*

21. Vid. pág. 57, 24.

igual, um às mãos do outro! E agora nós, as únicas que restamos, considera de que vergonhosa morte seremos vítimas, se, desprezando as ordens do tirano, as transgredirmos!

5 Demais, deves pensar ainda que, sendo mulheres, não podemos lutar com os homens; que, além disso, sobre nós dominam os mais fortes: de sorte que somos constrangidas a obedecer não só nisto, mas em coisas ainda mais difíceis. Obedecerei, portanto, 10 à autoridade, visto ser forçada a isso, pedindo, ao mesmo tempo perdão aos que a terra cobre; porquanto é uma loucura tentar empresas que excedem as nossas possibilidades.

Antígona. Não insistirei mais contigo; e ainda que 15 quisesses agora ajudar-me, não me comprazeria com a tua ajuda. Pensa como quiseres, que eu vou sepultar o cadáver. É uma glória para mim dar a vida, cumprindo um tal dever. E, então, ao pé dele, do irmão dilecto, eu jazerei, sua querida irmã, de-20 pois de ter cometido um piedoso crime. Na verdade, devo agradar por mais tempo aos mortos do que aos vivos, pois junto daqueles terei jazida perpétua. Tu, se te parece bem, despreza o que os próprios deuses estimam.

25 *Ismena.* Eu não desprezo isso; sinto-me apenas incapaz de proceder contra a vontade dos cidadãos.

Antígona. Pretextos. Eu vou já erigir um túmulo ao meu irmão caríssimo.

Ismena. Ai de mim! Como eu temo por tua 30 causa, desgraçada!...

---

11. Ou; *aos que estão debaixo da terra,* com referência não só aos manes, mas também, segundo Schneidewin, aos deuses subterrâneos.

Antígona. Não tenhas medo! Preocupa-te com a tua sorte!

Ismena. Não descubras, ao menos, essa empresa a ninguém! Guarda-a em segredo, que eu também
5 não direi nada!

Antígona. Oh, fala à vontade! Ser-me-ás muito mais desagradável ainda, se te calares e não disseres isso a toda a gente.

Ismena. O teu coração escalda em presença do
10 que enregela.

Antígona. Mas agrado (disso estou certa) àqueles, a quem sobretudo me importa agradar.

Ismena. Se puderes; pelo menos, desejas o impossível.

15 *Antígona.* Pois bem! Quando me faltarem as forças, desistirei.

Ismena. Não convém tentar o que não se pode conseguir.

Antígona. Se persistes nessa linguagem, serás
20 odiada por mim e, com razão, também pelo morto. Deixa-me sofrer o tremendo castigo de minha temeridade! Por muito que eu sofra, nunca serei privada duma bela morte.

Ismena. Bom! Visto assim te parecer, parte! Mas
25 sabe que és uma louca, apesar de te impelir um puro amor fraternal. *(Saem em diferentes direcções).*

9-10. Qualquer que seja o sentido, parece tratar-se aqui dum dito proverbial, sobre cuja interpretação discrepam os críticos. Em especial, é digna de nota a de Hermann: *calidum in rebus horrorem incutientibus cor habes;* bem como a de H. Schütz: *du erhitzest dich um einen Todten und bist kühl gegen die Lebende* (Ismena) *(op. cit.,* pág. 211).

CORO

Ó luz do Sol, a mais refulgente que até hoje brilhou sobre a Tebas de sete portas! Tu surgiste, enfim, disco do doirado dia, transcendendo as águas de Dirca; e puseste em fuga com apressado curso e
5 a mais agitada rédea o guerreiro do branco escudo, vindo de Argos com todo o seu aparato bélico.

Este, incitado pelas contendas fraternais de Polinices, como a águia baixa sobre a terra, soltando sons estridentes, lançou-se sobre o nosso país,
10 coberto de níveas asas e com muitas armas e cómodos helmos.

O inimigo, já sobranceiro às casas, escancarou a boca, sitiando com suas mortíferas lanças a cidade de sete portas; mas fugiu, antes que suas fauces se
15 cevassem no nosso sangue e o cimo das torres fosse pasto das chamas de Hefesto.

Deste modo, o fragor de Ares, difícil de suster, rugiu em volta do dorso do dragão, seu adversário.

---

4. Célebre fonte situada a oeste de Tebas.

5-6. Este guerreiro é Adrasto, rei de Argos, que está aqui pelo exército que ele comanda, cujos soldados eram portadores de escudos brancos, segundo o uso de seu país.

11. Alusão aos escudos brancos dos Argivos.

13. Os Argivos já tinham escalado as muralhas, para assaltarem a cidade.

19. Quem é o dragão? Segundo Wolff, são os Argivos, que, comparados antes a uma águia, a metáfora agora transforma em dragão, que envolve a cidade com sua cauda. Esta interpretação é rejeitada por H. Schütz, que, aludindo ao antagonismo, segundo os poetas, entre a águia e a serpente e à lendária origem dos Espartanos dos dentes do dragão, diz que este só podem ser os Tebanos e o seu dorso, as muralhas de Tebas (Vid. *op. cit.*, págs. 214-215).

Zeus odeia em extremo a jactância duma língua soberba; e, ao ver aproximar-se a caudalosa corrente do exército, orgulhoso com o retinir do oiro, feriu-o com um raio, no momento em que se dispunha já
5 a soltar do alto das muralhas o grito de vitória.

E o ignífero, arremessado com violência, recuou, caindo sobre a terra, ele que antes com um furor louco de bacante respirava tempestades de ódio. Sucedeu-lhe, pois, dum modo diferente do que
10 pensava.

Quanto aos outros, o belicoso Ares, de eficaz ajuda, desbaratou-os e deu a cada um a sua sorte.

Os Sete Chefes, pois, postados junto doutras tantas portas, deixaram, em combate de igual contra
15 igual, a Zeus que dá a vitória o tributo de suas éneas armas, à excepção do par inimigo, filho dos mesmos pais, a quem, investindo um contra o outro com vigorosas lanças, coube morte igual.

Mas a gloriosa *Nike* veio, sorridente, para Tebas
20 de inúmeros carros; por isso, dai agora ao esquecimento os presentes trabalhos de guerra; e vamos com danças nocturnas a todos os santuários dos deuses, conduzidos pelo Sacudidor da Terra, por Baco de origem tebana!

25 Eis, porém, que aparece Creonte, filho de Mene-

---

3. Refere-se ao oiro das armas e de seus vestidos.

4-5. Este era Canapeu, o mais orgulhoso dos Sete Capitães, cuja soberba Sófocles toma pela de todo o exército.

6-7. Pode traduzir-se também: *caindo em terra, ricocheteou*. — O poeta designa Canapeu o *ignífero*, aludindo à figura que tinha sobre o escudo (Vid. Ésquilo, *Os Sete contra Tebas*, 411).

ceu, o novo rei deste país, em consequência dos recentes sucessos determinados pelos deuses.

Que desígnio revolve na mente, para convocar, por meio da voz do arauto, esta extraordinária
5 assembleia dos anciãos.

CREONTE, CORO

Creonte. Varões! Os deuses, após os sucessos tempestuosos, com que abalaram a cidade, restabeleceram-na de novo com segurança.

Eu, por meio de meus arautos, convoquei-vos só
10 a vós, dentre todos, pois sei bem que respeitastes, em todo o tempo, o trono e o poder de Laio; e que fizestes o mesmo com relação a Édipo, quando restaurou a cidade; e depois da morte deste, continuastes, de ânimo inabalável, a guardar fidelidade
15 a seus filhos.

Mas, como eles sucumbissem, no mesmo dia, vítimas dum duplo fado, sob os golpes recíprocos de suas criminosas mãos, sou eu o senhor do poder e do trono, como parente mais próximo dos fale-
20 cidos.

Do homem, porém, é impossível conhecer o espírito, a índole e o pensar, antes que ele apareça ocupado com os negócios do governo e com as leis.

A mim parece-me que, hoje e em todo o tempo,
25 é um governante péssimo aquele que, na administração dum Estado, não se regula pelos conselhos

---

21-23. Sófocles pensou, certamente, ao escrever isto, na sentença dum dos Sete Sábios: *O governo revela o homem.*

mais sábios, mas tem a língua presa por um certo
acanhamento; e reputo um zero o que estima mais
o amigo do que a sua própria pátria.
Quanto a mim (seja-me testemunha Zeus, o
5 eterno omnividente), não me calarei, ao ver a des-
graça sobrevir aos cidadãos, em vez da felicidade;
nem admitiria jamais como amigo um homem que
fosse hostil à sua terra, na convicção de que é a
pátria quem nos salva; e, se navegarmos nessa nau
10 em bom estado, granjeamo-nos amigos.
Segundo tais princípios, quero alevantar esta ci-
dade; e, em conformidade com eles, mandei agora,
a respeito dos filhos de Édipo, anunciar aos cida-
dãos a seguinte ordem: Etéocles, que morreu
15 combatendo em pró desta cidade e altamente se
distinguiu nas armas, seja sepultado e prestem-se-
-lhe todas as honras fúnebres, as quais vão para
debaixo da terra, para os heróis defuntos; mas
quanto a seu irmão — refiro-me a Polinices — que,
20 vindo do exílio, quis reduzir completamnte a cinzas
a terra pátria com os seus deuses e pretendeu ce-
var-se no sangue dos cidadãos e fazê-los escravos,
foi anunciado a esta cidade que se lhe recusem as
honras fúnebres e que ninguém lhe preste a home-
25 nagem das lágrimas; não, que o seu cadáver fique
insepulto, como um objecto horrível à vista, para
pasto das aves e dos cães.

9-10. Segundo o pensamento de Creonte, só o Estado está em condições de promover o bem dos particulares; e quem o governar correctamente adquirirá também amigos para si.

17-18. Era crença popular que as ofertas feitas aos mortos baixavam com eles aos Infernos.

Tal é a minha decisão; e jamais honrarei os maus de preferência aos bons. Todo aquele que for benévolo para com esta cidade será honrado por mim na vida e na morte, igualmente.

5 *Coro*. Ó Creonte, filho de Meneceu, essa resolução, a respeito do amigo e do inimigo desta cidade, apraz-me. Tens o direito de executar as leis que se referem não só aos mortos, mas a todos quantos vivemos ainda.

10 *Creonte*. Cuidai de que estas minhas ordens sejam observadas!

Coro. Confia este encargo a um mais novo!

Creonte. Já estão a postos os guardas do cadáver.

15 *Coro*. Que ordenas ainda, além disso?

Creonte. Que não haja condescendência a respeito dos que desobedecerem!

Coro. Não há gente tão louca que deseje a morte.

20 *Creonte*. Esta seria a paga. Mas já, muitas vezes, fez morrer os homens a esperança de lucro.

UM GUARDA, OS MESMOS

Guarda. Senhor, eu não quero afirmar que venho ofegante, por causa da pressa, com que movi o meu pé ágil; porquanto os pensamentos fizeram-me pa-
25 rar, muitas vezes, e voltar no caminho, para retroceder. É que o meu coração me admoestava de contínuo, dizendo: — *Louco! Porque vais tu aonde, apenas chegares, serás castigado?... Páras ainda, desgraçado? E se Creonte souber o ocorrido doutro*
30 *homem? Quanto não terás, então, a sofrer!...*

Tais pensamentos não me deixavam andar depressa; e assim o caminho curto tornou-se longo. Finalmente, venceu a resolução de vir ter contigo; e ainda que nada diga, quero contudo falar.
5 Pois venho na esperança inabalável de que não sofrerei nada mais, além do que for meu destino.

Creonte. Qual o motivo de tanto medo?

Guarda. Primeiro quero falar de mim. Do acto não fui eu o autor; nem vi quem o pra-
10 ticou; por isso, só injustamente é que poderia sofrer castigo.

Creonte. Tu miras cautelosamente ao alvo e cercas-te duma trincheira. Ao que parece, tens uma novidade a anunciar.

15 *Guarda.* Os casos sérios ocasionam grave medo.

Creonte. Não desembucharás por fim, para, em seguida, partires, já desembaraçado do medo?

Guarda. Sim; eu vou dizer. Alguém, que se sumiu logo, deu sepultura ao morto: espalhou sobre o ca-
20 dáver terra seca e cumpriu os ritos costumados.

Creonte. Que dizes? Quem teve uma tal ousadia?

Guarda. Não sei. No lugar não era visível golpe de alvião nem de enxada; a terra, rija e sólida, não mostrava fendas nem vestígios de rodas. Quem quer
25 que fosse o criminoso, não deixou sinais.
Quando a primeira sentinela do dia nos mostrou o ocorrido, sobreveio a todos um doloroso espanto. O cadáver desaparecera, na verdade, sem que o tivessem sepultado, pois cobria-o apenas uma li-

---

22-23. O texto grego significa literalmente: *golpe de machado.*

geira camada de terra que alguém espalhara, como para fugir à maldição.

Como não apareciam vestígios de animal feroz ou de cão, que viesse e o lacerasse, dirigiram uns
5 contra os outros palavras injuriosas; sentinela culpava sentinela; e por pouco não acabou tudo em pancadaria (nem estava aí quem o pudesse impedir), pois cada um de nós era para os outros o autor do crime, sem nenhumas provas. Todos afir-
10 mavam que nada sabiam do caso; e estávamos prontos a pôr as mãos num ferro em brasa, a passar pelo fogo e a jurar até pelos deuses, em prova da nossa inocência e de que não éramos cúmplices de quem concebera ou executara o crime.
15 Finalmente, como as nossas inquirições fossem inúteis, um de nós, tomando a palavra, fez-nos a todos com medo baixar a cabeça para o chão, pois não sabíamos que replicar-lhe, nem qual a resposta que nos poderia tirar de apuros. Ora disse esse tal
20 que o caso devia ser comunicado a ti, sem se te ocultar nada. E, concordando nós, caiu a este desgraçado a sorte de te dar a bela notícia. Por isso,

---

2. *Quem visse um cadáver insepulto e não o cobrisse de terra seria réu de maldição* (Escoliasta). Este dever de piedade menciona já a *Ilíada*, onde a alma de Pátroclo fala deste modo: *Tu dormes, Aquiles, e esqueces-te de mim? Quando vivia, não me descuravas, mas descuras-me, depois de morto. Sepulta-me depressa, para que possa ultrapassar as portas do Hades! As almas, as sombras dos mortos afugentam-me para longe e não permitem que me associe a elas, além da corrente* (XVII, 69 e segs.). E na *Odisseia* a alma de Elpenor, aparecendo a Ulisses, diz-lhe assim: *Não te afastes, deixando o meu corpo por chorar e insepulto, para que não seja causa de que os deuses se indignem contra ti* (XI, 72 e seg.).

mau grado teu, bem o sei, aqui estou, e também contra minha vontade; pois ninguém gosta de ser portador de más novas.

Coro. Eu tenho estado a considerar em meu espí-
5 rito, ó rei, se este facto não sucederia por disposição dos deuses.

Creonte. Cala-te, antes que tuas palavras me excitem a cólera; e não mostres que, além de velho, também és louco! Porquanto dizes coisas insupor-
10 táveis, quando afirmas que os deuses se preocupam com aquele morto. Porventura, em prova de que o tinham em grande estima, deram-lhe sepultura como a um benfeitor, a ele que veio com intenção de incendiar os templos rodeados de colunas e as ofertas
15 piedosas e tendo em vista exterminar a sua terra e os sagrados ritos? Ou já viste, alguma vez, que os deuses honrassem o ímpio? Certamente nunca.

Já há muito que os cidadãos, descontentes comigo, murmuravam e abanavam a cabeça às es-
20 condidas, não conservando, dóceis, como deviam, o pescoço sob o jugo. Foram eles, por certo, quem induziu por salário os criminosos a perpetrarem o crime. Porquanto nada há tão nefasto para os homens como o dinheiro: ele é que subverte as cida-
25 des, faz sair os homens de suas casas, amestra-os na prática de acções vergonhosas, pervertendo-lhes os sentimentos honestos, e lhes ensina a urdir artimanhas e a serem hábeis em toda a obra ímpia.

Mas aqueles que, assalariados, executaram este

20-21. Schneidewin traduz. .. *não conservavam o pescoço sob o jugo, como deviam, de maneira a contentarem-me.*

crime não fizeram mais, por fim, do que atrair sobre si o castigo. Sim, tem a certeza disto, eu to juro: se Zeus ainda é honrado por mim, no caso de não descobrirdes quem enterrou o cadáver e mo pordes
5 diante dos olhos, não vos bastará a morte simples; mas devereis, suspensos vivos, revelar primeiro o autor do crime, para que, aprendendo, onde se há-de procurar o ganho, aí o procureis no futuro e compreendais que nem de tudo se deve pretender lucro.
10 Pois, em consequência de ganhos desonestos, hás-de ver mais homens cair na ruína do que conquistar a felicidade.

Guarda. Permites que eu fale ou devo partir?

Creonte. Ainda não percebeste quanto me mo-
15 lesta a tua linguagem?

Guarda. Morde-te nos ouvidos ou na alma?

Creonte. Quê? Procuras investigar o sítio do meu incómodo?

Guarda. O criminoso molesta o teu coração; eu
20 o ouvido.

Creonte. Ai, que desembuçado matreiro me saíste!

Guarda. Contudo não fui eu quem praticou o crime.

Creonte. E, além disso, vendeste por dinheiro a
25 tua vida.

Guarda. Oh, dor! É coisa triste, quando alguém está decidido a decidir-se por falsidades.

---

6. Era o castigo próprio dos escravos, aplicado já, desde os tempos homéricos (Vid. *Odisseia*, XXII, 175 e segs.).

21. Segundo Kern: *...tagarela...*

26-27. Nauck interpreta: *...aquele que decide, decide-se por falsidades.* De modo semelhante, outros ainda.

Creonte. Joga com as palavras! Se não me revelais os criminosos, ainda haveis de confessar que os lucros desonestos só trazem consigo trabalhos. *(Sai)*.
Guarda. Oxalá aparecesse o criminoso! Mas,
5 quer ele seja apanhado, quer não (a fortuna resolverá o caso), não me verás mais aparecer aqui.
E muitas graças dou aos deuses, por me salvar agora contra a minha expectativa e opinião. *(Sai)*.
Coro. Muitas coisas maravilhosas existem; mas
10 nada é mais maravilhoso que o homem.
Ele navega através do pardacento mar, ao sopro do Noto tempestuoso, abrindo caminho por entre os vagalhões que o circundam; e cultiva a Terra, a deusa suprema, imortal e inexaurível, revolvendo-a
15 todos os anos com o arado e a ajuda da raça cavalar.
As aves alígeras e os animais silvestres e até os peixes do mar caça o homem astuto, servindo-se de redes de corda entrelaçada; com sua astúcia doma o animal bravo, que vive nas serras, e põe
20 o jugo em volta do pescoço do cavalo de crinas e do toiro indómito dos montes.
Ele aprendeu também a usar da palavra e os voos subtis do pensamento, bem como normas de política; e inventou meios para se defender, ao ar
25 livre, dos rigores do frio e dos incómodos da chuva.
Tem expedientes para tudo; e o futuro não o surpreende desprevenido. Só não poderá fugir à morte; mas descobriu remédios até contra as mais graves doenças.

9-21. O texto, de autenticidade muito duvidosa, foi objecto de várias conjecturas, entre as quais segui a lição de Schneidewin.

23-24. ...*civiles mores didicit*, segundo Brunck-Bothe.

Possuindo habilidade para astutas invenções, além do que se poderia esperar, é, umas vezes, arrastado para o mal, outras, para o bem.

Aquele que tem em alto conceito as leis da pátria e o direito dos deuses, santificado por juramento, é para a cidade uma bênção; mas um êxul, por causa da sua audácia, quem se dá ao crime.

Um tal não venha para o meu lar nem comigo entre em conselho! *(Entra Antígona acompanhada pelo Guarda).*

À vista desta aparição enviada pelos deuses, não sei que devo pensar. Como negarei eu, sabendo-o com certeza, que a donzela que está ali é Antígona?

Oh, infeliz filha do infeliz Édipo! Que quer dizer isto? És conduzida aqui, porventura, por desobedeceres às ordens reais e por te surpreenderem em louca ousadia?

GUARDA, ANTÍGONA, CORO. DEPOIS CREONTE

Guarda. Eis aqui a autora do crime! Apanhámo-la a enterrar o morto. — Mas onde está Creonte?

Coro. Em ocasião oportuna, volta de novo do palácio.

Creonte. Que sucedeu? Qual o facto, para que venho a propósito?

4-7. Texto duvidoso. Segundo a lição de Dindorf: *Menosprezando as leis..., o benemérito da cidade é um êxul, por causa da ousadia...*; ou, segundo a interpretação de Brunck-Bothe: *Leges contemnens patriae, vindicesque iurisiurandi patrios deos, princeps, civitate eiicitur, qui pravum, audaciae plenus, sectatur...*

Guarda. Ó rei, os mortais nada devem afirmar sob juramento; porque um novo parecer pode desmentir o primeiro. Assim, eu protestava que não voltaria a pôr aqui os pés, por causa das ameaças,
5 que há pouco lançaste contra mim. Contudo, como nenhum prazer é tão grande como a inesperada alegria, volto aqui, não obstante o juramento feito, com esta donzela encontrada a cuidar da sepultura.
10 Desta vez, não foi lançada a sorte; não, porque a descoberta foi minha, não de outrem.

Agora, ó rei, apodera-te tu próprio dela, como for do teu agrado, e interroga-a e convence-a.

Quanto a mim, é justo que seja despedido,
15 isento de castigo.

Creonte. Porque ma conduzes tu e onde a apanhaste?

Guarda. Ela sepultou o cadáver. E não tenho nada mais a dizer.

20 *Creonte.* Sabes bem o que dizes e é exacta a tua afirmação?

Guarda. Eu vi-a a enterrar o morto, a quem recusaras sepultura.

Não é clara e evidente a minha linguagem?

25 *Creonte.* Como foi ela vista? Como a apanharam em delito?

Guarda. O facto sucedeu assim.

Apenas regressara, estarrecido por aquelas tuas ameaças, limpámos toda a terra, que cobria o
30 cadáver, e pusemo-lo bem a descoberto, apesar de já estar em putrefacção. Depois, assentámo-nos no cimo dum morro, de costas contra o vento, para evitarmos o cheiro que o morto exalava, ao mesmo tempo que um com ditos picantes obrigava o outro

a estar alerta, para que não fosse descurado o serviço.

Durou isto até ao momento, em que o disco brilhante do Sol, estando no meio do céu, queimava
5 como uma brasa. Então, de repente, como procela, levanta-se da terra um tufão, que — assombro do céu — enche toda a planície, contorce as copas da floresta e espalha-se pelo ar imenso. Entretanto, de olhos fechados, nós suportávamos o flagelo que
10 enviara um deus.

Após longo tempo, dissipada a tempestade, vimos esta donzela, que gemia em alta voz, qual ave dolente, quando o ninho encontra privado dos pequeninos: do mesmo modo, ela soltava altos
15 lamentos, ao ver desnudo o cadáver, pronunciando, ao mesmo tempo, maldições terríveis contra os autores do feito. E, acto contínuo, leva terra seca com as mãos; e dum vaso de bem trabalhado cobre derrama, de alto, sobre o morto, uma tríplice
20 libação.

Como víssemos isto, corremos e agarrámo-la logo,

---

1. O Guarda não se exprime com precisão. Como podiam vigiar o cadáver, estando de costas para ele? Schneidewin interpreta assim o caso: *os guardas, que estavam assentados ao abrigo do mau cheiro, incitavam-se uns aos outros, de maneira a impedirem que a sentinela, com o cadáver à vista, deixasse de cumprir seu dever.*

19-20. Segundo a *Odisseia* (XI, 26 e segs.), estas libações eram de vinho, mel e água: *Fiz três libações a todos os mortos: a primeira com mistura de mel, depois com saboroso vinho e a terceira com água...* Aqui Antígona traz a mistura preparada no vaso, de antemão. Era frequente empregar-se também o leite nestas cerimónias. (Cf. pág. 93, 10-15.

a qual nem por isso se assustou. Em seguida, increpámo-la, por causa do que fizera antes e do que executara agora; e ela não negava, pelo que eu sentia prazer e, simultâneamente, dor: prazer, por
5 me libertar de trabalhos, e dor, por meter os amigos em apuros. Tudo isto, porém, considero-o de menos valor do que o meu bem-estar.

Creonte. Tu, que estás aí de cabeça inclinada para o chão, declaras ter feito o crime ou nega-lo?

10 *Antígona*. Afirmo que o pratiquei e não o nego.

Creonte (para o Guarda). Podes ir para onde quiseres. Estás absolvido de toda a culpa.

(Para Antígona). Diz-me em poucas palavras e sem rodeios: conhecias a proibição de enterrar
15 o morto?

Antígona. Conhecia. Porque não? Ela era pública.

Creonte. Tiveste, então, a ousadia de transgredir o meu decreto?

20 *Antígona*. Não me foi intimado por Zeus; nem a *Dike*, que coabita com os deuses subterrâneos, estabeleceu essa lei entre os homens. Tão pouco creio que tuas ordens tenham tanta força, sendo tu um simples mortal, de modo a poderem derro-
25 gar as leis não escritas e inconcussas dos deuses. Porquanto não são apenas de hoje nem de ontem,

---

5-6. Provàvelmente, os guardas tinham prestado serviço antes, em casa de Édipo.

21. Assim como no mundo dos vivos, também no dos mortos é observada a justiça, sobre a qual superintende a *Dike*, juntamente com Zeus; ela vigia sobre a observância das leis eternas e sobre o direito das almas que partem do mundo superior.

mas vigoram sempre e ninguém sabe, quando é que elas apareceram.

Ora, eu não devia expor-me a sofrer castigo dos deuses, por transgredi-las, com medo da petulân-
5 cia dum varão. Que havia de morrer já o sabia; pois, como ignorá-lo? Sabia-o até antes da tua proclamação. Mas, se morrer antes do tempo, considero isso um lucro para mim. Porque para quem, como eu, vive rodeada de aflições, deixaria a morte
10 de ser um ganho? Assim, que ela venha ao meu encontro, não me causa dor alguma; ao contrário, teria pena de ser obrigada a suportar que ficasse insepulto o cadáver do filho de minha mãe. O resto não me aflige.

15 E, se te pareço que procedi loucamente, por ter feito o que fiz, quase posso dizer que sou louca na opinião dum louco.

Coro. No génio da filha manifesta-se o génio pertinaz do pai. Não aprendeu a ceder à desdita.

20 *Creonte.* Fica, porém, ciente que os espíritos mais obstinados também, muitas vezes, se dobram; e o ferro duríssimo, quando temperado pelo fogo, terás tido ocasião de ver que, igualmente, quebra e estala. Sei também que um pequeno freio subjuga
25 os cavalos fogosos.

Não convém ser altivo ao que é súbdito de outros. Apesar disso, esta teve antes a insolência de transgredir as leis proclamadas. E, após este crime, cometeu uma segunda ousadia: gloriou-se e
30 riu-se de o ter cometido.

Eu, certamente, não seria homem; ela, sim, seria um homem, se ficasse impune uma tal petulância. Portanto, seja ela filha de minha irmã ou de outra ainda mais aparentada connosco, entre quantos o

Zeus doméstico protege, não há-de escapar, bem como a sua irmã, à mais ignominiosa das mortes; pois responsabilizo esta de ter aconselhado o enterro.
5 Chamai-a pois! Eu vi-a agora mesmo, lá dentro, fora de si, a delirar. Costuma ser o primeiro a revelar-se como malfeitor o espírito dos que maquinam, nas trevas, algum crime. Mas eu odeio, em especial, quem, surpreendido em delito, procura,
10 depois, envolvê-lo em discursos belos.

Antígona. Depois de me teres prendido, pretendes alguma coisa mais do que dar-me a morte?

Creonte. Não quero mais nada. Conseguindo isto, consigo tudo.

15 *Antígona.* Porque hesitas então? Como os teus discursos não me são agradáveis, nem agradarão jamais; do mesmo modo, não te podem agradar os meus. E, não obstante, como poderia adquirir morte mais honrosa, do que dando sepultura a meu
20 irmão? Todos os presentes diriam que procedera bem, se o medo não lhes travasse a língua. Mas, visto o imperante gozar de todas as regalias, assim é permitido a ele fazer e dizer quanto lhe apraz.

Creonte. Entre os descendentes de Cadmo, só
25 tu pensas desse modo.

---

1. Era o epíteto de Zeus, considerado deus da família e que representa aqui a família toda. A linguagem hiperbólica de Creonte, sob o impulso da paixão, equivale a isto: *ou seja filha de minha mãe ou de minha própria filha...* (G. Kern).

9-10. Refere-se a Antígona, em oposição a Ismena, que no exterior revela a pretensa culpa.

25. Bellotti traduz: ... *tu sola il merto vedi dell' opra tua.*

Antígona. Estes são da mesma opinião; mas venderam-te a sua língua.

Creonte. Não te envergonhas de pensar duma maneira diferente deles?

5 *Antígona.* Não é vergonha nenhuma honrar os consanguíneos.

Creonte. Não era também do teu sangue o que teu irmão matou?

Antígona. Era filho da mesma mãe e do mesmo 10 pai.

Creonte. Porque prestas então uma honra ímpia àquele?

Antígona. O próprio defunto não diria isso.

Creonte. Sim, dando tu ao ímpio uma honra 15 igual.

Antígona. Não era escravo; mas seu irmão, morto em combate.

Creonte. Ao passo que aquele defendia a terra pátria, este devastava-a.

20 *Antígona.* Todavia o Hades exige igualdade de leis.

Creonte. Não deve o bom ser equiparado ao mau.

Antígona. Quem sabe se lá em baixo é legítimo 25 este axioma?

Creonte. Nunca o inimigo se torna amigo, nem mesmo depois da morte.

---

13. A saber: o próprio Etéocles não poderia afirmar que eu com as provas de amor que dou a Polinices lhe faço injúria; nem tão-pouco ele se sentirá ofendido, prestando a este uma honra igual, pois é seu irmão e tem iguais direitos.

20-21. Isto é: as leis no Hades devem ser observadas sempre da mesma forma; são iguais para todos.

Antígona. Eu nasci, não para odiar com eles, mas para amar.

Creonte. Indo lá para baixo, ama-os, já que nasceste para amar! Mas vencer-me uma mulher, isso
5 nunca, enquanto for vivo!

Coro. Eis Ismena, que assoma à porta do palácio a chorar pela irmã lágrimas de amor fraterno! Uma nuvem, sobre a sua fronte, molha-lhe a graciosa face, que a dor desfigura e ruboriza.

ISMENA, OS MESMOS

10 *Creonte.* Tu, que, introduzida secretamente no meu palácio, me sugavas, como víbora (sem saber, alimentei dois monstros, para ruína do meu trono), declara-me: confessas ter tido parte no enterro ou juras não saber nada do caso?

15 *Ismena.* Eu pratiquei também o crime, se minha irmã está de acordo; fui cúmplice e sofro as consequências.

Antígona. Não! A justiça não o permite, pois não quiseste, nem te tive como auxiliar.

20 *Ismena.* Mas, em tua infelicidade, não me envergonho de arrostar contigo a expiação.

1-2. Antígona quer dizer: embora Etéocles e Polinices se continuem a odiar, após a morte, eu não posso deixar de amar não *só* Polinices, mas todos os da família.

7. Brunck-Bothe: *sororis ob desiderium fundens lacrimas.*

8. Cf. *Horácio: deme supercilio nubem (Epist.* I, 18, 94).

16-17. Segundo a lição de Brunck-Bothe: *criminisque, etsi non sum, participem me esse fateor.*

Antígona. De quem foi o crime sabe-o o Hades e os que estão lá em baixo. Eu não amo a amiga que só ama com palavras.

Ismena. Querida irmã, não te dedignes de que
5 morra contigo e, assim, me reconcilie com o morto.

Antígona. Não deves morrer comigo nem reclamar para ti aquilo, em que não puseste as mãos. Basta que morra eu.

Ismena. Sem a tua companhia, que amor hei-de
10 ter à vida?

Antígona. Pergunta-o a Creonte! Tu desvelas-te por ele.

Ismena. Porque me magoas, sem utilidade alguma?

15 *Antígona.* É com pena que te dirijo sarcasmos.

Ismena. Em que poderia ser-te ainda útil, neste momento?

Antígona. Salva-te! Eu gosto que tu escapes.

Ismena. Pobre de mim! Não devo, portanto, par-
20 ticipar da tua sorte?

Antígona. Tu escolheste a vida; eu a morte.

Ismena. Mas não a escolhi, segundo a minha secreta opinião.

Antígona. A ti pareceu-te bem uma coisa, a mim
25 outra.

---

5. Ismena receia que os manes, por causa da sua maneira de proceder, estejam irritados contra ela.

15. Ou: *Eu tenho pena de encontrar em ti causa de riso.*

22-23. Ismena quer dizer: *no meu interior concordava contigo.* Outros traduzem: *Mas não, sem ter-te apresentado as minhas razões.*

24-25. Isto é: a ti pareceu-te bem teu pensamento oculto; a mim, minha acção manifesta.

Ismena. Todavia temos ambas igual culpa.
Antígona. Ânimo! Tu vives; mas a minha vida já se extinguiu, de sorte que só posso ser útil aos mortos.
5 *Creonte.* Destas donzelas, uma parece que enlouqueceu agora; a outra é louca de nascença.
Ismena. Nunca, ó rei, o juízo que o berço dá permanece nos dias de aflição; nunca, mas retira-se de nós.
10 *Creonte.* De ti, com certeza, quando te decidiste a delinquir com os delinquentes.
Ismena. Sem ela, que valor terá para mim a vida?
Creonte. Não fales mais para ela, porque já não
15 existe.
Ismena. Darás a morte à noiva do teu próprio filho?
Creonte. Terras de cultivo também outros as possuem.
20 *Ismena.* Não condizirão assim um com o outro.
Creonte. Detesto más esposas para meus filhos.
Ismena. Ó caríssimo Hemão, como teu pai te vilipendia!

---

1. Ismena considera-se culpada subjectivamente portanto, conclui ela, seu crime é igual ao da irmã.
2-4. Antígona quer dizer: *Desde que Creonte pronunciou a sentença contra mim, já não pertenço a este mundo e nada mais posso fazer do que prestar serviço aos mortos; mas tu vive, tu não podes morrer*
14-15. Segundo a lição de Brunck-Bothe: *At nihilum tu amas.*
22. Segui o texto tradicional contra Bellermann e outros, que atribuem esta fala a Antígona (vid. H. Schütz, *op. cit.*, págs. 225, 226).

Creonte. Eu odeio-te não só a ti, mas também essas núpcias.

Coro. Arrebatá-la-ás a teu próprio filho?

Creonte. O Hades é quem impede estas núpcias.

5 *Coro*. Está resolvido, como parece, que ela morra.

Creonte. Essa é a tua opinião e também a minha. Servos, conduzi-as lá para dentro, sem mais demora! Desde este instante, devem viver como 10 mulheres e não andarem à solta; pois também os animosos fogem, quando percebem que já está próximo o fim da vida. *(Antígona e Ismena são levadas)*.

CREONTE, CORO

Coro. Felizes aqueles, cuja vida decorre isenta 15 de aflições! Porque a quem os deuses abalaram a casa nenhuma calamidade deixa de os atormentar, de geração em geração: do mesmo modo que o mar iracundo, quando o entenebrecem as tempestades malignas da Trácia, revolvendo do fundo a areia 20 escura, açoita com fragor, ao sopro da procela, as arribas com o chicote das vagas.

---

2. O texto diz: *as tuas núpcias*, que um escólio explica: *as núpcias nomeadas por ti*. Brunck-Bothe lêem: *tuusque tinnitus*.

7. G. Kern, que atribui a Ismena a fala precedente, opta pela lição: *Juntamente contigo*. Brunck-Bothe seguem um texto quase semelhante, que traduzem: *Imo etiam tibi periculum est*. Por sua vez um escólio diz: *Também está determinado que tu morras*. Segui a lição de Schneidewin.

As calamidades da casa dos Labdácides, ajuntando-se às calamidades dos que morreram, reconheço que são uma herança; e uma geração não livra delas a outra geração, mas um deus fá-las
5 perecer, sem verem o fim de seus males.
Na casa de Édipo, brilhava agora uma luz sobre as suas últimas vergônteas; mas a foice sangrenta dos deuses da morte também as ceifa a elas; ceifa-as a imprudência no falar e o desvairamento
10 de espírito.
Ó Zeus, nenhum homem em seu orgulho poderá resistir ao teu poder, que o sono que tudo envelhece não doma, nem os meses infatigáveis no seu curso; mas na luz fulgurante do Olimpo permaneces
15 em perene juventude!
E sempre vigorará esta lei, no futuro como no passado: «nenhum mortal vai através da vida, de todo isento de aflições».
A vaga esperança é para muitos um amparo e
20 para outros muitos um engodo de desejos vãos; e arrasta após si o ignaro, até queimar o pé no fogo ardente.
Sentença célebre foi pronunciada judiciosamente por alguém: *O mal parece um bem àquele, cujo*

---

7. Refere-se sobretudo a Antígona, sobre a qual *brilhava agora uma luz*, isto é, a esperança de pôr termo à maldição que pesava sobre a casa de Édipo, por meio do seu casamento com Hemão

7-8. *Foice* é uma conjectura admitida por muitos intérpretes. A lição tradicional diz *pó*. Neste caso, segundo um escólio, o sentido seria *a morte arrebata-as e cobre-as o pó* (do sepulcro)

12-13. Ou: *que tudo doma* ou *que nunca envelhece*.

ânimo um deus impele para a ruína; e breve será o tempo, em que esteja livre de trabalhos.

Olha ali Hemão, o rebento mais novo da tua estirpe! Vem aflito por causa da sorte de Antígona,
5 sua noiva; e triste, por ver frustradas as núpcias.

HEMÃO, OS MESMOS

Creonte. Em breve, saberemos isso melhor do que os adivinhos.

Porventura, filho, vens indignado contra teu pai, depois de ouvires a sentença irrevogável contra
10 tua noiva?

Dedicar-me-ás o teu afecto, qualquer que seja o meu proceder?

Hemão. A ti pertenço, pai. Tu diriges-me com teus bons conselhos, os quais eu quero seguir. Pois
15 nenhum casamento considerarei melhor, do que ser dirigido, sàbiamente, por ti.

Creonte. Assim deves pensar, filho; a vontade do pai tenha preferência a tudo! É por esse motivo que todo o homem deseja ter filhos obedientes, em
20 sua casa, para que eles paguem ao inimigo paterno as ofensas e honrem ao amigo como a pai. Aquele, porém, que procria uma prole sem préstimo, que outra coisa dirias que faz senão criar trabalhos para si próprio e um objecto de escárnio para seus ini-
25 migos?

Portanto, meu filho, jamais te despojes do bom-

---

17. Para Creonte a linguagem de Hemão é incondicional; mas não o é, pois faz depender sua docilidade de *diriges-me com teus bons conselhos*.

-senso, subjugado pelo amor duma mulher, na certeza de que o amplexo duma má esposa é de gelo para quem coabita com ela. Porquanto que ferida magoa mais do que ter um amigo infiel?

Rejeita, pois, e aborrece essa donzela, como tua inimiga e deixa-a, no Hades, casar-se com outrem! De toda a cidade, foi a única pessoa que surpreendi em rebeldia manifesta; por isso, não me desmentirei a mim próprio, perante o povo, mas dar-lhe-ei a morte. Que invoque a Zeus, protector da família! Porque, se tolero que os meus propínquos sejam desobedientes, muito mais desobedientes serão os outros. Quem, na sua casa se mostra homem justo, também entre os cidadãos será considerado como tal.

O transgressor que viola as leis ou pensa dar ordens aos magistrados não pode ter o meu aplauso. É necessário obedecer ao que a cidade tem à sua frente, tanto nas coisas pequenas e justas, como nas grandes e injustas.

Ora, eu ouso dizer que aquele homem sabe mandar e obedecerá também voluntàriamente; e que, na tempestade da guerra, se mostraria, no lugar, em que foi posto, bom e valente auxiliar.

Não existe maior mal do que a desobediência. Ela destrói as cidades e põe as casas em desordem. Ao passo que a obediência salva as vidas de muitos que se deixam guiar, a desobediência ocasiona a derrota dos aliados.

---

21. A saber, o *homem justo*, de que falou acima
28. Outros vertem *que, nas fileiras, conservaram seu posto*.

Devemos, pois, proteger as leis e nunca nos deixarmos subjugar pela mulher. Porquanto, se é necessário sucumbir, vale mais que suceda isso por intermédio dum homem; mas nunca se diga que
5 somos escravos duma mulher.

Coro. A nós, se a idade não nos levou já o siso, parece-nos que falas acertadamente.

Hemão. Os deuses, meu pai, dotaram o homem de razão, que é o melhor, de quantos bens existem.
10 Que tua linguagem não seja justa não ousaria dizê-lo, nem disso seria capaz; não obstante, outro homem poderia também ter uma opinião sensata.

Tu não podes, naturalmente, perceber tudo quanto o povo diz ou faz ou o que ele se atreve
15 a censurar. Ao teu aspecto assustador, retrai-se de dizer palavras que te são molestas. Mas a mim é dado ouvir as lamentações que a cidade na sombra faz, a respeito desta donzela, pelo facto de, por um acto gloriosíssimo, sucumbir à mais igno-
20 miniosa das mortes, ela a mais inocente de todas as mulheres! Quem não deixou que seu irmão, caído em sangrento combate, ficasse insepulto e fosse presa dos crudívoros cães e das aves não seria digna de áureo louvor? Tal é o murmúrio clandestino,
25 que corre por aí, a meia voz.

Todavia nada me é mais precioso, ó pai, do que a tua felicidade. Pois que gozo será maior para os filhos do que ver florescente a glória do pai, ou para o pai do que a felicidade dos filhos? Não te
30 capacites de que só a tua opinião é justa e nada mais! Porque quem julga que só ele é sábio e tem

---

11. Ou: *nem desejaria saber isso.*

palavras e siso, como nenhum outro, este, revelando-se, mostra a sua vacuidade. Não; ao homem, ainda que seja douto, não lhe fica mal aprender sempre e não se obstinar demais.
5 Tu vês que, junto das correntes impetuosas, todas as árvores que cedem conservam ilesos seus ramos; ao contrário, as que resistem são arrancadas pela raiz. Igualmente, o que pilota uma nau, se retesa demasiado a escota e não cede, voltando-se
10 aquela, navega, depois, com o banco às avessas.
Eia, pois! Depõe a cólera e muda de pensar! Porquanto, se alguma sensatez em mim existe, apesar de ser mais jovem, sou de opinião que o melhor dos homens é aquele que de natureza possui
15 ciência em todo o sentido; faltando, porém, este, — não costuma dar-se aquele caso — é conveniente aprender dos que falam com senso.
Coro. Se ele falou a propósito, ó rei, é bom que o atendas; e tu, por tua vez, que escutes o
20 pai; na verdade, falastes ambos bem.
Creonte. Dum tal jovem deverei aprender ainda, na minha idade, a sensatez?
Hemão. Não aprenderás nada que não seja justo.

---

2. Hemão alude aqui à sentença de Teógnide: *Quem julga que o próximo é um ignorante e que só ele próprio tem pensamentos sábios este é um louco e privado de bom-senso.*

9-10. Outra letra diz: *o que, retesando demasiado a escota que guia a nau, não cede...* — *Navega, depois, com o banco às avessas* é expressão irónica, em vez de *naufraga*.

13-15. Ou: *julgo ser muito melhor que o homem possuísse de natureza ciência*

Se bem que sou jovem, deve contudo atender-se não à idade, mas às obras.

Creonte. É uma bela obra honrar os desobedientes?

5 *Hemão*. Nunca te exortaria a dar honra aos maus.

Creonte. Não foi ela surpreendida no crime?

Hemão. Nega isso todo o povo da cidade de Tebas.

10 *Creonte*. É preciso que a cidade me diga o que devo mandar?

Hemão. Não reparas que a tua linguagem é demasiado juvenil?

Creonte. Devo eu governar esta terra em proveito
15 de outrem, além de mim?

Hemão. A cidade não pertence a um só homem.

Creonte. Não é a cidade considerada pertença de quem a governa?

Hemão. Tu governarias bem sòzinho numa terra
20 deserta.

Creonte (para o Coro). Como vejo, ele está aliado com a mulher.

Hemão. Sim; se tu és a mulher; porque só cuido de ti.

25 *Creonte*. Ó imbecil, tu queres pleitear com teu pai?

Hemão. Porque vejo que vais por um caminho errado.

14-15. *Nimirum alius imperio, non meo, terra haec subjecta erit?* (Brunck-Bothe).

17-18. É a autocracia ilimitada e a expressão do princípio. *l'état c'est moi.*

Creonte. Erro eu, considerando o meu poder coisa sagrada?
Hemão. Não o consideras tal, calcando aos pés a honra dos deuses.
5 *Creonte.* Carácter vil, às ordens duma mulher!...
Hemão. Nunca me verás escravizado por coisas que me envergonhem.
Creonte. Todo este teu palavriado pleita só por ela.
10 *Hemão.* E em pró de ti e de mim e dos deuses infernais.
Creonte. Jamais será ela, em vida, tua esposa.
Hemão. Morrerá; mas, morrendo, arrastará mais alguém consigo.
15 *Creonte.* Tens a ousadia de me atirares à cara ameaças tais?
Hemão. É ameaça contradizer suposições que não têm sentido?
Creonte. À tua custa aprenderei a ter senso,
20 apesar de tu próprio seres privado dele!
Hemão. Se não foras meu pai, dir-te-ia que não pensas bem.
Creonte. Tu, joguete duma mulher, poupa o teu garrir.

---

10. Hemão afirma que pleita não só por Antígona, mas também em favor de Creonte, procurando demovê-lo dum crime, que ofende os deuses infernais e a si próprio.

17-18. Creonte percebera, errôneamente, as palavras de Hemão; por isso, supõe coisas *que não têm sentido.* Este visa apenas livrar Antígona, porque a morte dela será a sua própria morte.

23-24. Ou, como outros vertem: *tua palavra de carinho,* em referência à expressão *meu pai,* que é descabida, segundo Creonte.

Hemão. Queres falar e não ouvir a resposta?
Creonte. Sim? Sabe, pelo Olimpo, que não me insultarás impunemente com teus vitupérios.
(Para o séquito).
5 Trazei o monstro aqui, para que morra imediatamente, na presença de seu noivo.
Hemão. Nunca, não penses jamais nisso, ela morrerá diante de meus olhos, nem tu, no futuro, me tornarás mais a ver. Continua a delirar, entre
10 os amigos que te são dedicados! *(Sai).*
Coro. Ó rei, o moço saiu arrebatadamente, inflamado em cólera. Dum espírito daquela idade, quando a dor o exacerba, são a temer consequências fatais.
15 *Creonte.* Deixai-o ir! Que faça, que excogite mais do que ao homem é possível! As donzelas não as livrará da morte.
Coro. Então pensas matá-las ambas?
Creonte. Lembraste bem: a que não tocou no
20 cadáver não morrerá.
Coro. E de que morte tencionas fazer morrer a outra?

---

1. Hemão lembra a sentença: *Quem diz o que quer, deve ouvir também o que não quer,* que é o mesmo que o que diz Plauto: *Contumeliam si dices, audies* *(Pseud.,* 1173).

9-10. Eis a interpretação de Donner: *entre os amigos, que estão preparados, para aplaudirem a tua loucura.* Lição diferente é a de Brunck-Bothe, que vertem assim *in eos, qui te iuvare cupiunt, insanis.* Por sua vez, G. Kern interpreta: *entre os que querem assistir ao teu delírio.*

Creonte. Depois de a levar para um sítio não frequentado pelos homens, encerrá-la-ei, viva, num túmulo de pedra; e será seu alimento apenas tanto, quanto baste para não incorrer em culpa, a fim
5 de que não seja poluída a cidade. E ali, implorando o Hades, o único deus que ela honra, talvez consiga não morrer; aliás reconhecerá que é vão o esforço daqueles que veneram os que estão no Hades. *(Sai).*
10 *Coro.* Ó Eros invencível nas batalhas!
Ó Eros, que acometes e subjugas a vítima, sempre que a espias das meigas faces da donzela! Tu transpões os mares e entras na choupana do campónio; dos imortais nenhum se subtrai a ti, nem
15 dos homens efémeros; e aquele, de quem te apoderas, enlouquece.
Os corações inocentes tu pervertes e arrasta-los para o crime; e excitaste também esta discórdia entre consanguíneos.
20 A graça manifesta dos olhos de graciosa noiva triunfa no conselho, ao lado das leis supremas; pois Afrodita sai irresistìvelmente triunfante.

---

4. Entre os Gregos, era crime de lesa religião condenar alguém a morrer de fome; por isso, para não se incorrer no delito de impiedade, costumava dar-se algum alimento aos criminosos, simulando-se, deste modo, que não se tinha em vista a morte pela fome.

11. Interpretação duvidosa (vid. H. Schütz, *op. cit.*, págs. 234-235). Brunck-Bothe interpretam: *qui opes non affectas.*

12. Horácio exprime-se dum modo semelhante. *Ille* (Cupido) *virentis... Chiae pulchris excubat in genis* (*Carm.* IV, 13, 8).

21. Isto é, das leis morais: depois de atear a discórdia entre o pai e o filho, o amor vence também o

(Assoma Antígona).
Também agora eu ultrapasso a legalidade; e não posso mais conter a fonte das lágrimas, ao ver Antígona caminhar para o tálamo que a todos
5 acolhe.

ANTÍGONA, CORO

Antígona. Vede-me, ó cidadão da minha pátria terra! Vede-me fazer a minha última jornada, aos últimos raios do sol, que eu contemplo, pela vez derradeira! Nunca mais os tornarei a ver!...
10 O Hades, que tudo acolhe, leva-me, viva, para as margens do Aqueronte, onde não ressoarão himeneus, nem me celebrará nenhum canto nupcial. Aí desposar-me-ei com o Aqueronte!

Coro. Tu partes para a estância dos mortos, glo-
15 riosa e digna de todo o louvor, sem seres consumida por doenças nem ferida pelas espadas; por tua própria escolha, baixarás, viva, ao Hades, como nenhum dos mortais!

---

respeito e veneração que este deve àquele. Quanto à expressão *no conselho, ao lado das leis supremas,* deve observar-se que o texto é suspeito e objecto de conjectura. G. Kern interpreta-o. *in imperio summarum legum* e Brunck-Bothe: *cum maximis inter initia rerum legibus.*

2. Como a Hemão o amor assim a compaixão constrange o Coro a transgredir a lei, tomando com suas lágrimas, por assim dizer, partido a favor duma ré condenada pelo rei à morte.

Antígona. Ouvi dizer que a forasteira da Frígia, filha de Tântalo, sucumbiu, no alto do Sípilo, a uma morte misérrima: prendeu-a uma excrescência da pedra, enlaçando-a, como a hera; e corre voz
5 que nunca as chuvas deixam de a consumir, nem a neve a abandona jamais; e dos seus olhos manam rios de lágrimas, que lhe inundam o peito: dum modo semelhante, deita-me o fado a dormir o sono da morte.

10 *Coro.* Sim; ela era deusa e da estirpe dos deuses e nós somos mortais, nascidos de mortais. Contudo grande glória é para ti, morrendo, participar dum destino semelhante aos semideuses.

Antígona. Ai de mim, que sou escarnecida! Oh,
15 pelos deuses paternos, porque me insultas na minha presença, antes de ter partido?

Ó cidade e abastados cidadãos! Ó fontes Dirceias e bosque de Tebas de afamadas carroças! Sede todos testemunhas de que vou, sem ser chorada
20 dos amigos e constrangida pelas leis, para o abobadado cárcere dum sepulcro novo!

Ai, mísera que sou! Não participo da companhia dos homens, nem dos manes! Não pertenço ao número dos vivos, nem dos mortos!

---

2. Níobe, por se ter gloriado de ter mais filhos do que Latona, foi morta pelos dardos de Apolo e Diana e transformada por Zeus numa rocha, no cimo do monte Sípilo, na Frígia (cf. Ovídio, *Metamorphoses*, VI, 146-312).

17. Vid. pág. 156, 4.

21. Ou: *inaudito*.

22-24. Não se pode saber o pensamento exacto do poeta, por estar o texto deformado, bem como em outros passos desta cena.

Coro. Tendo levado tua ousadia até ao extremo, chocaste, filha, com ambos os pés contra o elevado trono da *Dike*. Tu expias os crimes, em que teu pai incorreu.

5 *Antígona*. Renovaste as minhas mais acerbas dores: a sorte do pai, que todos conhecem, e a desgraça que veio sobre todos nós, os ilustres Labdácides!

Ai, criminoso leito materno! Ai, incestuoso hime-
10 neu de minha mãe com meu desditoso pai, de que eu tive a desgraça de nascer, um dia! E, para junto deles, amaldiçoada e solteira, eu devo partir!

Ai, meu irmão! Foram infaustas as tuas núpcias!
15 Ainda, depois da tua morte, me tiras a vida!

Coro. Honrá-lo é obra pia; mas de modo algum se devem transgredir as ordens daquele, a quem pertence mandar.

A ti lançou-te na ruína tua rebeldia resoluta.

20 *Antígona*. Sem ser chorada, sem amigos e solteira, devo pisar este caminho, que me está preparado!

Jamais me é permitido (ai, infeliz de mim!) tornar a ver o sagrado disco do Sol! E nenhum
25 amigo existe que lamente a minha sorte deplorável!

---

2. Outra lição: *com toda a força*, em vez de *com ambos os pés*.

13. O irmão, a quem Antígona se refere, é Polinices, a cujo casamento com a filha de Adrasto, sem o qual não se teria realizado a expedição contra Tebas, ela atribui toda a sua desgraça.

16. Outros: *honrar os mortos*.

CREONTE, OS MESMOS

Creonte (para os guardas). Não sabeis que lamentações e cantigas nunca teriam fim, se fossem dalgum proveito para quem vai morrer?

Levai-a o mais depressa possível! E, depois de 5 a encerrardes, como disse, num túmulo abobadado, deixai-a aí sòzinha! Quer ela morra, quer continue a viver, nessa morada, nós ficamos livres de culpa e será privada a donzela da companhia dos vivos.

Antígona. Ó sepulcro! Ó câmara nupcial! Ó habi-10 tação subterrânea — cárcere perpétuo, onde me devo associar aos meus, a maior parte dos quais Perséfona já acolheu entre os mortos! Eu, de todos a mais infeliz, sou a última a descer ao túmulo, antes de ter atingido o fim de meus dias!

15 Contudo, ao ir para além, nutro a firme esperança de que a minha ida será grata ao pai e cara a ti, minha mãe, assim como a ti também, ó meu irmão. Porquanto com minhas próprias mãos lavei--vos, depois de mortos, tive o cuidado de vos orna-20 mentar e fiz libações sobre vossos túmulos.

Agora, ó Polinices, eis a paga que recebo, por cuidar do teu cadáver. Todavia pratiquei uma boa obra, na opinião dos sábios. [Certamente, se fosse mãe de filhos ou se jazesse insepulto o cadáver 25 de meu esposo, jamais empreenderia esse trabalho

---

2-3. Schneidewin interpreta *se fossem licitas*
12. Vid. pág. 136, 18.
18. Refere-se a Etéocles.
18-20. Sófocles segue aqui uma fábula diferente da seguida no *Rei Édipo* e no *Édipo em Colono*

contra a vontade dos cidadãos. Qual a causa que me leva a afirmar isto?

Se fosse um marido que me falecesse, poderia tomar outro; e, se a morte me levasse um filho,
5 ainda podia ter outro dum segundo esposo; mas não é possível que um irmão me possa jamais nascer, estando o pai e a mãe no Hades.

Foi levado por esta convicção que te prestei as honras devidas], o que pareceu, ó irmão, um
10 crime e uma ousadia inaudita a Creonte. E agora, depois de me prender, leva-me daqui, sem ouvir os cantos nupciais, antes de ter tido a sorte de me desposar e de ter os desvelos da alimentação da prole; mas, privada de amigos, baixo, antes de
15 morrer, à morada dos mortos.

Qual foi o preceito dos deuses que transgredi? Que me aproveita a mim, desgraçada, para eles levantar ainda os meus olhos? A quem pedirei socorro, visto, por uma obra pia, ter adquirido o
20 salário da impiedade?

Se, porém, estes maus tratos têm a aprovação dos deuses, nesse caso, sofrerei, reconhecendo-me

---

1. Isto é, dos afectos a Creonte, segundo G. Kern.

9. Uma das provas, além doutras, contra a autenticidade do texto entre colchetes é o facto de se mencionar aí um episódio que ocorre em Heródoto (III, 119), transcrito com bastante fidelidade, a saber: *Se fosse um marido que me falecesse*, etc. — palavras que o historiador põe na boca da esposa de Intafernes, a quem Dario concedera a graça de salvar da morte aquele que ela escolhesse, dentre os seus parentes. Bellermann, doutra parte, defende a autenticidade do texto, ao qual já Aristóteles se refere.

culpada; mas, se, ao contrário, aqueles é que são os culpados, que não os atinja um mal maior do que este que injustamente me fazem.

Coro. A donzela está animada ainda pela mesma
5 impetuosidade de espírito.

Creonte. Com lágrimas pagarão tanta demora os que a conduzem.

Antígona. Esta palavra indica que a morte já se aproxima!

10 *Creonte.* Não te consoles com a esperança de que não seja cumprida a sentença!

Antígona. Ó Tebas, minha pátria cidade! Ó deuses, antigos protectores da família! Eles conduzem-me já, sem mais demora!
15 Vede quanto e da parte de quem sofre a única restante dos dominadores de Tebas, só pelo facto de ter praticado obras pias! *(Sai com os guardas e Creonte).*

Coro. Dánae deveu também, encerrada em énea
20 masmorra, sofrer a privação da luz celeste; e, oculta nessa câmara sepulcral, foi constrangida a viver aí; apesar disso, era de nobre nascença, ó

---

1. Alude, principalmente a Creonte

2-3. Antígona deseja-lhes um mal igual ao que ela sofre, que é o pior que lhes pode desejar, pois dificilmente pode haver mal maior do que aquele de que ela é vítima.

10-11. Schneidewin atribui estas palavras ao Coro.

12-13. Os deuses, a que se refere, são Ares e Afrodita, pais de Harmonia, esposa de Cadmo.

15-16. Outra lição. *Vede, ó dominadores de Tebas .. a única que resta de sangue real...*

filha, e guardava, no seio, a auríflua sementeira de Zeus.

Na verdade, a força do destino é terrível: nem a violência da tempestade, nem o furor bélico, nem
5 fortalezas ou escuras naves, batidas das ondas, se podem subtraír a ele.

O colérico filho de Drias, rei dos Edonos, foi metido numa prisão de pedra por Dionísio, por causa do seu génio escarnecedor. Assim, destilou
10 a terrível e impetuosa fúria de seu desvario; e reconheceu que, em sua loucura, ofendera o nume com palavriado escarninho. Porquanto fez estorvo às

---

1. Enquanto Antígona vai a caminho do suplício, o Coro acompanha-a com este canto, destinado a servir-lhe de conforto. Lembra-lhe, em primeiro lugar, a sorte de Dánae, filha de Acrísio, rei de Argos, da qual conta a fábula que foi encerrada pelo pai numa torre de bronze ou, segundo outra versão, numa câmara subterrânea, ao ter conhecimento dum oráculo que um filho que dela nascesse o mataria e lhe usurparia o trono. Não pôde Acrísio, porém, impedir que Zeus penetrasse na prisão, transformado em chuva de oiro; depois do que Dánae deu à luz um filho de nome Perseu, que, juntamente com a mãe, foi posto dentro duma caixa de madeira e lançado ao mar

4. Outro texto: *riqueza* em vez de *violência da tempestade*.

9. O texto emprega o presente, em vez do passado

10. Em segundo lugar, o Coro menciona, para consolação de Antígona, o que sucedera a Licurgo, filho de Drias, que impediu as bacantes de introduzirem na Trácia, entre os Edonos, o culto de Baco. A *Ilíada* refere-se a esta fábula dum modo um pouco diverso: *O valente Licurgo, filho de Drias, não teve vida longa, por combater contra os deuses do céu. Ele pusera em fuga as amas do bêbado Dionísio, sobre o sagrado monte Nisa,*

ménadas e extinguiu os fachos de Baco; e excitou, além disso, a ira das musas amantes da flauta.
Banhadas pelas ciáneas ondas do mar duplo, estendem-se as costas do Bósforo e o inóspito Salmi-
5 desso dos Trácios, onde o indígena Ares viu a chaga cruel dos dois filhos de Fineu, que clamam vingança, por serem privados da vista por sua feroz esposa, servindo-se não de lança, mas das sanguinolentas mãos e das pontas das lançadeiras.
10 E os infelizes consumiam-se de dor e lamentavam a triste sorte de sua mãe, que os dera à luz dumas malfadadas núpcias.

---

e todas lançaram os tirsos para o chão, feridas com uma aguilhada pelo assassino Licurgo. O próprio Dionísio, com medo, mergulhou nas ondas do mar, onde Tétis o acolheu em seu seio, porque era grande o susto que lhe causavam as ameaças do homem. Mas os deuses de vida feliz indignaram-se contra ele, e o filho de Cronos cegou-o Depois disto, não viveu muito tempo Licurgo, pois era odiado por todos os deuses imortais (VI, 130-140).

2. As musas, que primitivamente eram companheiras de Apolo, após a difusão do culto de Baco, passaram a pertencer também ao cortejo deste deus.

3. Texto muito duvidoso. Segundo a lição de Schneidewin: *Ao lado das ciáneas rochas dos gêmeos mares...*

11. Por último, é aduzido o exemplo de Cleópatra, filha de Bóreas e de Oritiia, que, repudiada pelo esposo, depois de ter dela dois filhos, foi lançada por aquele em prisão, para tomar uma segunda mulher. Segundo a lenda, sucedeu isto nas costas do Bósforo, perto das Ciáneas ou Simplégadas, famosos rochedos à entrada do Ponto Euxino, em Salmidesso, cidade da Trácia, de onde Fineu era oriundo e na qual existia um templo dedicado a Ares.

Ela, que pertencia à raça dos vetustos Erectidas e fora criada em antros longínquos, entre as procelas do pai, era filha de Bóreas, ligeira, como os cavalos, em alcantiladas alturas; e descendia de
5 deuses.
Todavia o poder das *Moiras* longevas caiu sobre ela, ó filha!

CORO, CREONTE, TIRÉSIAS *(guiado por um rapaz)*

Tirésias. Nós fizemos ambos o mesmo caminho, guiados pelos olhos dum só; pois os cegos podem
10 andar apenas pela mão de outrem.
Creonte. Ó velho Tirésias, que há de novo?
Tirésias. Vou dizer-to; mas tu obedece ao vidente!
Creonte. Nunca me afastei, antes, dos teus conselhos.
15 *Tirésias.* E é por isso que diriges a cidade por um caminho direito.

---

1. Chamam-se assim os descendentes de Erecteu, o qual tinha culto em Atenas e um templo na Acrópole (o Erectéion). O neto deste, rei de Atenas, após a morte de seu pai, tinha também o nome de Erecteu e foi ele quem gerou Oritiia.

3. Segundo a mitologia, é uma personificação do vento norte. Ele raptara Oritiia, em Atenas, e levara-a para a Trácia, sua pátria, da qual tivera vários filhos; por isso é que o texto atribui a Cleópatra origem divina, apesar de Bóreas ser considerado divindade de segunda ordem.

6. A *Moira* é uma personificação do destino, que, em Homero, toma, geralmente, uma forma única e, nos poetas posteriores, forma múltipla.

Creonte. Posso testemunhar que tenho tido bom êxito.

Tirésias. Considera que estás agora, de novo, em grave risco.

5 *Creonte*. Que há? Tuas palavras fazem-me tremer.

Tirésias. Sabê-lo-ás pelos sinais que me indica a minha arte.

Estando eu assentado no velho posto augural,
10 onde estabeleci um abrigo para as aves todas, ouvi-as chilrear, desesperada e confusamente, num desconhecido tom. E percebi que umas às outras se descarnavam com garras sanguinolentas, pois que o estrépido das asas era bem perceptível.

15 Assustado, provei, imediatamente, em altares acesos, a chama sacrificial; mas esta não se erguia, brilhante, das vítimas; ao contrário, a gordura das coxas, derretendo-se e consumindo-se na cinza, lançava fumo e borbotava; e o fel dissipava-se no ar,
20 enquanto as coxas ficavam despidas, sem o invólucro da gordura.

Tais coisas soube deste rapaz, a saber, que era frustrado o augúrio, por o sacrifício não fornecer sinais; porquanto ele é meu guia, assim como eu
25 o sou dos outros.

Ora isto indica que a cidade sofre por tua culpa; porque as aras e os lares santos foram profanados por aves e cães, que devoraram pedaços de carne

---

1. Creonte salvara a cidade, sacrificando, a conselho de Tirésias, o seu filho Megareu, a fim de aplacar Ares, por ocasião do cerco que os Sete Chefes tinham posto a Tebas.

27. Ou: *todos os lares*.

do cadáver do filho infeliz de Édipo. Por esta razão, não aceitam os deuses nossas preces sacrificiais nem a chama das coxas; e nenhuma ave deixa ouvir sinais de bom agoiro, depois de se ter alimentado
5 com o sangue pingue dum homem morto.

Portanto, reflecte nisto, filho! Olha que a todos os homens é comum o errar; mas não é tido por inconsiderado e infeliz aquele que, após a queda, se corrige e não permanece aferrado ao seu erro.
10 A contumácia é arguida de inépcia. Cede, pois, ao morto e não firas a quem já morreu! Que prova é de valor matar o morto outra vez? Eu dou-te um bom conselho, porque te quero bem; e a um bom conselheiro é excelente escutá-lo, se o que diz traz
15 proveito.

Creonte. Ó velho, todos vós disparais o arco contra mim, como sagitários ao alvo; e não deixais até de me incomodar com a arte dos adivinhos, por cuja classe, já há muito, fui traído e vendido.
20 Enriquecei, importai, se assim o quiserdes, o electro de Sardes e o oiro da Índia; mas nunca consentirei que sepulteis o cadáver! Nem mesmo, se as águias de Zeus o quisessem arrebatar para seu pasto e levá-lo para o trono do deus, eu permi-

---

19. Creonte refere-se aqui não exclusivamente aos adivinhos, mas a todos, quantos se têm interessado por Antígona (cf. H. Schütz, *op. cit.*, págs. 243-244).

21. O electro era, como afirma Plínio, composto de 4/5 partes de oiro e 1/5 parte de prata. Ele provinha sobretudo de Sardes, cidade da Lídia, tanto em estado nativo, como composto artificialmente.

23. Creonte, em seu furor, descamba numa linguagem blasfema, pois que as águias eram consideradas mensageiras de Zeus e consagradas a ele.

tiria que ele fosse enterrado, destemido perante esta impiedade; pois sei bem que nenhum mortal pode poluir os deuses.

5 Os homens mais inteligentes, ó velho Tirésias, incorrem também em quedas vergonhosas, sempre que, por causa de lucro, fazem discursos torpes com gentis palavras.

Tirésias. Ui!... Sabe algum homem, considera alguém...

10 *Creonte.* Quê? Que falas para aí tão vagamente?

Tirésias. Que o mais excelente dos bens é a prudência?

Creonte. Assim como, na minha opinião, o maior dos males é não ter juízo.

15 *Tirésias.* Tu estás completamente infectado duma tal doença.

Creonte. Não quero replicar ao adivinho com insultos.

Tirésias. Não obstante, injurias-me, dizendo que
20 são mentiras as minhas predições.

Creonte. Toda a gentalha dos adivinhos é ávida de dinheiro.

Tirésias. E a dos tiranos ama os lucros torpes.

Creonte. O que tu dizes, sabes que o dizes a quem
25 manda em ti?

Tirésias. Sei; pois foi por meu intermédio que salvaste esta cidade.

---

8. Tirésias dirige-se a Creonte, como a um ausente; este, porém, interrompe-o e só conclui a frase, na fala seguinte.

23. Os tiranos amam *os lucros torpes,* porque só procuram executar a sua vontade, postergando a justiça e tendo em vista os seus interesses pessoais.

Creonte. Tu és um adivinho hábil, mas propenso à maldade.

Tirésias. Obrigas-me a dizer o que tenho escondido no peito.

5 *Creonte*. Revela-mo; mas não fales só com vistas a lucro!

Tirésias. Eu penso também assim, quanto ao que te respeita.

Creonte. Tem a certeza de que não hás-de com-
10 prar a minha opinião.

Tirésias. Pois bem! Fica então sabendo que o Sol não executará muitas revoluções, em seu curso veloz, antes de tu próprio seres obrigado a dar um morto nascido de teu sangue, em compensação dos
15 mortos: por teres lançado uma vida dentre os vivos para entre os ínferos, encerrando-a infamemente num sepulcro, e por negares sepultura e honras fúnebres a um cadáver, que reténs ainda, neste mundo, segregado dos deuses infernais. Ora tu não
20 tens direito a isso, nem tão-pouco os deuses súperos; mas praticas uma violência. Por isso, as vingadoras fatais, as Erínias do Hades e dos demais deuses andam a espiar-te, para te enredarem na mesma rede de males.

25 Repara bem se falo por suborno de dinheiro! Os lamentos dos homens e das mulheres, em tua

---

7. Isto é falarei, não para teu lucro. A tradução *penso fazer isso, não para meu, mas para teu proveito* não é correcta (vid. H. Schütz, *op. cit.*, pág. 245).

13-15. Creonte pagará com a morte de seu filho Hemão o crime cometido contra Polinices e Antígona.

22. As Erínias estavam ao serviço dos deuses infernais e dos deuses súperos.

casa, mostrar-te-ão isso, em breve. E todas as cidades sublevar-se-ão, hostis, nas quais profanaram e despedaçaram os cães, as feras ou voláteis os cadáveres, cujo cheiro maldito introduziram no lar
5 pátrio.

Porque me ofendeste, disparei, em minha cólera, como um sagitário, tais dardos certeiros contra teu coração, a cujo ardor não poderás escapar. *(Para o guia)*.

10 Rapaz, vamos para casa, para que ele descarregue a ira contra outros mais jovens e aprenda a usar da língua com mais calma e a ter mais juízo do que tem agora. *(Sai com o rapaz)*.

Coro. Ó rei, o homem partiu, após uns vaticínios
15 pavorosos. Eu, desde que os meus cabelos de pretos se mudaram em brancos, sei que nunca anunciou embustes a esta cidade.

Creonte. Também sei isso; e sinto meu espírito perturbado. Mas ceder é difícil; ao contrário, se
20 resisto, posso esbarrar contra uma terrível calamidade.

Coro. Usa de prudência, Creonte, filho de Meneceu!

---

3. Estes cadáveres eram dos companheiros de Polinices, aos quais Creonte proibira dar sepultura

4-5. O texto diz: *no lar sagrado da cidade*. Como, porém, acima se refere a *todas as cidades*, não é possível supor que aluda exclusivamente a Tebas. Convém todavia observar que este passo não é considerado autêntico por Dindorf e muitos outros (vid H. Schütz, *op. cit.* págs. 246-247).

19. Brunck-Bothe: *ignavi et timidi est*.

Creonte. Que devo fazer então? Fala! Quero seguir o teu conselho.

Coro. Vai e tira a donzela do sepulcro! Em seguida, dá um túmulo ao morto!

5 *Creonte.* É isso que me aconselhas? Parece-te que devo ceder?

Coro. O mais depressa possível, rei; porque a vingança dos deuses atinge, com passo célere, os insensatos.

10 *Creonte.* Ai de mim!... A custo, a custo me resolvo a seguir o teu conselho; mas não devo para minha desgraça combater com o Destino.

Coro. Parte e executa esse trabalho imediatamente! Não o confies a outrem!

15 *Creonte.* Eu vou já.

Eia, servos, eia! Vós, os que estais aqui e todos os outros, empunhai machados e correi para aquele lugar sobranceiro! E, visto ter mudado de parecer, eu próprio que a encarcerei, quero pô-la também

20 em liberdade. Pois temo que seja o mais aconselhável viver, respeitando as leis estabelecidas *(Sai)*.

Coro. Tu, poliónimo ornato da donzela cadmeia

16-21. As palavras de Creonte parece não estarem em conformidade com a narração feita adiante pelo Mensageiro; e, por isso, é que alguns intérpretes admitem aqui uma lacuna ou uma interpolação. O caso, porém, resolve-se, considerando com G. Kern e a maioria dos modernos que Creonte, no pavor que repentinamente o assaltou, falou precipitadamente e dá apenas ordens vagas (vid. H. Schütz, *op. cit.*, pág. 248).

21. As leis defendidas por Antígona.

22. Sémela, filha de Cadmo e mãe de Baco — o deus tutelar de Tebas, que o Coro invoca, aterrado pelas predições de Tirésias, o qual denominavam também *Dionísio, Iaco, Évio, Leneu, Tioneu*, etc. Esta polionímia era uma ambiciosa pretensão dos deuses.

e filho de Zeus altitonante, que proteges a ínclita Itália e reinas nas planícies hospitaleiras de Deo, em Elêusis! Tu, ó Baco, habitas em Tebas, metrópole das bacantes, ao pé das fluidas correntes do
5 Ismeno, onde germinou a sementeira do dragão selvagem!

A ti vêem-te as tedas brilhantes, sobre o penhasco de duplo vértice, onde as corícias ninfas se dão a báquicas festas, assim como a fonte de
10 Castália.

E as alturas coroadas de hera do monte de Nisa

---

2. Alude-se aqui ao Sul da Itália ou Grande Grécia, que se distinguia pela cultura do vinho e, por conseguinte, pelo culto de Baco, sobretudo Tarento e seus arredores. A lenda faz remontar esta cultura à expedição de Baco contra os Tirrénios, do qual muitos companheiros ficaram em Itália e introduziram-na aí.

3. Nos mistérios eleusinos celebrados em honra de Deo ou Deméter (Ceres) Baco tinha grande parte, sob o nome de Iaco.

5. Vid. pág 136, 2-3.

7-8. É o Parnaso, de cujos vértices um era dedicado a Apolo e o outro a Baco. Aí costumavam celebrar-se orgias nocturnas, ao clarão de fachos.

8. Ninfas, que habitavam a gruta corícia, no Parnaso.

9. Célebre fonte, que brotava nas fraldas do Parnaso.

11. Ainda existem vários montes assim designados, todavia parece que o poeta se refere aqui ao de Nisa, em Eubea, no qual, segundo dizem os antigos escritores, havia uma videira, que dava uvas todas as manhãs, as quais estavam maduras à noite.

e suas verdejantes encostas, ricas em uvas, enviam-te para nós de visita às ruas de Tebas, enquanto belos hinos ressoam em tua honra.

5 É esta a cidade que tu amas em extremo, mais do que todas as outras, juntamente com a mãe fulminada pelo raio.

Acorre também agora, porque a cidade de Tebas é vítima dum flagelo terrível! Vem salvá-la, descendo das alturas do Parnaso ou caminhando sobre
10 o fremente estreito!

Eia, ó condutor dos flamejantes astros e guia dos coros nocturnos! Vem, ó descendente de Zeus, com as ménades de Naxos, tuas companheiras, que, entusiasmadas, te celebram com suas nocturnas dan-
15 ças a ti, o governante Iaco!

UM MENSAGEIRO, O MESMO

Mensageiro. Habitantes das casas de Cadmo e de Anfião! Não louvarei nem censurarei jamais a vida

---

5-6. Sémela pediu a Zeus que o deixasse ver em toda a sua magnificência. Foi-lhe concedido isto, mas pereceu fulminada.

10. Referência ao estreito de Eubea.

12. Como as festas de Dionísio eram celebradas de noite, à luz dos archotes, a fantasia do poeta considerava as estrelas participantes dessas festas, que formavam, por assim dizer, um coro.

17. Filho de Zeus e de Antíope e esposo de Níobe, que, segundo a fábula, erguera os muros de Tebas, ao som da lira.

do homem, seja qual for o cariz que apresente. Porque a fortuna, em todo o tempo, exalta e abate o feliz e o infeliz; e nenhum adivinho conhece o futuro dos mortais.

5 Creonte era antes, a meu parecer, digno de inveja, o qual, depois de salvar a terra de Cadmo dos seus inimigos e de assumir o governo absoluto da região, reinava, rodeado pela felicidade duma nobre descendência. Mas agora tudo está perdido;
10 pois, quando as alegrias abandonam um homem, não considero mais este um vivo, mas um cadáver ambulante.

Sê dono, se te apraz, duma casa muito rica e vive no esplendor real! Se te faltar a alegria, não darei
15 pelo resto a sombra do fumo, em comparação dela.

Coro. Que nova desgraça vens tu anunciar acerca dos imperantes?

Mensageiro. Morreram; e os culpados da sua
20 morte são os vivos.

Coro. E quem foi o assassino? Quem morreu? Fala!

Mensageiro. Hemão está morto! Jaz, banhado no seu próprio sangue!

25 *Coro*. Vítima do pai ou de suas próprias mãos?

Mensageiro. De suas próprias mãos, indignado contra o pai, por causa da outra morte.

Coro. Ó adivinho, como foram verdadeiras tuas palavras!..

30 *Mensageiro*. Sendo esta a situação, importa pedir conselho, quanto ao resto.

23-24. Ou: *Mãos violentas tiraram-lhe a vida.*

Coro. Vejo ali Eurídice, a infeliz esposa de Creonte, que saiu do palácio, ao ouvir mencionar o filho, ou casualmente.

EURÍDICE, OS MESMOS

Eurídice. Cidadãos, eu ouvi a vossa conversa, ao
5 caminhar para a porta, a fim de ir apresentar os meus votos à deusa Palas. E corria, precisamente, o fecho, quando uma palavra de doméstica desventura me feriu os ouvidos. Assustei-me e caí para trás, desfalecida, nos braços das minhas aias.
10 Qualquer que seja a notícia, dizei-a de novo; pois podê-la-ei escutar, visto de desgraças não ser já inexperiente.

Mensageiro. Estimada rainha, vou falar como testemunha do caso, sem omitir nenhum pormenor.
15 Para que havia de dissimular, se os factos, por fim, me desmentiriam? Só a verdade resiste a toda a prova.

Eu acompanhei teu esposo, na qualidade de guia, ao extremo do vale, onde o corpo de Polinices jazia
20 ainda, dilacerado horrìvelmente pelos cães. E, depois de rogarmos à deusa dos caminhos e a Plutão que contivessem, benignos, a sua cólera, lavámo-lo

---

19. Outros vertem: *planalto*, do mesmo modo que acima (pág. 200, 18). Deve, porém, notar-se que o texto usa expressões diferentes

21. Hécate, deusa triforme, para quem se colocavam alimentos, nas encruzilhadas, ao fim de cada mês.

com água lustral e incinerámos com ramos cortados de fresco o que dele restava ainda; em seguida, erigimos-lhe um elevado túmulo de terra pátria.
Após este trabalho, baixámos para a lítica e fú-
5 nebre câmara nupcial da donzela. Então, estando nós ainda longe, um dos nossos ouviu altos lamentos, vindos do sepulcro privado de honras fúnebres; e, aproximando-se do rei Creonte, comunicou-lho. Este acerca-se mais; e, como aos seus ouvidos che-
10 gasse um som indistinto de gemebunda voz, soltou, suspirando, esta queixa triste: — *Ai, pobre de mim! Sou eu profeta? É, porventura, esta a jornada mais infeliz de quantas tenho feito? Oiço a voz de meu filho! Eia, servos! Correi! Aproximai-vos do túmulo*
15 *e, depois de penetrardes no seu interior, por uma abertura praticada no edifício, vede se foi a voz de Hemão a que ouvi, ou se me iludem os deuses!*
Nós, obedientes às ordens do desanimado rei, fomos examinar; e vimos, na câmara interior, a
20 donzela suspensa pelo pescoço dum laço feito de pano de linho, enquanto o jovem, abraçando-a pela cintura, lamentava a morte da noiva, o crime do pai e as núpcias funestas.

---

1. Os ramos usados na incineração dos cadáveres eram de oliveira.

16. Estes túmulos eram cerrados, provàvelmente, por uma pedra móvel, à maneira dos túmulos orientais, que dava passagem para uma antecâmara, em comunicação com o túmulo pròpriamente dito.

22. Seyffert, supondo que Antígona ainda não estava morta, em vez de *a morte da noiva*, interpreta *o enterro*, de que ela e Hemão seriam privados (vid. H. Schütz, *op. cit.*, pág. 251).

Como Creonte o visse, lança-se para dentro, gemendo de dor, e clama com lágrimas na voz: — *Tu que fizeste, desgraçado? Que pensamento te sobreveio, ou de que acesso de loucura és vítima? Anda,*
5 *filho, cá para fora! De joelhos to imploro!...*
Mas Hemão, lançando ao pai um olhar torvo e cuspindo-lhe na face, puxa, sem nada responder, pela espada de dois gumes; entretanto, Creonte foge para fora e ele erra o golpe.
10 Em seguida, o infeliz, indignado contra si próprio, inclinou-se, acto contínuo, sobre o ferro e cravou-o nas costelas até ao meio; depois, ainda senhor de si, abraça-se à donzela e com sua respiração acelerada lança-lhe, no estertor, na face pá-
15 lida, purpúreas gotas de sangue.
Assim jaz um cadáver junto doutro cadáver; e o infeliz foi celebrar as suas núpcias na casa do Hades, mostrando aos homens, com seu exemplo, como a inconsideração é o pior dos males para
20 toda a gente. *(Eurídice sai bruscamente)*.
Coro. Como interpretas aquilo? A rainha saiu, sem pronunciar uma única palavra, nem boa nem má.
Mensageiro. Também estou admirado; consola-
25 -me, porém, esta esperança: tendo ouvido mencio-

---

7. Segundo os antigos. *vultu fastidium prodens.*
7-8. A tradução literal e na accepção restrita é *ambo corripit ensis dentalia* (Brunck-Bothe).
12. Ou: *no meio das costelas*, como outros traduzem.
16. O Mensageiro esquecera-se de dizer que Hemão desprendeu Antígona do laço e depôs o seu cadáver sobre a terra.

nar a desgraça de seu filho, não julgará decoroso lamentar-se em público, mas quer, em casa, ordenar às criadas que façam as lamentações, em família. Pois não é tão imprudente, que cometa algum
5 desatino.

Coro. Não sei. A mim parece-me que o excessivo mutismo é um sinal funesto, do mesmo modo que lamentações altas e desarrazoadas.

Mensageiro. Mas, entrando dentro do palácio,
10 descobriremos se ela abriga algum desígnio, em seu coração aflito. Porque dizes bem: o demasiado mutismo também é sintomático. *(Sai).*

Coro. Eis o rei que se aproxima, trazendo nos braços a prova eloquente, se me é lícito assim falar,
15 não dum crime alheio, mas da própria culpa!

CREONTE *(com o cadáver de Hemão),* CORO

Creonte. Ai, erro atroz e fatal da minha mente louca!...

Oh!... Eis na vossa presença o assassino com sua vítima, ambos do mesmo sangue — consequência
20 infeliz da minha resolução!...

Ai, meu filho! Morreste jovem; sucumbiste a uma morte prematura!...

Ai, ai, ai! E foi não a tua, mas a minha insânia que te matou, que te tirou a vida!...

---

3. Tal era o costume, desde os tempos homéricos. Andrómaca, por exemplo, depois de se despedir de Heitor, foi para casa, *onde encontrou suas numerosas criadas e incitou-as a todas a fazerem lamentações (Ilíada,* VI, 498-499)

Coro. Oh, como reconheces tarde demais a tua injustiça!

5 *Creonte*. Infeliz de mim! Eu reconheço-a em minha desgraça! Um deus feriu-me, fazendo desabar sobre a minha cabeça uma grande calamidade; e lançou-me para caminhos funestos, transtornando assim e espezinhando o meu bem-estar!...

10 Ai, ai, trabalhos trabalhosos dos mortais!...

UM SEGUNDO MENSAGEIRO, OS MESMOS

Segundo mensageiro. Senhor, tu pareces vir como homem, de quem a desgraça é a possessão! Trazes essa nos braços e, no teu palácio, outra verás, em breve!

15 *Creonte*. Que há? Algum mal ainda maior do que este?

Segundo mensageiro. Tua desventurada esposa, que era a mãe verdadeira desse morto, acaba de expirar, vítima de recentes golpes!

20 *Creonte*. Oh dor!... Porque é, ó implacável sorvedoiro do Hades, porque é que me matas?...

Que palavra pronunciaste, mensageiro de dolorosa mensagem? Ai, ai! Tu deste a um morto outra vez a morte!...

25 Mas que dizes, moço? Que novidade me anuncias? Oh dor! Oh dor!... Acresce a esta calamidade ainda a morte da esposa?...

11-13. Outra lição: *qualibus mactatum afflictum-que malis, qualia etiam advenientem hic videre te oportet* (Brunck-Bothe).

Coro. Tu podes vê-la; pois já não está no interior do palácio.

(Aparece, no fundo da cena, o cadáver de Eurídice).

Creonte. Pobre de mim! Tenho diante dos olhos uma outra desventura!...
5 Que sorte me espera por fim?... Sustento ainda o filho nos braços e vejo à minha frente outro cadáver!
Oh, oh, infeliz mãe!... Ai, filho meu!...
Segundo mensageiro. Ferida mortalmente, a noite
10 cerrou-lhe as pálpebras, junto do altar, após ter chorado a sorte gloriosa do defunto Megareu e deste seu filho. Contra ti, o filicida, pronunciou, depois, horrorosas imprecações.
Creonte. Ai, ai!... Eu esvaio-me de pavor!...
15 Porque não me feriu ninguém ainda com uma espada ancípite?...
Ai! Infeliz de mim!... Estou submerso em dor miseranda!...
Segundo mensageiro. Esta defunta atribuiu a ti
20 a causa da morte deste e daqueloutro.
Creonte. De que modo lhe desatou a morte os laços da vida?
Segundo Mensageiro. Feriu-se a si própria no peito, apenas ouviu a notícia da triste desgraça do
25 filho!
Creonte. Ai, ai!... Estes crimes não passarão

---

11. Seyffert conjectura: *leito vazio*, em vez de *sorte gloriosa*. — Quanto a Megareu, cf. pág. 195, 1.

jamais de mim para outro qualquer dos mortais! Eu fui a causa deles! Fui eu, fui eu, miserável, quem te matou! Reconheço a verdade!

Servos, levai-me depressa, levai-me para longe
5 daqui! Não sou mais que um nada!

Coro. O que desejas é vantajoso, se pode haver na desgraça alguma vantagem. Na verdade, o melhor é que os males presentes tenham curta duração.

10 *Creonte.* Oh, venha, apareça em boa hora o último de meus fados; e traga consigo o meu dia supremo! Venha!... Que eu não veja nenhum dia mais!...

Coro. Isso é do futuro. Agora deve cuidar-se do
15 presente; do resto cuidam aqueles, a quem isso pertence.

Creonte. Só imploro o objecto do meu anseio.

Coro. Não implores nada. Os mortais não podem subtrair-se ao que foi determinado pelo destino.

20 *Creonte.* Levai daqui o louco, que, sem querer, filho, te matou e também a ti, esposa!

Ai, infeliz de mim! Não sei para qual devo olhar, nem onde me apoiarei; porque estão invertidas

---

7-9. Esta última parte é omitida por Brunck-Bhote.

11. Isto é: a sorte que me está reservada pelo Destino.

14-16. Equivale a dizer: no presente, enterremos os mortos; do futuro cuidarão os deuses.

19. Cf. Virgílio: *Desine fata deum flecti sperare precando* (*Aen.* VI, 376).

23. O texto está muito deturpado e são várias as conjecturas. *Omne sub terra* (Brunck-Bothe); *Es wankt alles... was mir zu Händen...* (Donner); *Tout vacille entre mes mains* (Mazon). Segui a lição de G. Kern.

todas as coisas que podiam servir-me de amparo; sobre a minha cabeça desabou um insuportável destino!... *(Sai)*.

Coro. A primeira condição para se ser feliz é a
5 prudência; não se devem, por isso, cometer acções ímpias contra os deuses. As palavras ousadas dos orgulhosos atraem graves castigos, que lhes ensinam, por fim, a sensatez.

---

4. Esta fala começa assim, segundo Brunck-Bothe: *At sane quidem, si quae urgent mala, quo breviora, eo sunt leviora* — texto que omitiu acima (vid. pág. 210, 7-9).

ÍNDICE

CORRIGENDA

Na	pág.	6,	linha	28,		leia-se.	*quer to tenha*
»	»	29,	»	1	das notas	»	*15-16*
»	»	37,	»	8		»	*Mérope*
»	»	65,	»	24		»	*o espectáculo*
»	»	66,	»	2	da nota	»	*aconselhar*
»	»	78,	»	7	das notas	»	*Pálade*
»	»	79,	»	4	das notas	»	*exteriorizavam*
»	»	83,	»	16		»	*terdes*
»	»	136,	»	8	das notas	»	*17*
»	»	156,	»	10		»	*comados*
»	»	156,	»	19	das notas	»	*18*
»	»	162,	»	4		»	*dirigimos*
»	»	181,	»	15		»	*esta*
»	»	188,	»	3	das notas	»	*14*
»	»	190,	»	8		»	*levada*
»	»	193,	»	1		»	*ménades*
»	»	200,	»	7	das notas	»	*fala*
»	»	201,	»	18	das notas	»	*Ainda que*

Na pág. 11, a linha 3 das notas pertence à pág. 15, linha 20.

COLECÇÃO
DE CLÁSSICOS
SÁ DA COSTA

SÓFOCLES
TRAGÉDIAS DO CICLO TEBANO

LIVRARIA
SÁ DA COSTA
EDITORA
LISBOA

COLECÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA
INSTRUERE: CONSTRUERE
LIVRARIA SÁ DA COSTA
EDITORA LISBOA